



O AGENTE SECRETO

UM ROTEIRO DE KLEBER MENDONÇA FILHO

POSFÁCIO DE WAGNER MOURA

**AMARJ
CORD**

“O Agente Secreto”

ESCRITO POR
KLEBER MENDONÇA FILHO
09/06/2024

MONTAGEM. FOTOS

Com o som difuso de cigarras apitando em fim de tarde no sertão do Nordeste do Brasil, uma MONTAGEM de fotos de arquivo em preto e branco de telenovelas brasileiras dos anos 1970.

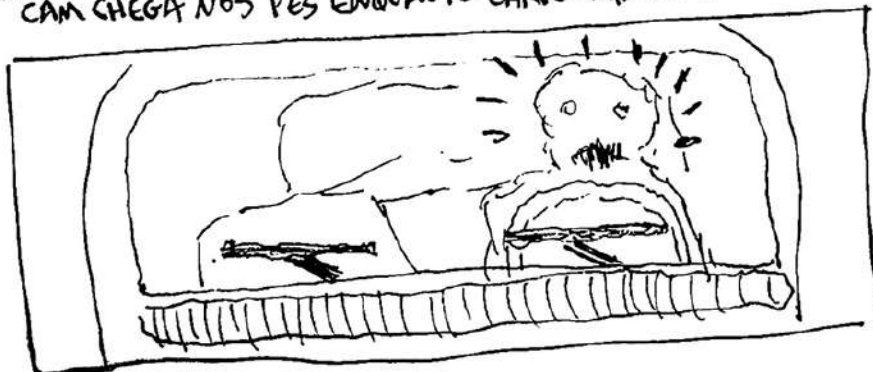
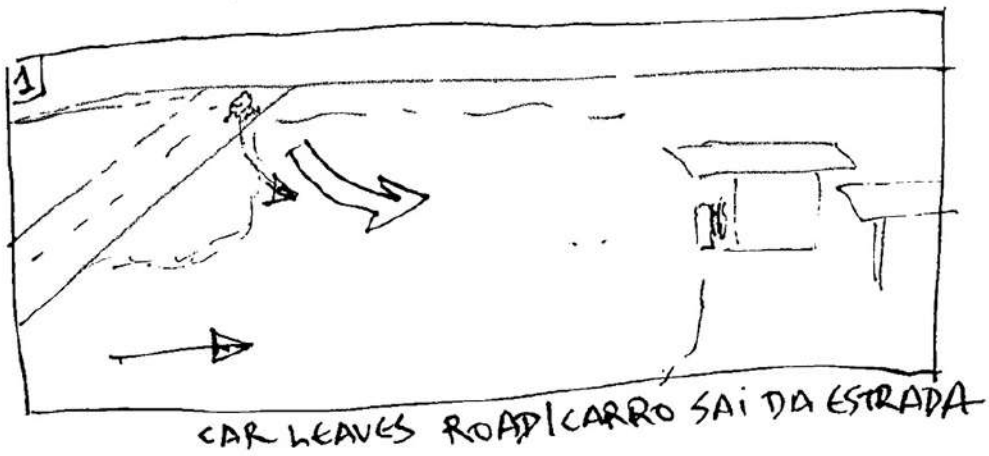
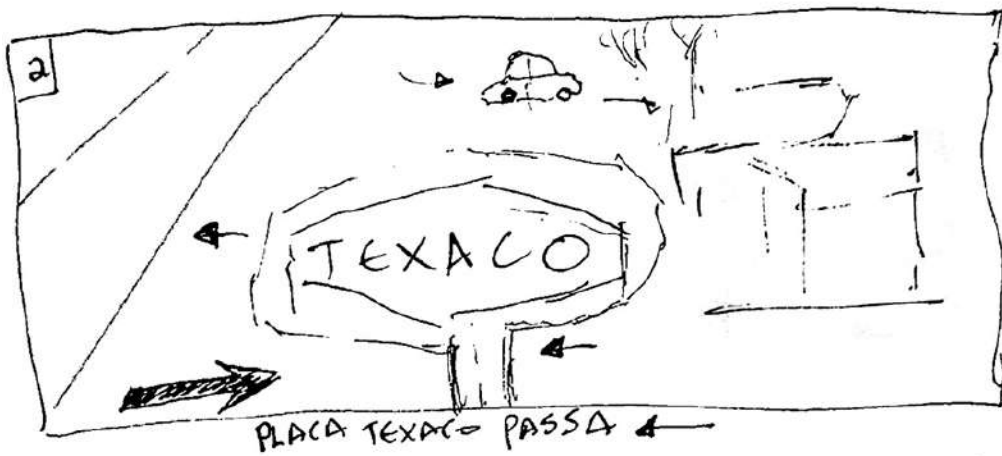
As fotos são apresentadas grandes, no formato CinemaScope, SEM NENHUM CRÉDITO.

O som da natureza vai ficando mais intenso.
(CONT.)

Cenários melodramáticos misteriosos, figurinos de época. Cada imagem permanece tempo suficiente para que possamos vê-la com atenção.

FADE OUT (APENAS IMAGEM):

EXT. ESTRADA/POSTO DE GASOLINA. DIA





LETREIRO: Pernambuco, 1977

Um trecho ermo de uma estrada secundária.

Um Fusca amarelo-claro 1972.

O motorista é MARCELO, barbudo que dirige sozinho seu Fusca, no qual leva caixas, sacolas e mala. O carro encosta num posto de gasolina ermo, quase escondido. O para-brisa tem restos de insetos esmagados pelo impacto da velocidade na estrada.



Antes de o carro parar junto da bomba de combustível enferrujada, algo chama a atenção de Marcelo: ele vê a 10 metros de distância, estendido sob o sol, o corpo de um homem coberto com papelões. Paralelepípedos evitam que o vento sopre a proteção. Uma mancha grande de sangue

escuro sugere a cabeça estourada, dois tocos de vela já queimados, um nos pés, outro na cabeça.

O FRENTISTA sem camisa, de óculos e com alpercata de couro SURGE de uma porta.

Uma surpresa...

FRENTISTA

(Tranquilo.)

Boa, é pra completar?

Marcelo olha para o frentista, olha para o cadáver metros à frente e para o mostrador de gasolina do Fusca, o motor ainda ligado:

DETALHE DO MOSTRADOR: Aponta para o “V” de VAZIO.

MARCELO

É pra completar... Mas o que é aquilo?

Marcelo desliga o motor, destrava o capô, que o frentista abre. Marcelo fica no carro, mirando o cadáver.

FRENTISTA

(Animado por estar falando com alguém.)

Isso foi domingo, esse infeliz veio roubar umas lata de óleo...

Começa a abastecer.

FRENTISTA

Aí o menino da noite tava aqui, o caba veio correndo pra cima dele com uma pexêra.

Rivanildo - o menino da noite -, deu-lhe dois

TEBEI de .12, um NAS CAXA DOS PEITO, outro na cara.

(Pausa.)

E não se levantou mais...

Marcelo tenta encaixar a história na cena que está vendo... Destrava a porta e sai do Fusca.

MARCELO

E tá aí desde domingo?

Marcelo estira os músculos, viagem longa.

FRENTISTA

Tá... Foi domingo de carnaval pra segunda, madrugada da segunda. Rivanildo ligou pros donos, eu liguei, não atenderam...

O frentista joga água no vidro dianteiro.

FRENTISTA

Com o carnaval, ficou aí... Rivanildo fugiu pra se esconder e pra sair num bloco... Me deixou sozinho... Se eu for embora, perco o emprego, se eu fico, é essa carniça... Começou a feder ontem de manhã...

(Pensa, resignado.)

Eu quase me acostumei já.

Marcelo finalmente reage ao cheiro...

MARCELO

(Vira o rosto instintivamente, põe a mão na boca.)

Putá merda...

E a polícia?

FRENTISTA

Mai tá... Disseram que tava com muita ocorrência por causa do carnaval, falaram que até a Quarta-Feira de Cinza vinham pegar.

(Pausa.)

Amanhã é Quarta-Feira de Cinza, quero ver...

FILMADOS A DISTÂNCIA: uma matilha de cinco cachorros vem andando pelo acostamento da rodovia. Passam a ter interesse no cadáver por causa do fedor. O frentista interrompe o abastecimento e insinua um susto nos cachorros, jogando pedrinhas.

FRENTISTA

Sai!... De novo... oxe...

MARCELO

(Agora olhando para o morto.)

Pode parar em 400 cruzeiros...

Algo chama a atenção de Marcelo e do frentista, eles giram a cabeça...

CORTA PARA:

EXT. POSTO DE GASOLINA/ESTRADA.

DIA - PONTO DE VISTA

Uma Belina amarelo e azul da Polícia Rodoviária Federal entra no posto, dois policiais dentro.

FRENTISTA

(Olhando a Belina da Polícia.)

Eta, finalmente...

Marcelo assiste à chegada do carro e se aproxima do seu Fusca. O frentista encerra o abastecimento,

põe a mangueira na bomba.

A viatura policial desacelera, como um avião taxiando, na área do posto. Ela dá a volta e passa perto do homem morto. Depois vai em direção às bombas de gasolina.

MARCELO

(Para o frentista, despedindo-se.)

Obrigado aí. Boa sorte.

Marcelo entra no seu carro e liga o motor, mas os policiais dão um toque na sirene.

O do assento do passageiro gesticula DESLIGA para Marcelo.

Um dos policiais sai da viatura e vem andando com um ar de autoridade cansada na direção do Fusca de Marcelo. Seu uniforme tem uma pequena, mas destacada, mancha de sangue acima do peito direito. Ele usa também cinturão, revólver .38 mm, quepe e óculos escuros.

POLICIAL 1

(Chegando para Marcelo.)

B'dia, cidadão...

Marcelo parece surpreso, mas tranquilo. Desliga o motor.

POLICIAL 1 (CONT.)

Documento de habilitação e documento do veículo.

CORTA PARA:

DETALHE PLACA ENFERRUJADA: NÃO FUME - CAVEIRA E A PALAVRA INFLAMÁVEL. (PAN) O Policial 2 sai do carro acendendo cigarro com caixa de fósforos.

FRENTISTA

(Aproximando-se do Policial 2, apontando para o morto.)

Boa... Tá aí desde domingo. Vocês demoraram

POLICIAL 2

(Olha para o morto.)

Isso aí? A gente não tava nem sabendo...

FRENTISTA

Vocês não vieram por causa do defunto?

POLICIAL 2

Não. O colega aí pediu pra parar por causa do Volks amarelo...

O frentista coça a cabeça e se vira, olhando para o Fusca de Marcelo.

CORTA PARA:

EXT. POSTO DE GASOLINA/FUSCA. DIA

O policial examina a carteira de motorista.
E o documento do carro. Ele é detalhista.

POLICIAL 1

Mostra o extintor de incêndio, por obséquio?

Ele devolve a documentação para Marcelo, que joga o jogo. Tenta soltar o extintor junto às pernas quando é interrompido pelo policial.

POLICIAL 1

O cidadão pode sair do veículo, por favor?

Do banco do motorista, Marcelo olha pra cara do policial.

MARCELO

O senhor precisa entrar no meu carro mesmo?

POLICIAL 1

Preciso, confie em mim.

Marcelo sai do Fusca. O policial entra no carro de joelhos e faz uma vistoria interna. Arranca o extintor.

SPLIT DIOPTER: No mesmo plano, o policial dentro do carro/Marcelo do lado de fora, lá atrás.

MARCELO

O extintor tá em dia...

DETALHE - Papel com data de vistoria e prazo de validade: 27/11/1976 - 27/11/1978

POLICIAL 1

E tá mesmo...

Ocupando a cadeira de motorista, como se fosse o novo dono do carro, o policial pergunta:

POLICIAL 1 (CONT.)

Tem tóxico no veículo? Não puxa um fuminho, não?

MARCELO

(Uma mentira firme.)

Não.

Abre o porta-luvas...

POLICIAL 1

Tem arma?

Marcelo, atento, responde:

MARCELO

Não tem droga nem eu ando armado.

O policial passa a mão embaixo da cadeira, NÃO HÁ NADA.

A foto colorida, com bordas brancas, de uma mulher de 30 e poucos anos afixada com um papel no painel do Fusca.

Nesse momento, Marcelo desvia o olhar:
uma Brasília entra na área do posto, o carro abarrotado com uma família e crianças, quase todas sem camisa e MASCARADAS. Talvez venham da praia, ou do carnaval.

A mulher no passageiro com um *cocar de índio* colorido, comprado em supermercado, vê o morto estirado na área externa do posto + viatura policial. Ela gesticula para o companheiro ao volante, em voz alta:

MULHER

(Distante.)

Vai! Vai, não para, não!

As SEIS crianças no banco de trás, olham sem entender, a Brasília retoma a estrada acelerando.

Um ZOOM.

O policial levanta o olho e vê o carro indo embora numa nuvem de poeira.

POLICIAL 2

(Fumando e rindo.)

Eita, se escafederam!

No Fusca de Marcelo, o policial já suado sai do carro, ajeitando a calça. Devolve as chaves para Marcelo, se abaixa, destrava a mala dianteira.

POLICIAL 1

(Sempre muito sereno.)

Tá indo pra onde?

(Indo para a frente do carro.)

MARCELO

...Recife.

POLICIAL 1

Recife...

CORTA PARA:

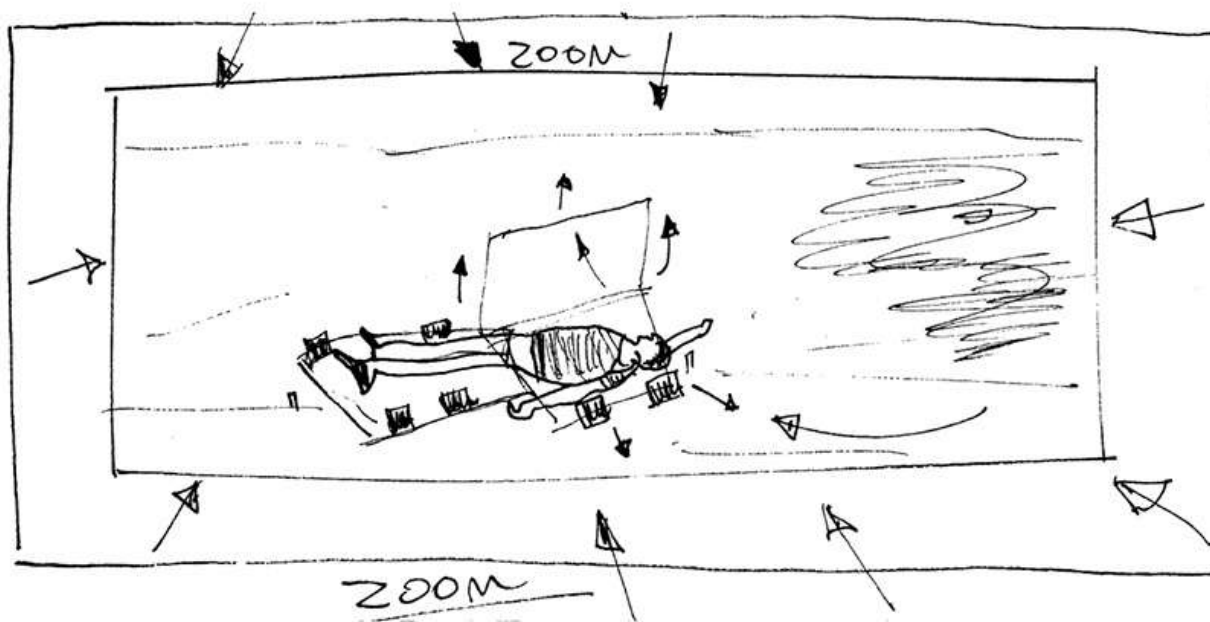


EXT. POSTO DE GASOLINA. DIA

Um redemoinho de vento revela o corpo.
O frentista ajeita o papelão.

Um redemoinho de vento sopra a poeira para cima.

FILMADO A DISTÂNCIA: O vento chega no morto e levanta fantasmagoricamente o papelão que cobre a cabeça (o paralelepípedo é empurrado com a força do papelão soprado), revelando pela primeira vez o rosto estourado do morto.



O vento diminui e o papelão baixa, voltando a cobrir a cabeça.

O frentista, o policial que fuma e Marcelo veem esse momento.

O frentista, tapando o nariz, vai meio de costas até o morto, sem querer enfrentar o corpo podre. Ele reorganiza o arranjo de papelão com pedra, cobrindo o torso e a cabeça desfigurada do cadáver, evitando olhar.

EXT. POSTO DE GASOLINA/FUSCA. DIA

O oficial abre o porta-mala da frente do Volkswagen, tomado por artigos pessoais. Ele vai direto no pneu reserva.

POLICIAL 1

(Passando o dedo.)

Esse pneu tá meio careca,
não tá, não?

MARCELO

(Jogando o jogo.)

Não... Esse estepe tá bom.

Com ar de quem está desistindo da missão, o policial limpa as mãos e vai fechando - resignado - o porta-mala do Fusca. BANG.

POLICIAL 1

Então tá certo...

Ele ajeita o quepe na cabeça suada.

POLICIAL 1

Ô cidadão...

(Chamando cumplicidade e fraternidade.)

O senhor não quer inteirar a caixinha de carnaval do policial, não?

Marcelo olha para o policial.

MARCELO

(Olhando firme para o guarda.)

Tô liso... mas olha...

Marcelo arranca uma carteira de cigarros do bolso da calça.

MARCELO

Pega uns cigarros aí, pega três, quatro...

POLICIAL 1

Posso ficar com o maço?

O policial pega, resignado.

Entram os PRIMEIROS CRÉDITOS superimpostos.

O policial olha para Marcelo.

CORTA PARA:

Marcelo bate a porta, já dentro do Fusca.
O frentista chega junto. Marcelo o cumprimenta,
dizendo:

MARCELO

De novo, boa sorte aí...

...e arranca com o Fusca amarelo. Uma PAN nos revela
o Policial 1 chegando à viatura, o Policial 2 ao
volante e mostramos o homem morto coberto por
placas de papelão.

CORTA PARA:

EXT. POSTO DE GASOLINA. DIA

TRILHA SONORA: *"HARPA DOS ARES"*, de Lula Côrtes e
Zé Ramalho.

ÂNGULO BAIXO: Com o morto coberto em primeiro
plano, o vento ameaçando levantar novamente o
papelão, os cachorros aproximam-se lentamente,
famintos, rosnando... Um contraste com a doçura da
música.

CORTA PARA:

EXT. ESTRADA INTERESTADUAL. DIA

"HARPA DOS ARES" continua...

O Fusca na estrada. Canaviais, caminhões de cana-
de-açúcar com lascas secas se soltando em direção
ao para-brisa e à câmera.

No para-choque de um outro caminhão, a frase: SE O MUNDO FOSSE BOM, O DONO MORAVA NELE.

EXT. ESTRADA/FUSCA/PARA-BRISA. DIA

Uma placa na estrada: RECIFE - 106 KM

Marcelo dirige pensando no incidente do posto.
Lembra do morto e imagina algo que não aconteceu...

EXT. POSTO DE GASOLINA. DIA

INSERT/POSTO/FLASHBACK. VISÃO:

PERMANECE O SOM DO CARRO: O morto se levanta lentamente, os papelões caindo para os lados, INSERT rápido. Um zumbi...

EXT. ESTRADA/FUSCA/PARA-BRISA. DIA

Ele só tira os olhos da estrada para fitar o retrato da mulher no painel. O registro de um passado não muito distante...

O vento sopra um papel afixado ao lado da foto e revela que há uma criança com a mulher. Um garoto...

“HARPA DOS ARES”...

CORTA PARA:

EXT. BEIRA DA ESTRADA. DIA

NA BEIRA DA ESTRADA, uma La Ursa, acompanhada por uma minibanda (triângulo, bombo, pandeiro e tamborim), pede dinheiro, com a conhecida mistura de alegria e ameaça...



HARPA DOS ARES continua...

CONT...

...Ela chega PERTO DEMAIS da janela aberta do Fusca...

ESTRADA: Um outdoor da empresa Itapemirim, um ônibus e a frase: MOTEL DE 1ª CLASSE.

EXT. PONTE DO PINA. DIA

Um PLANO GERAL do Fusca na Ponte do Pina. Carros e ônibus vistos a distância, a maré e o mar azul no horizonte, a cidade à esquerda...

HARPA DOS ARES FIM.

CORTA PARA:

EXT. UNIVERSIDADE/JARDIM/ENTRADA. DIA

Placa de concreto:

DEPARTAMENTO DE OCEANOGRAFIA UFPE

Recuamos da placa para revelar ARLINDO, 25-35 anos, à espera na calçada, no campus universitário deserto da Universidade Federal de Pernambuco, nesta terça-feira de carnaval. Arlindo pensa que é policial civil, mas na verdade é ajudante da Polícia Civil.

Uma Veraneio cinza da polícia chega. Outros policiais aguardam ao lado de duas Kombis usadas como viatura, uma do IML.

Da porta traseira da Veraneio sai SÉRGIO, 25-35 anos.

Do assento dianteiro do passageiro sai EUCLIDES, DELEGADO, 65-70 anos, contrariado por deixar o carnaval para atender a uma ocorrência.

Euclides usa óculos escuros e tem o resto de uma *pintura de índio* na cara, camiseta molhada de suor e cerveja, confetes e paetês colados na pele. O delegado tem uma cara fechada que contrasta com o resto de folia pregada nele.

Arlindo prontamente pede bênção a Euclides, oferece a mão.

ARLINDO

Bença...

EUCLIDES

(Pegando a mão de Arlindo rapidamente.)

Deus t'abençoe.

Os três juntos são pai e filhos. Sérgio é filho biológico, Arlindo, *filho de criação*.

Chega um policial - VALDOMIRO - que vai levar um coice de Euclides:

VALDOMIRO

Dr. Euclides!

EUCLIDES

Deix'eu dar uma palavrinha com os menino aqui, deixa? Se afasta...

Valdomiro congela, se afasta.

Euclides sobe na grama e chama os filhos para uma rápida conversa, longe de outros policiais. Ele fala baixo:

EUCLIDES

Antes de entrar, dá o serviço aí...

ARLINDO

(Falando baixo.)

Meu pai, tá com cara de ser o...

(Olha em volta e baixa a voz.)

...o Zezinho da... semana passada...

SÉRGIO

(Pausa, incrédulo.)

Tás conversando... Não é possível um negócio desse, hein? Oxe...

Euclides mal consegue formular um pensamento.

(Pausa...)

EUCLIDES

Eu só acredito vendo... Que rabo de foguete da porra é esse, hein, Arlindo?

(Vira-se para o filho, logo atrás, como se pedindo ajuda.)
Hein, Sérgio? Vaitimbora...

CORTA PARA:

INT. UNIVERSIDADE/CORREDOR. DIA

TRACKING SHOT: Euclides e os filhos parecem preocupados com o assunto que ainda vamos conhecer. Andam calados. De repente:

EUCLIDES
Quem é que tá aí cuidando?

ARLINDO
Aristeu... Delegacia do Cordeiro.

EUCLIDES
Eita, viado chato da porra.
Fernando não tá aí, não?

SÉRGIO
Oxe, deve tá no carnaval.

EUCLIDES
Tem jornalista?

ARLINDO
Não, oxe, não. Tem a cientista aí da universidade.
E uns aluno...

EUCLIDES
Oxe, mas por que que tu acha...

ARLINDO

Vocês vão ver.

EUCLIDES

É a da direita ou a da esquerda?

ARLINDO

Não sei, pai, eu vi de longe.

Agora, se preparem. Fede, viu?

CORTA PARA:

INT. UNIVERSIDADE/LABORATÓRIO. DIA

Euclides, com seu traje carnavalesco e acompanhado dos filhos, entra no laboratório de pesquisas do Departamento de Oceanografia da UFPE, sala com janelas grandes. Os três reagem ao cheiro do lugar, uma inhaca insuportável... Euclides tira um lenço, Sérgio abana com a mão o nariz, Arlindo tapa as narinas.

Há uma professora/pesquisadora, INÊS. Seus alunos (um rapaz e uma moça) mantêm distância da cena. Parecem acostumados com o mau cheiro no lugar.

ARISTEU, investigador de outra delegacia não associada a Euclides, de 30 e poucos anos, faz anotações, segurando o lenço no nariz. Ele não parece querer dar cartaz ao veterano delegado Euclides e a seus filhos.

EUCLIDES

Boa tarde...

DRA. INÊS

Boa tarde.

O boa-tarde de Aristeu chega atrasado.

ARISTEU

...Boa tarde...

Na mesa de dissecação encontra-se um tubarão-tigre de aproximadamente 3 metros, de papo para cima, com a barriga aberta. Uma perna humana em péssimo estado encontra-se parcialmente retirada, pé e canela para fora, parece torada acima do joelho. Molhada, pustulenta, mas inteira.



ARISTEU

(Atendo-se ao que escreve.)

Dr. Euclides, nem precisava vir, já estamos terminando...

EUCLIDES

(Sem tirar os olhos do tubarão e da perna.)

Eu tinha que vir... Não é todo dia que a gente vê uma coisa BÍBLICA assim, não é?

...Hein? Né, não?

EUCLIDES IMPACTADO. Os estudantes ali perto observam.

Euclides olha para Aristeu, bate “toc-toc” na mesa e, com o olhar, sugere que seja apresentado à professora responsável. Hierarquia.

ARISTEU

(Com ar contrariado e parecendo sedado.)
Sim... Essa é a Dra. Inês... *Goren... stêin*, do Departamento de Oceanografia.

DRA. INÊS

É *Gorenstain*... Como vai?

EUCLIDES

Euclides Cavalcanti, delegado, ao seu dispor. A senhora é a responsável aqui?

DRA. INÊS

Eu sou a pesquisadora responsável, sim.

EUCLIDES

(Olhando para a mesa de dissecação.)
E trabalhando no carnaval!

Dra. Inês olha para os trajes do Delegado Euclides.

DRA. INÊS

Apareceu esse espécime no domingo, a gente não pôde perder tempo.

EUCLIDES

Não tem geladeira, não, aqui?

DRA. INÊS

Tá quebrada. Eu tive que trazer barra de gelo paga do meu bolso, e com a ajuda dos alunos... E

não foi fácil achar barra de gelo no carnaval.
Aí, fazendo a intervenção hoje, encontramos...

(olha para os bolsistas...)

a peça... a perna... Eu comecei a tirar, mas chegou
uma hora que eu achei melhor não mexer. Aí,
chamamos a polícia.

Euclides tenta não parecer o intruso que está
sendo e se esgueira para ler o que Aristeu
escreve...

Entram na sala dois homens uniformizados de azul-
servente do Instituto de Medicina Legal,
carregando uma maca metálica imunda para
transportar a perna.

SERVENTE 1

(Falando baixo para o colega e entendendo a
missão.)

Eita, porra...

EUCLIDES

Onde é que esse tubarão foi abatido?

DRA. INÊS

A 150 metros da praia, em Candeias.

Euclides olha para o filho Sérgio, que observa com
Arlindo. Mudos.

EUCLIDES

(Olha para Dra. Inês.)

Essa perna é de um homem? Qual a cor da pele?

Inês olha para Aristeu, que continua escrevendo.

ARISTEU

(Sem contato visual com Euclides.)
Eu não sei, Dr. Euclides. Deve ser homem, né?
Mas isso é o que eu acho...

Euclides olha para Inês.

DRA. INÊS
Eu não quero me pronunciar. Melhor deixar o
médico legista examinar.

Os homens do IML analisam a situação da perna no
tubarão e Dra. Inês junta-se aos seus alunos:

DRA. INÊS
(Para os alunos.)
Vocês querem ir embora?

Eles murmuram juntos um “NÃO” firme e rápido.
O incidente deve ser a coisa mais sensacional que
lhes aconteceu no tempo em que estão na
universidade.

CORTA PARA:

Os homens do IML são mais faxineiros do que
técnicos. Um deles começa a abrir um canivete,
para tentar soltar a perna do rasgo no tubarão -
matéria podre e de aparência e cheiro infernais. A
perna precisa ser removida do tubarão com jeito.

DRA. INÊS
Eu tô vendo que eu prefiro eu mesma tirar a
peça, para não danificar o espécime...
(Para os estudantes.)
Fábio, Andrea, me ajudam?

Os alunos reagem desanimados.

Euclides dirige-se a Dra. Inês.

EUCLIDES

(Como quem não quer nada.)

Opa. Uma pergunta: Vocês tiraram foto da perna?

Os alunos desviam o olhar.

DRA. INÊS

(Uma mentira firme.)

Não, nenhuma foto.

Aristeu observa a resposta e pega a sua prancheta com caneta, dirigindo-se a Dra. Inês:

ARISTEU

(Se recompondo da conversa com Euclides,
respira fundo.)

Doutora... uma dúvida...

DRA. INÊS

Sim...

ARISTEU

Esse tubarão é macho ou fêmea?

Uma PAN nos mostra pela última vez o tubarão de papo pra cima com a perna saindo da barriga - como uma cesariana interrompida...

DRA. INÊS

(Voz em off.)

Macho.

CORTA PARA:

EXT. RUA/FACHADA EDIFÍCIO OFIR. DIA

Quatro canos de PVC - lembram espingardas - sugam água de um balde, uma mangueira ligada. Crianças preparam uma emboscada com bombas de água feitas de cabos de vassoura e pedaços redondos de sandálias Havaianas para a sucção.

A vítima será Marcelo, que chega no seu Fusca amarelo procurando o endereço numa rua tranquila do Recife.



EXT. EDIFÍCIO OFIR/RUA/FUSCA. DIA

Marcelo, dirigindo distraído com um papel na mão, leva um jato d'água no lado do rosto, um spray pela janela aberta do Fusca atinge a foto no painel. As crianças correm...

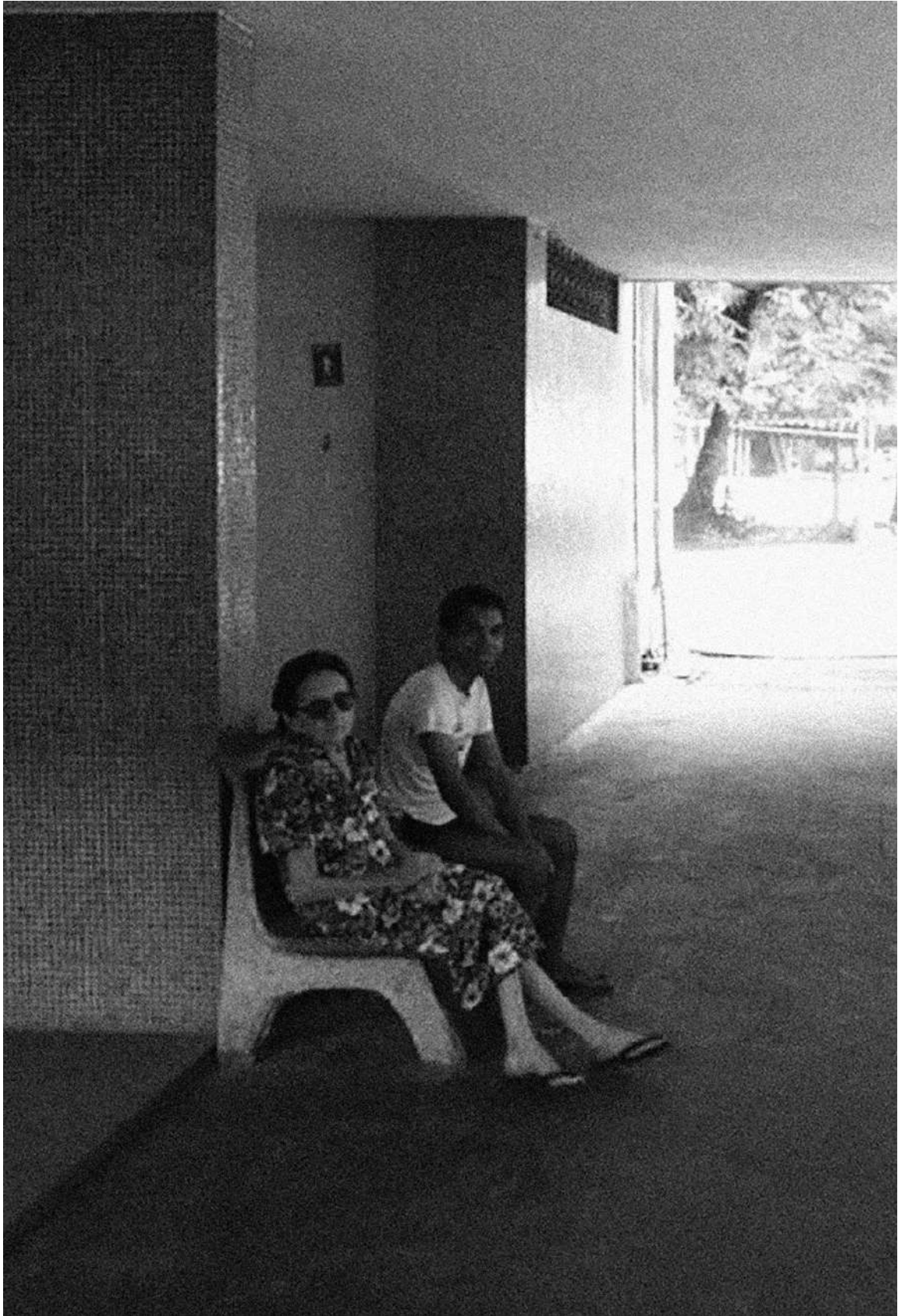
MARCELO

(Pingando.)
Putá merda...

CORTA PARA:

O portão de um prédio pequeno é aberto por CLÓVIS, 15 anos, short, camisa do Náutico, e de dentro sai DONA SEBASTIANA, senhora baixinha de óculos, chaves na mão, fumando um cigarro. Uma entrada teatral com AVANÇO DA CÂMERA de uma personagem importante.

Dona Sebastiana gesticula para o Fusca de Marcelo entrar no portão. Marcelo para o carro e ela chega na janela do passageiro.

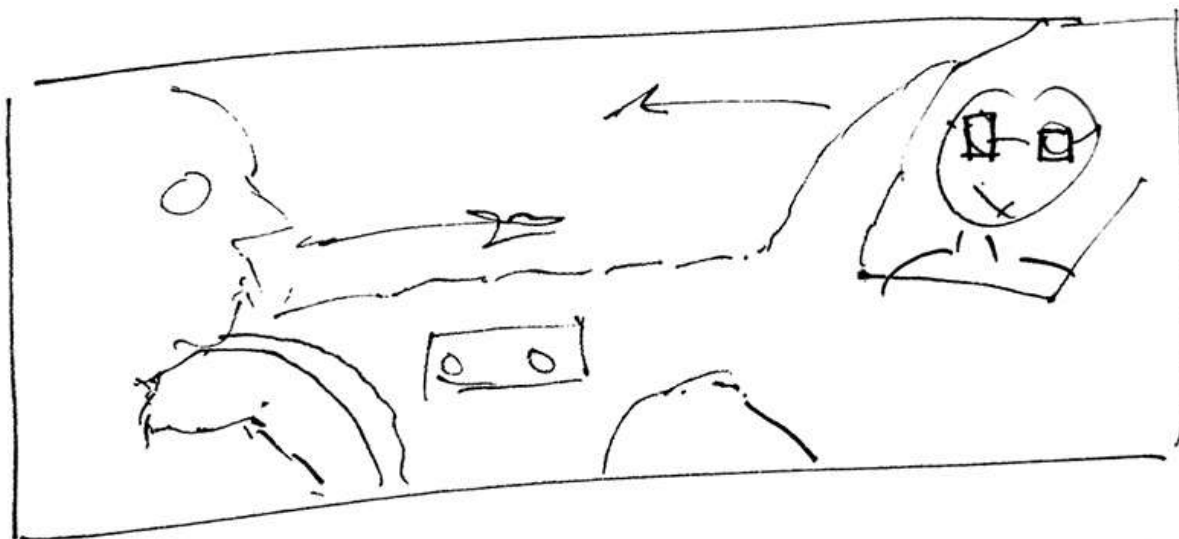




DONA SEBASTIANA

Eita, levou um banho!

Pela janela do passageiro, Marcelo fala:



MARCELO

(Cara e barba pingando.)

Dona Sebastiana?

DONA SEBASTIANA
(Gesticula e aponta.)
Ao seu dispor. Me dá um bigú?

MARCELO
Entra aí.
(Para Clóvis.)
Opa, tudo bom, bicho?

CLÓVIS
(Tímido, cool, na janela do motorista.)
Tudo bom.

Ela entra no Fusca. Assento do passageiro.

DONA SEBASTIANA
Ô, Clóvis! Sobe aí, meninu!

Clóvis sobe no estribo do Fusca, segurando na janela e na capota.

MARCELO
Tá segurando aí, bicho?

CLÓVIS
Pode ir...

DONA SEBASTIANA
Bem-vindo ao Recife, Barbudo!

CORTA PARA:

EXT. EDF. OFIR/RUA/VILA. DIA - CAMERAGRIP

Dona Sebastiana, baixinha, no passageiro com o que resta ainda do cigarro aceso, Marcelo dirige na longa entrada para o Edifício Ofir.

DONA SEBASTIANA

Os galinha-verde não te param com essa barba, não?

MARCELO

Aconteceu hoje, mas eu não dei trela, não... Como vai a senhora?

DONA SEBASTIANA

Estou bem... Pra 77 anos!

MARCELO

SETENTA E SETE?

DONA SEBASTIANA

Sim senhor, eu sou de 1900, tá na certidão de nascimento...

(Pegue à direita.)

...Tô na idade do condor. Com dor nas costa, com dor nos ombro, com dor nas perna...

EXT. EDF. OFIR/PÁTIO. DIA

O Fusca entra na área arborizada do prédio, um lugar que parece ter sido escondido da cidade...

Há uma pequena, mas ruidosa, festa de carnaval ao fundo, na área da piscina, com animada e pequena banda de frevo...

Clóvis desce do estribo, Marcelo para e desliga o motor. Dona Sebastiana sai do Fusca. Ele tira a foto da mulher do painel, põe no bolso traseiro. Ele sai do Fusca.

DONA SEBASTIANA

Ajuda ele, Clóvis, com as coisas...

De sunga, sem camisa e descalço, chapéu de palha e ante braço esquerdo no gesso (com assinaturas e rabiscos a caneta esferográfica e Pilot), um rapaz chamado HAROLDO (23 anos) se aproxima com dois copos de cerveja na mão e cercado de uma banda de frevo estranhamente enérgica.

HAROLDO

(Sorrindo, sotaque carioca, a banda se aproxima.)

Bem-vindo, aê. Trouxe logo essa cervejinha. Só pra dar um oi.

Eu sou HAROLDO!

MARCELO

(Aperta a mão.)

Opa, tudo bom? Obrigado. Er... Marcelo...

Marcelo pega a cerveja.

HAROLDO

Tamo aí, acabei de tirar a camiseta, ó...

(NOTA: Haroldo vai girando e mostra as costas, uma cicatriz de pontos da parte de trás da cabeça até a nuca.)

...pro pessoal ver, tô mostrando as cicatrizes, amiga minha diz que é parte do processo de cura, né não...?

Marcelo parece surpreso ao ver as cicatrizes do colega. Dona Sebastiana surpresa e constrangida.

DONA SEBASTIANA

Ô, menino, faz parte da cura, sim!

HAROLDO

Tá tudo certo... Tamo aí com umas amizades, se quiser chegar.

A banda cerca Marcelo, eles tocam com enorme energia e movimentação. Marcelo, que caiu de paraquedas numa outra dimensão, aproxima-se do grupo na piscina, as pessoas de maiô, tanga, biquínis. Ele acena, uns dão o polegar.

MULHER

(Criança no colo com lenço na cabeça, longe.)

Joia?!

MARCELO

(Vira o copo, para Haroldo.)

Eu tô chegando agora, obrigado, vou me instalar.

(Devolve o copo americano vazio.)

Obrigado, bicho...

HAROLDO

Bem-vindo, cara.

CORTA PARA:

Clóvis no carro, Sebastiana e Marcelo andam em direção ao prédio, que se chama Ofir.

Antes de entrar no prédio, Dona Sebastiana aponta:

DONA SEBASTIANA

Olha aquela linha amarela ali...

Um zoom delicado na fachada do prédio.

DONA SEBASTIANA

.

É a marca da cheia de 75. Minha irmã perdeu todas as fotografias da família na cheia! Ô desgraça...

POV Sebastiana:

Sebastiana vê uma vizinha.

DONA SEBASTIANA

Olha ela! Essa é Teresa Victoria...

TERESA VICTORIA (50 anos) - acena da varanda no térreo. Seu companheiro, ANTÓNIO, chega, vindo da sala.

TERESA VICTORIA

(Sotaque angolano.)

Ora bem, boa tarde.

ANTÓNIO

(Sotaque angolano.)

Boa tarde...

MARCELO

Boa tarde.

DONA SEBASTIANA

Teresa Victoria e António! O marido de Teresa. Eles são de Angola.

MARCELO

Prazer, Marcelo.

TERESA VICTORIA

Bem-vindo à nossa quinta.

(Ela olha para Dona Sebastiana, um pouco sem jeito.)

Dona Sebastiana, o pessoal...
(Aponta discretamente para o apartamento vizinho.)
...está um tanto animado...

SEBASTIANA
Deixe comigo...

INT. EDF. OFIR/ESCADA. DIA

Dona Sebastiana e Marcelo aproximam-se da porta aberta do apartamento 02 quando a porta fecha, e passam a chave, música alta...

Eles sobem as escadas com caixas e mala, e alguém baixa a música que ecoava na escada.

INT. EDF. OFIR/APTO GEISA. DIA

Ela abre a porta do apartamento. Marcelo entra. Um apartamento mobiliado, sofá, televisor, estantes com livros. Parece que os moradores foram ali e voltam logo... Não há tanto barulho mais...

DONA SEBASTIANA
Essa é a casa de Geisa, a minha sobrinha...
(Instintivamente baixa o tom da voz.)
...como você deve saber, ela precisou viajar, né...?
(Volta volume normal.)
Clóvis deu uma geral essa semana e ontem mesmo eu fiz uma limpeza com incenso e folha de arruda. A casa tá limpa!

O garoto Clóvis chega com mais sacolas.

DONA SEBASTIANA

Bota aqui no chão, Clóvis.

MARCELO

(Para Clóvis.)

Obrigado, bicho. Tás na escola?

CLÓVIS

Tô não...

DONA SEBASTIANA

(Intervindo.)

Ele chegou mês passado de Rio Formoso, fugido do pai e do tio. Querem porque querem que ele seja home, depois eu te conto. Eles não sabem que ele já é home, né, Clóvis, só não como eles querem, né, menino? Tá melhor ele aqui, me ajuda muito, depois da novela vai dormir, mas vamo resolver essa escola, né?

Dona Sebastiana olha para a radiola 3 em 1 NATIONAL na sala, algo lhe chama a atenção:

DETALHE ==> RADIOLA

O prato do toca-discos rodando, como se alguém tivesse esquecido ligado...

DONA SEBASTIANA

(Põe a mão no peito.)

Oxe... Chega me arrepiei, parecia que Geisa tava aqui agorinha...

DETALHE. RÓTULO RODANDO. DISCO

Ela desliga. CLICK. Põe a mão para ver se a radiola está quente.

RÓTULO/SUPER-MACRO-DETALHE:

Benito di Paula - Stereo - 1971

CORTA PARA:

INT. EDF. OFIR/APTO GEISA/CORREDOR. DIA

Do corredor e saindo da cozinha, surgem LIZA E ELIS, as gatas magrelas da casa. Não são gatas comuns, pois são duas em UMA. Nasceram com dois focinhos, duas bocas e três olhos. Elas vêm para a sala atraídas pela movimentação.



DONA SEBASTIANA

...Olha elas...

Dona Sebastiana de repente fica preocupada, mudando de expressão:

DONA SEBASTIANA

(Para Marcelo.)

Tu tens alergia a gato?

MARCELO

Não, eu gosto de gato...

Marcelo percebe a gata com duas caras.

MARCELO

Mas, pera-pera-pera... O que é isso, Dona Sebastiana? Eu nunca vi isso antes...

Marcelo agacha-se, Liza e Elis chegam junto, identificando um novo benfeitor.

DONA SEBASTIANA

Pois é. O nome delas é Liza e Elis.
A bichinha nasceu assim na casa de um amigo de Geisa no sertão. Eles iam sacrificar, mas aí Geisa pediu pra criar. E também ninguém queria fêmea.

MARCELO

(Acariciando as gatas.)

Liza e Elis...

DONA SEBASTIANA

As bichinhas já tão com três anos!
Lhe incomoda?

Marcelo faz uma cara de quem ainda se recupera do espanto.

MARCELO

Er... não. Elas vêm com o apartamento?

DONA SEBASTIANA

Mais ou menos, venha cá...

Dona Sebastiana sai da sala e vai à cozinha, falando. Marcelo segue. Liza e Elis vêm junto, rabo em riste.

Clóvis fica sobrando na sala.

DONA SEBASTIANA

Aqui não tem telefone, Geisa tá há dois anos na lista de espera da TELPE... mas tem orelhão na outra rua... Se quiser usar meu telefone, tá às ordens, mas vô logo avisando que eu acordo tarde...

INT. EDF. OFIR/APTO GEISA/COZINHA/ÁREA DE SERVIÇO.
DIA

Na cozinha simples com fogão, geladeira, pia, filtro de barro e mesa, Dona Sebastiana abre a geladeira:

DONA SEBASTIANA

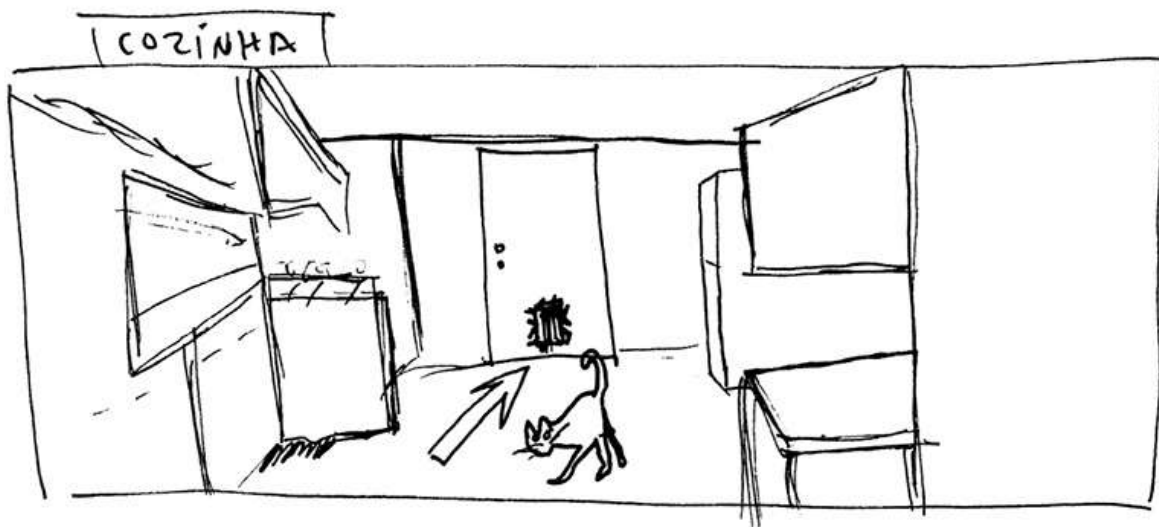
Geladeira cheia, viu? Não tem que se preocupar hoje nem amanhã com comida.

Um detalhe da geladeira cheia, laticínios (queijo, leite, iogurtes), cerveja, suco de laranja, maçãs, laranja, refrigerante.

MARCELO

Muito obrigado pela gentileza!

Sebastiana fecha a geladeira e PEGA UM ENVELOPE em cima do balcão, aponta para a porta de serviço, onde, na parte de baixo, há uma portinhola para a gata passar (muito malfeita e que deixou a madeira rachada).



DONA SEBASTIANA

(Com envelope na mão.)

Eu fiquei cuidando das gatas, mas elas desciam pra arranhar a porta de Geisa, pararam de comer e tudo. Aí, eu pedi pra Clóvis fazer essa passagem, ficou “o cão” de feia, mas agora elas entram e saem quando querem. É gata-cachorra!

Clóvis chega na cozinha, vindo da sala.

CLÓVIS

Eu falei pra senhora que ia ficar feio...

DONA SEBASTIANA

Falou, a culpa é minha.

Dona Sebastiana abre a porta de serviço, que dá para a escada. Ali encontram-se sentadas na escada, almoçando tarde, JOANA e MARIA, usam lenços. A primeira, jovem, a segunda, uma senhora. Uma come com uma colher, a outra, com a mão em bolinhos de comida.

DONA SEBASTIANA

Venha preu mostrar as meninas que trabalham aqui também...

Marcelo aproxima-se e põe a cabeça pra fora.

DONA SEBASTIANA

Esse aqui é Marcelo, viu? Vai ficar aqui na casa de Geisa, essa é Joana e a outra mais cheinha é Maria.

MARCELO

Boa!

Elas acenam. Clóvis passa por elas e vai para a escada, subindo para o andar de cima.

Ouvimos um “Ô de casa!” chegando de dentro do próprio apartamento e surge CLÁUDIA, 40 anos, com carteira de Minister entre os seios, segurada pela tira do biquíni. Uma menina de 6 anos na mão, com maiô de banho, DÉBORA, que usa lenço fechado na cabeça.

CLÁUDIA

(TOC-TOC na porta.)

Ô de casa... Opa, Sebastiana. A porta tava aberta, eu entrei!

Marcelo e Dona Sebastiana olham...

DONA SEBASTIANA

Olha ela! Essa aqui é Cláudia, e a pequena é Débora. Esse lenço na cabeça, que é isso?

CLÁUDIA

É pra matar piolho, ela pegou na escola.
(Para Marcelo.)

Tudo bom...? Prazer, Cláudia.

MARCELO

(Rindo, acenando.)

Tudo bom, Cláudia? Oi, Débora...

Esticam as mãos.

DONA SEBASTIANA

Marcelo, Cláudia é minha nova amiga, dentista-professora, mãe de Débora, e tem essa carinha de vizinha flanando, mas veio logo lhe conhecer. Eu dou o serviço, que é pra ninguém perder tempo...

(Preparando enorme ênfase.)

...SE for o caso, né?

Joana e Maria comem e mantêm o olhar baixo, mas ouvem tudo.

CLÁUDIA

(Fingindo ultraje.)

Não, Dona Sebastiana! A senhora, hein? Só passei pra dar um OI!

Marcelo acha engraçado.

CLÁUDIA

Bom, seja bem-vindo ao nosso predinho, o que precisar, moro aqui em cima, a porta tá quase sempre aberta, aqui é cidadezinha de interior ainda! Dona Sebastiana, depois eu me acerto com a senhora. Clóvis!

(Chamando nas escadas.)

Tu pode ir comprar cigarro? Sobe que eu te dou o dinheiro...

NOTA: A fala da “a porta tá quase sempre aberta” é dita por Cláudia sem nenhuma malícia óbvia. Ela mandou muito bem.

DONA SEBASTIANA

Vamo!

MARCELO

Obrigado, Cláudia...

Cláudia sorri e desaparece escada acima com a filha. Clóvis vai atrás.

DONA SEBASTIANA

Eu entrego logo... Onde é que eu tava?

Sebastiana olha o envelope na sua mão, há uma MUDANÇA DE CLIMA. Ela FECHA A PORTA de serviço do apartamento, cortando da cena de uma só vez Joana e Maria.

DONA SEBASTIANA

(Baixando o tom da voz.)

Bom... e tem isso aqui.

Ela entrega o envelope, a palavra MARCELO escrita à mão. Ele abre. Dentro, uma quantia em dinheiro vivo.

MARCELO

Eu não tenho que assinar nada?

DONA SEBASTIANA

Eu perguntei, Valdemar disse: “Não precisa”...

(Ela observa o dinheiro.)

Ele falou também - ISSO É MUITO IMPORTANTE - tem que estar sexta-feira no trabalho, às 5 da

manhã...

MARCELO

(Surpreso.)

Cinco da manhã!?

DONA SEBASTIANA

Sim senhor, eu também perguntei, logo eu, que não suporto acordar cedo!

(Pausa.)

Parece que vai ter um negócio importante cedinho, tem que ir...

(Pausa.)

NOTA: ela mantém a voz baixa...

DONA SEBASTIANA

...É muito bom poder ajudar... Basta dizer isso...

(Faz gesto de fecho-ecler sobre a boca.)

Marcelo tenta lidar com tanta informação depois de 12 horas dirigindo.

Dona Sebastiana sai pela porta de trás, agora sem falar mais nada, um contraste com a cena que transcorreu. Ela olha para Marcelo com atenção e fecha a porta...

CORTA PARA:

INT. EDF. OFIR/APTO GEISA/SALA/VARANDA. DIA

PLANOS ALTOS de Marcelo na sua casa nova...



Na sala, Marcelo chega da cozinha. O som da vizinhança.

Ele abre a pequena mala, pouca roupa, mas cheia de documentos jogados, fotos emolduradas e uma caixa KODAK amarela com fotos em papel. Tudo parece ter sido colocado apressadamente para a viagem. Há fotos antigas, recentes, da mulher e do garoto que vimos no carro.

Ele põe duas de pé na moldura comprada pronta, bem no centro da sala: a da mulher e do garoto.

Marcelo acende um cigarro. A sensação de estar só, relaxa na cadeira.

DETALHE. RADIOLA.

Ele aproveita o disco já na radiola, olha o rótulo redondo, liga/ajusta o volume e pousa a agulha.

“A TONGA DA MIRONGA DO KABULETÊ” (versão de Benito di Paula - 1971) começa a tocar.

Marcelo dá uma leve risada, olha para a foto de Geisa na estante (com duas amigas, numa festa, sorridentes). O disco é dela.

AINDA ÂNGULOS ALTOS

Ele pensa na vida, aumenta o som.

Marcelo começa a tirar a roupa e vai ao banheiro
PELA VARANDA, dando volta na casa.



“A TONGA DA MIRONGA DO KABULETÊ”...

CAMERA GRIP/FUSCA/PARA-BRISA

Marcelo sai de carro.

EXT. EDF. OFIR/FACHADA/FUSCA. DIA

“A TONGA DA MIRONGA DO KABULETÊ”...

CAMERA GRIP/FUSCA/PARA-BRISA

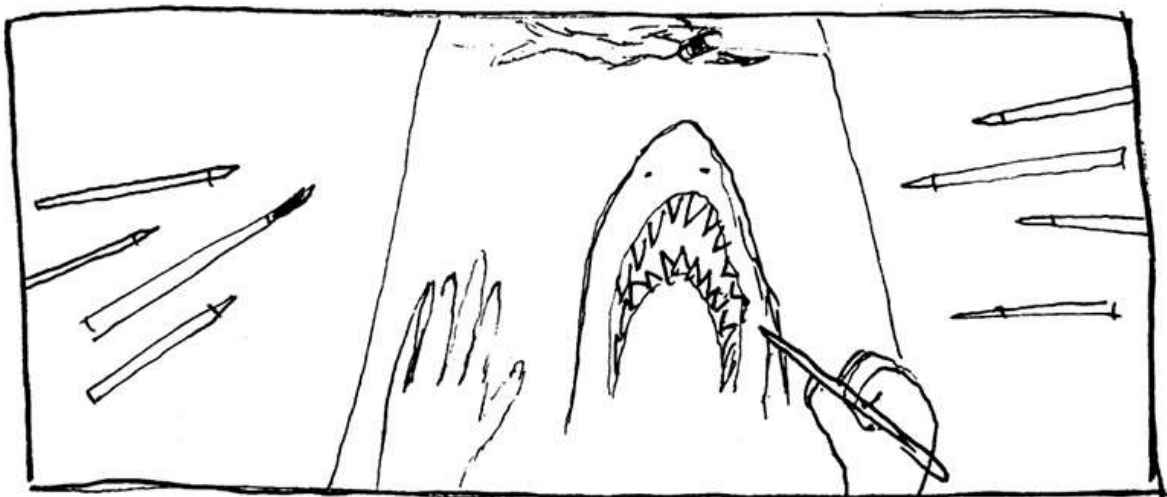
Marcelo deixa o prédio rapidamente no seu Fusca.

Clóvis abre o portão externo, o carro sai.

AVANÇAMOS no rosto de Clóvis enquanto ele fecha o portão, um quase adulto com traços infantis ainda...

CORTA PARA:

INT. CASA ALEXANDRE/QUARTO DE FERNANDO. NOITE



DETALHE = DESENHO = MÃO DE UMA CRIANÇA

FERNANDO, 8 anos, desenha o que aparenta ser uma reprodução do cartaz de *Tubarão*, o filme de Steven Spielberg. A referência do cartaz no jornal pode ser vista ao lado.

ALEXANDRE, um homem de 60-70 anos, ainda vestindo uniforme de trabalho, chega para supervisionar o neto, olha o desenho:

FERNANDO

Quando é que o senhor vai deixar eu ver *Tubarão*?

Alexandre pega o desenho e olha.

ALEXANDRE

É proibido até 14 anos, Nando.
Tu vai ter pesadelo.

FERNANDO
Eu já tenho pesadelo, vô...

OUVIMOS palmas fora da casa...

CORTA PARA:

INT. CASA DE ALEXANDRE/TERRAÇO/SALA DE ESTAR.
NOITE

LENIRA, 60-70 anos, esposa de Alexandre, avó de
Fernando, sogra de Marcelo.

Um CLOSE UP grande a acompanha enquanto ela avança
curiosa para saber quem está lá fora, sua
expressão muda quando vê, no portão da casa
simples, no bairro dos Comerciantes, Casa Amarela,
MARCELO, seu genro.

LENIRA
(Sem tirar os olhos de Marcelo.)
Alexandre...

Lenira não parece feliz, mas há algum alívio em
vê-lo.

Alexandre vem andando pelo corredor da sua casa e
vê Lenira abraçada com Marcelo na sala.

MARCELO
(Falando baixo.)
Que bom ver vocês...

Lenira pega no rosto de Marcelo.

LENIRA

Fez a barba, tão diferente tu estás...

Alexandre dá um abraço forte em Marcelo, ele se emociona.

Lenira dá as costas e sai em direção à cozinha falando sozinha.

LENIRA

...É agora que eu perco de vez minha tranquilidade...

ALEXANDRE

Vai ficar tudo bem, meu filho.

CORTA PARA:

INT. CASA DE ALEXANDRE/CORREDOR/
QUARTO DE FERNANDO. NOITE

Marcelo chega devagarinho no quarto do filho.

MARCELO

Fernando...

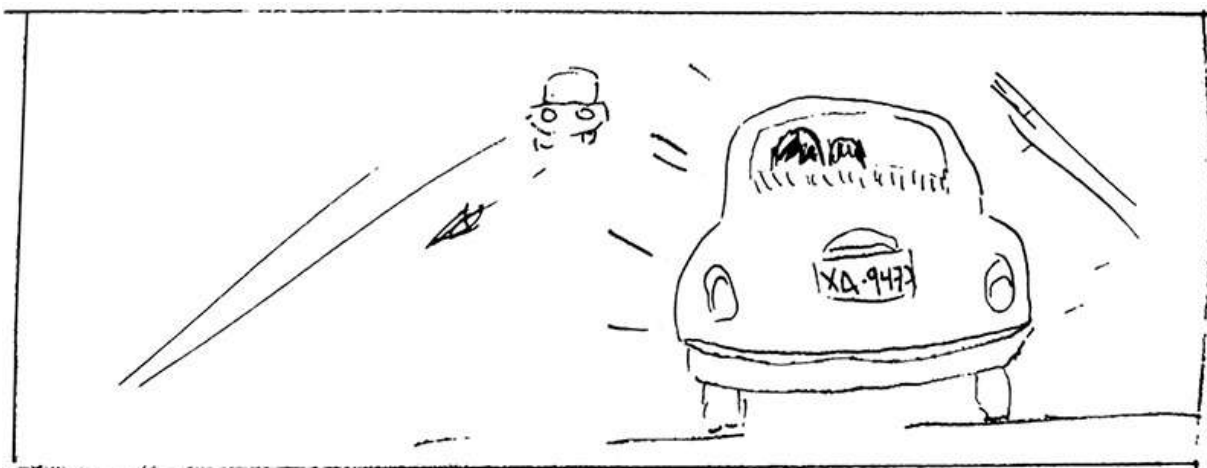
Fernando olha e vê o pai parado na porta.
Ele de repente pula, corre para abraçá-lo, batendo sua cabeça contra a barriga de Marcelo, como se o pai tivesse voltado da morte.

CORTA PARA:

EXT. RUA PASSEIO FAMILIAR/FUSCA. NOITE

Fernando pede para girar a chave da ignição.
O modesto ronco do motor do Fusca - VREEEMmmm...

(Os faróis do Fusca oscilam com a ignição elétrica do motor no beco escuro.)



Fernando vai no banco de trás, mas fica entre as duas cadeiras da frente, junto do pai.

(OBS: Não há a preocupação com cinto de segurança.)

ATENÇÃO: Uma sequência de planos noturnos de ruas tranquilas com carros estacionados. Há internas do Fusca 1972, Marcelo e Fernando conversam:

FERNANDO

Por que que o senhor não vai ficar com a gente?

MARCELO

Hoje, não, mas eu vou ficar com você. Eu já tô aqui com você, não tô? Esse passeio de carro é pra eu te dizer que eu gosto muito de você... Eu quero sempre estar com você, Fernando...

Fernando pensa e olha as ruas.

FERNANDO

Por que vovó não queria que a gente saísse?

Marcelo saca a inteligência de Fernando. Ele dá a mão.

MARCELO

Pegue na minha mão... Vovó tem medo, porque às vezes... às vezes, o mundo fica meio perigoso...

(Pausa.)

Só que, quanto mais a gente estiver junto, menos perigo eu sinto. Agora, por exemplo, você tá com medo?

Fernando pega na mão direita de Marcelo.

MARCELO

Você tá com medo?

FERNANDO

Não...

(Pausa.)

...Mas essa semana eu tive medo...

Fernando não larga a mão. Marcelo dirige, de olho na rua.

NOTA: Marcelo larga a mão para trocar a marcha e volta a pegar na mão do filho.

MARCELO

Foi? Tu teve medo de que essa semana?

FERNANDO

É porque acharam uma perna na barriga de um tubarão. Foi aqui no Recife...

Marcelo pensa no que vai dizer.

MARCELO

Uma perna de gente?

FERNANDO

Perna de gente.

MARCELO

Foi mesmo? Isso foi quando?

Foi na televisão?

FERNANDO

Deu no rádio.

MARCELO

Tem que ver aí quem perdeu uma perna, né? Tem que achar a pessoa e devolver a perna, né, reparafusar...

Fernando pensa na possibilidade de reparafusar a perna de volta no dono.

FERNANDO

O senhor tá brincando, né? Não dá pra parafusar...

MARCELO

Tô brincando, não dá, não. Eu acho que essa perna tá perdida mesmo...
E tu ficou com medo?

Fernando pensativo.

FERNANDO

Mais ou menos...

Ruas à noite, carros estacionados, desertas.

(Pausa.)

MARCELO

E a outra coisa que lhe deu medo essa semana...

FERNANDO

É porque o velho do portão da escola achou que vovó era a empregada.

MARCELO

Foi mesmo? Tu falou pra ele que ela é sua avó?

Fernando calado fica.

FERNANDO

...Falei não... É um velho no portão...

MARCELO

Se você quiser, eu posso ir com você e falar pra ele que Dona Lenira é a sua avó, está certo? Vamos lá falar com ele... Certo?

Fernando ouve pensativo.

FERNANDO

O senhor acha que mamãe pode estar com a gente, aqui agora?

MARCELO

(Administrando a batata quente.)

...Rapaz, a lembrança dela tá aqui com a gente. E a gente aqui hoje, passeando de carro e falando dela, a gente se aproxima dela, né?

FERNANDO

Mas ela não vai mais poder estar, né?

MARCELO

Não... Fátima, sua mãe, ela ficou dodói e ela morreu...

EXT. SP/ESTRADA. NOITE

Um Opala verde sai de uma rodovia secundária e pega uma estrada de terra, filmado de trás. Entra num canavial.

UM LETREIRO NO CANTO DA TELA:
TEODORO SAMPAIO, ESTADO DE SÃO PAULO

Numa área remota protegida pela cana-de-açúcar, o Opala para junto de uma represa. Apagam as luzes do carro.

Os dois homens, AUGUSTO (mais velho) e BOBBI (mais jovem), descem. Augusto tem uma pistola com silenciador, Bobbi, uma lanterna. Abrem o porta-malas quando ouvimos uma voz agonizante de mulher vinda de dentro...

MULHER MAIS VELHA
(Voice Over/V.O.)
Não faça isso...

Bobbi atira duas vezes, o relâmpago de fogo ilumina o porta-malas. Os tiros são amortecidos pelo silenciador.

Uma estrela cadente risca o céu estrelado.

Uma lona de carga já forrava o porta-malas, segurando a lona, eles tiram o corpo de uma mulher mais velha, vestida e ensanguentada. Bobbi amarra rapidamente uma ponta da corda na morta e a outra ponta num peso de ferro com argola. Com os pés, o

corpo é empurrado de uma altura de 4 metros, caindo na água com o peso e logo em seguida afundando na represa escura.

Eles entram no Opala e partem, luzes acesas.

EXT. SP/CANAVIAL/REPRESA. AMANHECER

PARA-CHOQUE/ÂNGULO BAIXO: O carro em marcha a ré se distancia sob as luzes dianteiras do veículo... O pneu arranca triturando a lama e a jogando para trás...

CORTA PARA:

INT. SP/CASA BOBBI/QUINTAL. DIA

Na luz matinal, um jato de água remove a lama espessa do pneu do Opala. Bobbi (da cena anterior no canavial) lava o porta-malas do Opala. A água vermelha de sangue na estopa, que logo é diluída com mais água da mangueira.

Mais à frente, há uma Brasília, um Corcel, um Passat azul e um segundo Opala, que chamaremos de "Opala 2", estacionados internamente. Carros demais para uma casa.

Bobbi olha o relógio e depois para a casa:

BOBBI

Ô, Augusto, olha a hora!

CORTA PARA:

INT. SP/CASA BOBBI.SALA. DIA

Augusto passa por sala vazia pronto para sair.

CORTA PARA:

EXT. SP/CASA BOBBI/RUA OPALA 2. DIA

CÂMERA ASSENTO TRASEIRO:

Augusto entra no banco do passageiro.

Bobbi recua o carro cuidadosamente e diz:

BOBBI

O senhor sabe que eu não faço essa pergunta,
mas ontem, aquela mulher, eu fiquei muito
curioso...

Augusto olha para o enteado.

AUGUSTO

Que é que eu ganho se eu te disser?

BOBBI

Não ganha nada.

AUGUSTO

É feito uma coceira, né? Que não dá pra coçar...

EXT. SP/CASA BOBBI/RUA. DIA

Em frente à casa, o Opala 2 sai de ré com Bobbi
dirigindo, Augusto no passageiro, a câmera vai
descendo à espera da placa, que chega a
centímetros da lente, identificando onde estamos:

CORTA PARA:

EXT. SP/ CASA BOBBI/RUA. OPALA 2.

DIA - CÂMERA GRIP



Bobbi olha pra Augusto, que não vai responder. Ele conhece a pessoa ao seu lado.

Surpreendentemente, Augusto fala, olhando para Bobbi:

AUGUSTO

Herança e inveja.

Bobbi parece se satisfazer. Eles arrancam, de casas, arborizada.

SOM: o ruído de datilografia surge na trilha sonora...

EXT. SP/ESTACIONAMENTO/EDF COMERCIAL. DIA

Ruído de datilografia CONTINUA na trilha sonora...

TELEPHOTO/PLANO SEQUÊNCIA: acompanhamos o Opala 2 da cena anterior vindo numa rua e entrando num estacionamento.

Ruído de datilografia...

Augusto e Bobbi saem do carro e uma ZOOM OUT/PAN
==> revela que estamos num escritório...

INT. SP/ESCRITORIO GHIROTTI/SALA 1. DIA

Ruído de datilografia:

Perto da janela, em pé, observando o Opala de
Augusto e Bobbi estacionando, está HENRIQUE
GHIROTTI.

Na mesma sala, cigarro aceso no cinzeiro,
SALVATORE, 30 anos, filho de Henrique, datilografa
um documento.

Na parede: GHIROTTI COMPONENTES DO BRASIL.

HENRIQUE

Chegaram...

Ele sai da janela e começa a andar, abre a porta.

SALVATORE

Tô subindo...

Salvatore continua datilografando.

CORTA PARA:

INT. SP/ESCRITÓRIO GHIROTTI/CORREDOR. DIA

Henrique anda pela sua empresa, que está
aparentemente deserta, sem expediente.

Sobe escadas...

INT. SP/ESCRITÓRIO GHIROTTI/SALA 2. DIA

Ele entra na ampla sala de reunião, chega no bar, tira copos de uísque, serve-se.

CORTA PARA:

Uma foto emoldurada na parede, da escavação do Metrô de São Paulo.

PAN ==> cartaz colorido de Gênova, Itália.

A foto de uma fábrica.

CORTA PARA:

Salvatore chega com papel e envelope em mãos. Ele passa pela câmera e agora um ZOOM firme e lento em direção à porta vazia indica a chegada dos dois convidados, anunciados por sombras e passos: Augusto e Bobbi.

Os dois homens são marcantes, revistos agora: Augusto tem uns 60 anos, cabelo militar, roupa de civil, bom porte físico. Bobbi - 25-30 anos, em forma.

AUGUSTO

Dr. Henrique...

BOBBI

Bom dia, Dr. Henrique.

HENRIQUE

Querem um scotch?

BOBBI

Vou aceitar, obrigado.

AUGUSTO

Vai aceitar nada, rapaz, isso aqui é trabalho.

Bobbi, que é um homem adulto, olha para Augusto e pega o copo de uísque. Sem tirar o olhar do homem mais velho. Augusto devolve o olhar, ciente de que não deve protagonizar uma situação na frente de Henrique Ghirotti, que observa a dupla enquanto senta.

Os dois homens cumprimentam Salvatore, que pega o seu copo de scotch, ali descansando numa mesinha.

Henrique senta atrás do birô - scotch na mão - e começa a falar, escolhendo as palavras com cuidado, enquanto passa um envelope.

HENRIQUE

(Muito coloquialmente, como se falasse de alugar um apartamento.)

Tem essa pessoa, um sujeito que fugiu pra Recife, tô tentando confirmar ainda...

Henrique puxa a folha datilografada da máquina de escrever, algumas linhas escritas, vista a distância.

HENRIQUE

...Eu juntei umas informações aqui.

AUGUSTO

(Passando a vista no papel.)

Branco, índio, marrom ou crioulo?

HENRIQUE

Branco.

AUGUSTO

Trabalha com o quê?

HENRIQUE

Tá no papel...

Augusto passa a vista.

Henrique usa um lenço para metodicamente limpar a foto de papel brilhoso no seu birô, e a entrega a Augusto. Não vemos a foto, que fica entre eles...

HENRIQUE

É o terceiro do lado direito, o de barba.

Augusto olha a foto.

AUGUSTO

Esse tipo, o senhor já deve saber, é mais caro...

Ghirotti fita Augusto, que olha a folha de papel.

AUGUSTO

Eu vou lhe cobrar 60 mil cruzeiros. Mais gastos de transporte e acomodação.

Henrique observa.

HENRIQUE

Eu vou lhe pagar 40 mil cruzeiros e eu só quero saber que deu tudo certo.

Não me ligue, esqueça que eu existo, se vire.

Bobbi observa.

AUGUSTO

Com todo o respeito, Dr. Henrique, o valor é 60 mil cruzeiros. Trinta agora, 30 depois. Se o senhor não concorda, eu entendo e respeito.

Augusto entrega a foto para Bobbi. Henrique toma outro gole de scotch.

HENRIQUE

Sessenta mil...

(Pausa.)

Eu só quero saber que deu tudo certo...

Salvatore ouve ali calado.

HENRIQUE

Esse carnaval passou em branco pra mim... eu tô querendo muito resolver esse negócio, entendeu? Eu quero...

(Faz um gesto para o próprio rosto.)

...acabar com a cara desse sujeito... deixar sem nariz, sem boca, quero que vire um boneco...

Bobbi olha a foto com atenção.

A FOTO EM DETALHE:

ZOOM ==> a foto: Um ambiente de trabalho, foto de grupo. AGORA vemos o homem barbudo em detalhe: é Marcelo.



CORTA PARA:

INT. EDF. OFIR/APTO GEISA/QUARTO. DIA



Um ZOOM OUT sai da arcada dentária de Marcelo, um espelho e a espátula de dentista a examina.



Cláudia, com óculos de grau, faz a vistoria. Ela, sentada (joelhos na cama) no colo dele, que está sentado na cama e encostado na parede, como uma cobaia ou paciente. Ambos vestidos, ele com a mão nas costas dela. Os dois parecem entender-se bem.

CLÁUDIA

(Olhando atenta pelos óculos.)
Nenhuma cárie nunca... Tu és um desses, né?

MARCELO
(Voz debilitada com os instrumentos na boca.)
Mas... EM >>> ÁRrr-ARO?
("Mas tem tártaro?")

Cláudia aperta um ponto com mais força, Marcelo reage, apertando o braço dela:

CLÁUDIA
Olha aí... Teus dentes são bons, mas tem uma cárie...

Uma voz feminina rouca entra pela janela:

DONA SEBASTIANA
(VOZ.)
Ô, MARCELO!

Ele foge do exame, libera a boca.

MARCELO
(Projetando a voz.)
Dona Sebastiana!

DONA SEBASTIANA
(Voz pela janela.)
Chegou a feira com Seu Valdemar, quer dar uma palavrinha com ele?

CLÁUDIA
(Para Marcelo.)
Acabou o exame...

Ele baixa a alça da camiseta dela e beija o seio direito dela. Veste a bermuda.

CLÁUDIA

(Levanta a alça.)

Eu tenho que subir.

Cláudia levanta a saia, sobe a calcinha. Marcelo aparece na janela, Dona Sebastiana lá embaixo. Cláudia o observa.

MARCELO

Vou descer!

Ele olha o pátio.

CLÁUDIA

Deixa eu te dizer uma coisa...

Ela põe o sutiã por baixo, alças da camiseta baixas.

MARCELO

Sim...

CLÁUDIA

É sobre Dona Sebastiana.

Cláudia tem a atenção de Marcelo ao falar de Sebastiana.

CLÁUDIA

Sabe a sobrinha dela, que é a dona desse apartamento?

MARCELO

Sim.

(Pausa.)

CLÁUDIA

O que foi que ela te falou sobre a sobrinha?

Marcelo já imagina o que vai ouvir.

MARCELO

Que ela viajou... e deixou o apartamento...

CLÁUDIA

Pois é, na verdade ela morreu.

MARCELO

Morreu?

CLÁUDIA

Ela foi morta pelo noivo, que não queria que ela viajasse pra estudar na Alemanha. O cara é professor de direito, sempre foi tranquilo, virou um monstro. Fugiu pro interior e lá foi morto, dizem que a mando da família dela. Uma tragédia.

Marcelo parece impressionado com o que ouve.

MARCELO

Como é que tu sabe disso?

CLÁUDIA

Dona Sebastiana me falou. Só que depois eu vi que ela tava falando outra coisa pra outras pessoas.

Marcelo parece perturbado com a informação.

CLÁUDIA

Eu não devia ter te falado isso...

Ele ouve e sai do quarto.

INT. EDF. OFIR/APTO GEISA/SALA. DIA

Marcelo passa pela sala e olha naturalmente para as fotos de Geisa na estante... Ele sai do apartamento descalço, pela porta da frente.

CORTA PARA:

INT. EDF. OFIR/APTO GEISA/QUARTO/SALA. DIA

Do quarto, Cláudia chega na sala de Marcelo e vai discretamente à escada, saindo pela porta de serviço. Fecha a porta.

EXT. EDF. OFIR/PÁTIO. DIA

Marcelo chega no térreo e olha para Dona Sebastiana, que mostra onde a Kombi - manobrando no pátio do Edifício Ofir - deve parar. É dirigida por VALDEMAR, 50 anos, que sai da Kombi, bermuda e camisa de botão amassada, mocassim nos pés.

VALDEMAR

Dona Sebastiana, como vai a senhora?

DONA SEBASTIANA

Como vai, seu Valdemar? Já tive pior.

(Gritando aos ares para os empregados.)

Ô, CLÓVIS! Ô, MARIA!

CORTA PARA:

INT. EDF. OFIR/APTO DE CLÁUDIA. DIA

Cláudia acaba de subir as escadas e entra no seu apartamento pela cozinha. A babá que é funcionária de Cláudia, Joana, vem andando com Débora.

(Apartamento pouco mobiliado, impessoal.)

CLÁUDIA

Joana, tu podes ajudar lá embaixo com a feira?

Joana entrega Débora e tenta um olhar cúmplice de quem sabe onde a patroa estava, mas Cláudia não abre espaço.

JOANA

Eu vou.

JOANA põe as sandálias e sai do apartamento.

CORTA PARA:

EXT. EDF. OFIR/PÁTIO. DIA

Valdemar abre as duas portas da Kombi, uma seleção de frutas e legumes frescos e coloridos, em quatro cestas e três sacolas. Dois caramelos e um gato aproximam-se, talvez sobre algo para eles.

Marcelo chega no pátio descalço, vindo das escadas.

VALDEMAR

(Simpático.)

Olha o home! Bem-vindo, MARCELO!

MARCELO

Opa...

VALDEMAR

Como vai? Eu sou Valdemar.

MARCELO

Tudo bem. Obrigado por...
tudo aqui.

VALDEMAR

Ele tá dando trabalho, Dona Sebastiana?

DONA SEBASTIANA

Eu que dou trabalho a ele...

JOANA chega muda no térreo. Marcelo olha para os
hortifrutigranjeiros.

MARCELO

Nossa feira?

VALDEMAR

Pois é, eu trago essa feirinha toda quinta, ou
quando eu posso... Meus pais têm uma granja, aí a
gente faz um arranjo e todo mundo fica
contente. Tem pinha, graviola, banana,
melancia, coentro, tomate...

Haroldo aproxima-se sonolento com seu sotaque
carioca.

HAROLDO

E aê, Marcelo, a feirinha dos refugiados. Tudo
bom, Valdemar?
Veio a mangaba hoje?

VALDEMAR

Eita, mangaba hoje não...

(Para Haroldo, discreto e corretivo.)

...E a gente não usa esse termo não, melhor não, tá certo?

HAROLDO

Ué... mangaba?

VALDEMAR

Não...

(Baixa a voz.)

...“refugiados”...

HAROLDO

Ué! E a gente é o quê?

Valdemar olha Haroldo seriamente, olha para Marcelo e mostra o relógio no seu pulso:

VALDEMAR

Tá lembrado amanhã?

MARCELO

Cinco da manhã?

VALDEMAR

Cinco da manhã...

Marcelo confirma.

Chega António com uma sacola.

ANTÓNIO

Bom dia, Valdemar.

VALDEMAR

Bom dia, Dr. António. Como vai Dra. Teresa?

ANTÓNIO

Está na cama ainda.

Haroldo chega junto de Marcelo, puxa o braço dele e cochicha:

HAROLDO

(Apontando para cima, no prédio.)
Também tás frequentando, é?

Marcelo entende que Haroldo fala de Cláudia.

MARCELO

Tás falando de Cláudia?

HAROLDO

Tô, cara!

Marcelo dá uma olhada pra cara do moleque.

MARCELO

Que conversa errada é essa, bicho?

HAROLDO

Não, cara, se tu pintou na área, vai lá, mas a mulher tá numa maré braba, tô te avisando.

MARCELO

Sim, e tua maré tá como aqui?

HAROLDO

Braba também, mas tô me segurando. Agora, ela tá machucada, bicho.
A família fechou o consultório dela lá em Goiás, venderam tudo, parece que o marido é um milico retardado, armado até os dentes, a sorte é que ela conseguiu sair com a filha...
Eu não sei qual é a tua história, mas, se quiser saber a minha, eu te falo. Se liga aê.

Marcelo olha direto para Haroldo.

MARCELO

E tu acha que é verdade essa história que ela te contou? Me diz uma coisa, teu nome é Haroldo?

Haroldo, confuso, olha para Marcelo.

Marcelo olha para Haroldo, ele sobe a vista e vê na janela Cláudia, com Débora no braço, vendo a conversa dos dois.

MARCELO

Tu acredita em tudo que te contam?

CORTA PARA:

I/E. SSP/ESTACIONAMENTO/FUSCA. DIA - DETALHE

Marcelo dentro do seu Fusca, no primeiro dia de trabalho no Recife. Olha no relógio:
5 da manhã. Ele sai do carro.



EXT. SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA/RUA. DIA

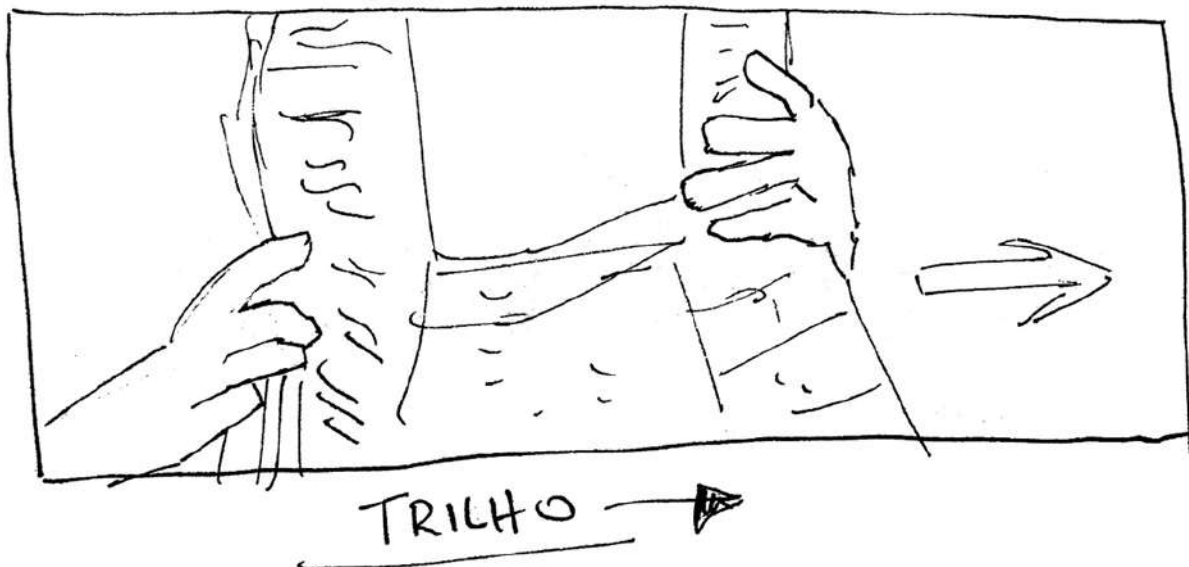
Cães de rua passam, línguas de fora, vistos pelo portão.

Amanhecendo na rua, uma viatura de polícia, duas Kombis cobertas de orvalho. Marcelo segura sacola do Bompreço (de papel pardo), com documentos. Fecha o Fusca e vai em direção a um jornaleiro mirim com uma bata azul maior do que ele.

O garoto acaba de vender um jornal para dois homens (vistos de costas), que se afastam já abrindo o jornal...

CORTA PARA:

Os homens são agora seguidos APENAS pelas suas mãos com o jornal...



TRACKING SHOT MÃOS/JORNAIS: Os homens afastam-se, passando a vista no jornal: são Euclides e seu filho Sérgio, que folheiam até achar uma foto publicada na página B7 - editoria de POLÍCIA: a perna ao lado do tubarão no laboratório da universidade. Entreolham-se mudos...



PERNA HUMANA ACHADA NA BARRIGA DE TUBARÃO

EUCLIDES

Tão perdidinho feito cego em tiroteio, não tem nada aí... nada que eu não saiba. Nem vai ter...

SÉRGIO

E eu não sei? Mas dá um friozinho na barriga, não dá...

Euclides lê, Sérgio pega outro jornal, manuseiam os papéis, viram páginas à procura de algo e um deles abre na página B10, onde a foto de família de um rapaz bem-vestido e sorridente, numa festa, ilustra a matéria ESTUDANTE DE AGRONOMIA CONTINUA DESAPARECIDO. Com o céu azul ao fundo, ACOMPANHAMOS o dedo indicador de Euclides que, SEM FALAR NADA, desliza na folha do jornal:

DETALHE. JORNAL/DEDO. DIA

O dedo de Euclides desce na foto, da cabeça do estudante para a sua perna direita, ZOOM... Sérgio acha engraçado.

SÉRGIO

(Falando baixinho.)

Não dava pra saber? Hein, pai?

SÉRGIO

Enquanto não acharem o resto, tudo certo. Só a perna não vai dar em nada.

EUCLIDES

(Falando com fé.)

Não vão achar o resto, né? Agora... e a perna?

SÉRGIO

Tá no IML...

CORTA PARA:

Uma Kombi branca encosta e entra no estacionamento da repartição, faróis ainda acesos da madrugada, o som do rádio ligado alto chega com o veículo de janelas abertas, o primeiro radiojornal do dia. SOM do rádio DESLIGA com o motor, portas abrem.

Marcelo fecha o jornal e segue a Kombi.

EXT. SSP/PÁTIO/ENTRADA. DIA

Saem da Kombi já estacionada seus futuros colegas de trabalho: RONALDO, DAS DORES, ELISÂNGELA, CARMEN. Eles avançam numa ação de entrar no prédio ainda fechado.

Um Passat também entra no estacionamento, ANÍSIO, bigode, 50 anos, camisa de botão, estaciona e abre a porta.

CORTA PARA:

INT. SSP/SALA. AMANHECER

DESIDÉRIO, guarda noturno, 50 anos, bigode, fardado e armado, camisa mal ensacada, liga as luzes de uma sala com birôs e cadeiras, arquivos de metal e madeira. Um ritual.

EXT. SSP/PÁTIO INTERNO. DIA

Grupo anda junto, Euclides e Sérgio desgarrados, mas ali. Marcelo aproxima-se do grupo:

ANÍSIO

Marcelo?

MARCELO

Bom dia, Marcelo. Anísio?

ANÍSIO

Bom dia, pontual, o caba.

Marcelo olha para o relógio de pulso.

MARCELO

Eu recebi o recado pra vir cedo...

ANÍSIO

Rapaz, todo mundo recebeu esse recado... Vamo entrando...

Marcelo olha para as pessoas já andando.

DOLLY TRACK ==> O grupo anda, Anísio dá atenção a Marcelo.

ANÍSIO

(Riso.)

O Delegado Euclides pediu pra todo mundo chegar cedo hoje...

(Olha para os colegas.)

MARCELO

E pra que chegar cedo?

ELISÂNGELA, outra colega, pouco atrás, acrescenta sem explicar, fitando Marcelo:

ELISÂNGELA

Tem que amarrar o burro onde o dono manda!

Marcelo não parece entender do que falam.

Carmen aproxima-se e aponta para a cena:

CARMEN

O negócio vai esquentar... meu nome é Carmen. Tu que tás sendo transferido?

MARCELO

Marcelo, prazer. Sou eu. O que que vai esquentar?

Elisângela chega.

ELISÂNGELA

Elisângela, tudo bom? Bem-vindo.

Carmen aponta para Das Dores, que vem vindo com uma garrafa térmica na mão.

CARMEN

Das Dores é da limpeza... serviços gerais, né?

Das Dores fala baixinho olhando para Carmen:

DAS DORES

Quenga...

MARCELO

Tudo bom, Das Dores?

Das Dores fica sem jeito.

DAS DORES.

(Acanhada, parece cobrir a boca quando fala.)

Tudo bom...

Das Dores, que usa lenço na cabeça, não tem três dentes frontais, dois superiores e um inferior.

Carmen segura embaixo do braço uma trouxa amarrada com pano branco e broche em volta de uma panela grande. São lanches que ela traz para vender no trabalho, coxinhas.

Carmen, Elisângela e das Dores têm 30 e poucos, 40 anos talvez. Todo mundo ainda com sono, baixa energia, mas a presença de Marcelo é a novidade.

Das Dores cochicha para Elisângela, cobrindo a boca.

DAS DORES

Passo-lhe a priquita...

Elisângela ri. Marcelo sabe que falam dele.

ELISÂNGELA

Tu és o novato? Bem-vindo aí...

MARCELO

Opa. Bom dia. Obrigado.

Ronaldo olha para Marcelo.

RONALDO

Marcelo?

MARCELO

Marcelo...

ANÍSIO

Mas esse teu sotaque não é de São Paulo não, né?

MARCELO

Não, eu sou pernambucano.

ANÍSIO

Ah, bom... Também não parece muito pernambucano...

ANÍSIO

Ronaldo, o depoimento vai ser na minha sala.
Das Dores, vê uma água, uma bolachinha e café
pra quando a senhora chegar. E depois traz pra
gente também... manéra no açúcar...

CORTA PARA:

INT. SSP/SALA. AMANHECER

Os funcionários sobem as escadas e chegam no
corredor do primeiro andar. Marcelo vem junto.
Tomam o espaço entrando pela porta lateral.

Abrem janelas, ligam ventiladores, tiram capas das
cinco ou seis máquinas de escrever em mesas/birôs.

Fones deixados fora do gancho durante a noite são
devolvidos aos aparelhos. Estamos numa repartição
pública brasileira, a foto oficial do presidente
da República na parede, general Ernesto Geisel.

Marcelo tudo observa já na sala, mas há um
trânsito livre entre a grande sala, o hall e as
grandes janelas que observam o pátio. A
movimentação no pátio chama a sua atenção.

CORTA PARA:

INT/EXT. SSP/PÁTIO/SALA. DIA

Marcelo observa Elisângela andando em direção à
mesa apontada por Anísio, que olha para Marcelo e
diz:

ANÍSIO

Hoje a gente tá atendendo a um pedido do delegado Euclides, aquele ali na entrada...

(Aponta.)

...Sete horas começa o atendimento do público, aí tu começa no batente. Daqui a pouco eu mostro os arquivos.

(Ele aponta para um corredor.)

MARCELO

Só sete horas que eu começo...?

ANÍSIO

É, mas tem esse tempinho pra se entrosar, né? E ajudar a fazer quórum...

MARCELO

Fazer quórum pra quê?

Anísio olha ao redor, conclui suas informações desconexas e sai ==>> .

INT. SSP/COPA DE SERVIÇO. DIA

Das Dores, na pequena cozinha, acende o fogo para fazer café, quando algo chama a sua atenção pela porta aberta.

Ela vê uma movimentação dos colegas indo à janela <====.

INT. SSP/SALA. DIA

Marcelo também percebe funcionários indo em bando às janelas ===>. Ele segue o fluxo, para onde já estão Carmen, Elisângela, Anísio e Ronaldo. Das Dores chega.

INT. SSP/PÁTIO/POV MARCELO/SALA. DIA

Os filhos de Euclides, Sérgio e Arlindo, intimidam um fotojornalista (câmera Nikon pendurada no pescoço, flash Yashica, crachá de jornal).

O fotógrafo é levado em direção ao fundo do pátio interno. Há um jornalista mais velho com o fotógrafo, que tenta argumentar algo.

PONTO DE VISTA DE MARCELO: Ali embaixo no pátio, uma mulher de 40 e poucos anos, bem-vestida, vem acompanhada de um homem engravatado. Há outra mulher, talvez sua irmã, ou advogada, ou cunhada... Todos contrariados.

Ela é claramente a protagonista do que está acontecendo...

Euclides usa gravata e recebe a mulher no pátio. Um anfitrião carismático.

Não muito longe, Sérgio e Arlindo controlam que o fotógrafo não tire fotos e o jornalista não avance.

MARCELO

(Olha a ação e pergunta aos colegas.)
Quem é essa mulher?

Das Dores junta-se ao grupo na janela.

Elisângela, Das Dores e Carmen, quando falam nesta cena, aproximam-se ligeiramente do ouvido de Marcelo, como se cochichassem. Algo estranho, delicado.

ELISÂNGELA

(Tentando dar a versão mais isenta possível da história, falando baixo.)

Uma menina de 3 anos morreu atropelada na casa dessa mulher. A menina era filha da empregada dela, a criança morreu por culpa da patroa. Por isso que o delegado Euclides, esse que tá recebendo ali, pediu pra Anísio mandar todo mundo vir cedo hoje, fora do horário de expediente, pra estar aqui no depoimento da grã-fina. E aqui estamos...

DAS DORES

(Fitando a mulher no estacionamento, COBRE A BOCA COM A MÃO quando fala.)

A mulher mandou a empregada na padaria e deixou a menina chorando sozinha com o portão aberto pra rua... A roda do ônibus passou por cima...

Marcelo entende tudo.

MARCELO

Isso aqui é uma delegacia?

ELISÂNGELA

(Olhando para Marcelo, falando baixo.)

Aqui em cima mesmo não! Não é uma delegacia... mas hoje tá sendo...

(Pausa.)

...pra facilitar a vida da madame aí...

CARMEN

E o motorista de ônibus que atropelou a menina vai dar o depoimento na hora normal, em Boa Viagem. Tá bom pra tu?

Euclides sinaliza para trazer os jornalistas - uma PAN <===== para a dupla de jornalistas expulsa anteriormente, fora do prédio, ali no fundo do pátio. Arlindo gesticula para eles.

CORTA PARA:

Observamos o grupo subindo as escadas e discutindo algo (inaudível). A mulher de óculos escuros, lívida. A chegada desse grupo leva Das Dores e Carmen a voltar para a sala grande...

Elisângela no corredor comenta com Marcelo:

ELISÂNGELA

(Falando baixo.)

Eu soube que não avisaram pra mãe da menina que mudaram o lugar e a hora do depoimento.

Das Dores na copa.

O grupo da depoente prepara-se para subir. Anísio chama todo mundo para começar a trabalhar. Ele parece dirigir a cena na repartição como um diretor de teatro. Ou de cinema.

ANÍSIO

(Bate palmas duas vezes.)

Atenção! Todo mundo no seu canto!

Vamo colaborar com o Delegado Euclides!

CARMEN

(Olhando pela janela.)

Eles tão subindo.

Elisângela vai para o seu birô, Ronaldo para a sua mesa.

DISTANTE/PORTA: Marcelo vê pela janela Sérgio gesticulando para que o fotógrafo venha, já preparando a câmera. O outro jornalista é mantido a distância na calçada, por Arlindo, como um segurança de boate.



CORTA PARA:

O grupo da mulher sobe as escadas, liderado por Euclides, que vê Marcelo ao longe.

INT. SSP/SALA. DIA

LEMBRANDO: Toda essa ação é vista pelo PONTO DE VISTA de Marcelo.

Marcelo entra na sala grande e puxa uma cadeira próxima a Elisângela.

Um ZOOM nos mostra que Ronaldo está trabalhando no seu birô, algo compenetrado.

Já Elisângela não está datilografando NADA.
A máquina sem papel, faz um TAC-TAC-TAC malandro,
as peças de metal atingem o rolo preto da máquina
a esmo. Ela vira-se e olha para Marcelo (suas mãos
continuam batendo nas teclas).

ELISÂNGELA

(Sussurrando para Marcelo.)

Eu sou cargo comissionado...

Marcelo olha para Elisângela, vira o rosto e vê na
outra porta a mulher depoente, o advogado,
familiares e amigos entrando em direção à salinha
designada, com escrevão, máquina de escrever e um
outro oficial. Lembra uma área VIP em festa.

Das Dores a caminho da área do depoimento com
bandeja, água e café fresquinho.

Como figurantes, os funcionários da repartição
fingem que estão ali. O som da máquina do escrevão
começa a ecoar no piso de taco do prédio. Tem
início o depoimento.

Marcelo não tem a expressão corporal de quem está
na encenação. Ele olha para o relógio Seiko na
parede da repartição: 05h35 da manhã.

Do ponto de vista de Marcelo, observamos Euclides
no momento em que ele vira o rosto e olha na nossa
direção (para o PONTO DE VISTA DE MARCELO). Ele já
tinha visto Marcelo ao subir as escadas...

Euclides olha Marcelo no olho, e este naturalmente
tira o jornal debaixo do braço e o põe na mesa,
lendo:

MANCHETE: *“Saldo do Carnaval: 91 mortos. Acidentes de trânsito, assaltos, afogamentos e brigas voltam a subir em números.”.*

O olhar de Marcelo desliza para outra manchete menor, “PERNA HUMANA ACHADA EM BARRIGA DE TUBARÃO.”

Ali perto, Carmen estica o braço, mostrando seu jornal para Elisângela, que se esgueira de sua não datilografia.

CARMEN

Visse isso?

Euclides vem andando e aproxima-se, parando no caminho para pegar água no garrafão de vidro Indaiá. Parece vir falar com Marcelo e ignora as mulheres.



EUCLIDES

(Apontando para o jornal na mesa, segurando copo d'água e num tom de alguma empolgação.)

Vai passar de 100, pode apostar...

MARCELO

(Olha para a manchete.)

Mais de 100 mortos?

EUCLIDES

(Com uma inusitada animação.)

Oxe, mai tá... Boa... tu é policial?

MARCELO

Sou não, como vai?

EUCLIDES

(Olhando para Anísio, ali perto.)

Oxe. Tem a maior pinta de policial, o caba.
Euclides Oliveira Cavalcanti, às suas ordens.

MARCELO

Pois não... Marcelo.

EUCLIDES

Marcelo de quê?

MARCELO

Er... Marcelo Alves.

A energia de Euclides sugere simpatia imediata por Marcelo, algo paterno e masculino. Marcelo tem mesmo um carisma.

Com Euclides ali junto, Elisângela agora pelo menos põe papel na máquina...

Nesse momento, ali longe, a mulher que depõe começa a chorar. Euclides vira-se.

A mulher que a acompanha gesticula para fora, o sinal é repassado para Arlindo, que acena para

Sérgio. Euclides rege tudo com sinais, na maioria discretos...

EUCLIDES

(Apontando para o depoimento com o polegar.)

Vai chegar o fotojornalista...

Que situação... o sofrimento dessa mulher com esse acidente...

Os repórteres entram sincronizados com os soluços da mulher, que aumentam e viram gritos de desespero.

Marcelo olha para Euclides, que segura um copo de plástico.

EUCLIDES

Eu sou delegado. Aqui do lado é o meu cantinho, precisando, tô às ordens...

(Fita Marcelo.)

...Anísio e o pessoal dele tá quebrando um galho aqui hoje. A gente faz o que pode, né? Uma pessoa maravilhosa dessa...

Com o fotógrafo e o repórter no depoimento, CLIC-CLIC, FLASH-FLASH - a senhora bate o braço na mesa e joga a cabeça para trás, amigos e familiares tentam ampará-la. Fica a suspeita de que a mulher talvez esteja exagerando.

Anísio chega para fazer média.

ANÍSIO

Dr. Euclides, o cidadão tá começando hoje, transferência de São Paulo.

MARCELO

De Brasília...

EUCLIDES

Muito bem. E lá em Brasília tu era policial?

MARCELO

Não, não. Eu não sou policial.

Euclides olha para Marcelo com inusitada admiração.

EUCLIDES

(Fazendo arminha.)

Atira?

MARCELO

(Ri pela insistência.)

Também não...

ANÍSIO

(Ligeiramente ansioso.)

Veio bem recomendado, o cidadão... Vamo lá comigo pra mostrar a sala de arquivo?

Anísio pega o jornal de Marcelo na mesa.

MARCELO

Bom... prazer conhecer o senhor.

Bom trabalho.

Euclides se despede, fica para trás, sempre olhando para Marcelo, que acompanha Anísio em direção a um corredor ainda escuro.

INT. SSP/CORREDOR 1.DIA - TRACKING SHOT

Anísio acende as luzes, o corredor surge.
Os soluços da mulher e os TAC-TACs das máquinas de escrever ficam para trás...

Marcelo não se contém:

MARCELO

(Sondando.)

Que personagem, esse delegado Euclides...

Anísio olha para Marcelo antes de reagir.

ANÍSIO

Taí ser humano imperfeito, mas, se tu puder, é bom ter Euclides por perto...

(Baixa a voz.)

Agora, o filho branco dele, Sérgio, fique longe, alma sebosa!

CORTA PARA:

INT. SSP/SALA DE ARQUIVOS. DIA

Anísio abre a sala grande e surpreende Desidério, o guarda noturno, afastando-se às pressas de uma mulher (40 anos, cabelo tingido, acima do peso) no fundo direito da sala, atrás de arquivos. Desidério levanta a calça e o cinto, a mulher se recompõe.

ANÍSIO

De novo, Desidério...?

A falta de resposta é substituída pelos sons de roupa e cinto sendo recolocados.

DESIDÉRIO

Saindo, doutor.

Marcelo e Anísio abrem espaço para o desfile de Desidério, funcionário comissionado pelo INPS, e sua parceira, que faz ponto nas redondezas da praça Joaquim Nabuco e no Cinema Moderno, centro do Recife. Ela tira de letra, Desidério mantém o olhar baixo da vergonha.

DESIDÉRIO

Desculpe, doutor... esse horário hoje me tirou de tempo...

ANÍSIO

Sai por trás, pelamor de Deus.
E volta lá pra frente!

Anísio fecha a porta. Marcelo acha engraçado.

ANÍSIO

Aí é raparigueiro, viu...
(Respira.)

...Bom, essa é a sala onde tu vai trabalhar.

A sala tem dezenas de arquivos metálicos e de madeira. Guardam centenas de milhares de documentos de identificação da população no Recife e é mediada por um balcão de atendimento ao fundo, madeira de lei. Anísio põe o único telefone de volta no gancho.

ANÍSIO

Teu trabalho vai ter muito pra lá e pra cá nessa sala, pra achar as fichas. Renovação de carteira de identidade é aqui. Esse é o arquivo. Diz um nome aí...

MARCELO

Um nome? Er... Maria Aparecida dos Santos...

ANÍSIO

Na ponta da língua... Maria Aparecida... Aí tu me quebra...

(Aponta para um corredor.)

Deve ter 5 mil Maria Aparecidas, e dos Santos é fogo... É tua mãe?

Nome do pai não é mais fácil, não?

MARCELO

Entendi... Tenta Lourinaldo Fernando de Melo Solimões...

ANÍSIO

“Solimões.” Taí um nome, o resto é pilhéria!

Anísio, profundo conhecedor do sistema de arquivos, olha a sala, abre gaveta, fecha, abre a de baixo.



ANÍSIO

Eta que eu trabalhei aqui de 66 até 73. Tem muito mais gente, e deve ter muito defunto,

viu?

Sua mão desliza, abre gaveta, fecha e abre a próxima... Ele troca de corredor.

ANÍSIO

Se tiver aqui, eu acho.

Abre mais um arquivo.

ANÍSIO

“Solimões... de Melo Araripe... Lourinaldo
Fernando... é o de 1912?

MARCELO

1912... achou? Tem foto?

ANÍSIO

Olha a foto...

Anísio mostra a ficha...

DETALHE. FICHA

Uma ficha dos anos 1930, com foto, dados,
assinatura.

O telefone toca, a caminho do aparelho, Anísio
diz:

ANÍSIO

O pai é sempre mais fácil... isso é lá de fora...
Se precisar de ajuda pra achar essa ficha de
identificação da sua mãe, avise...

Anísio atende:

ANÍSIO

(Preocupado.)
Alô... e é? Hm... Vou aí.

Desliga. Anísio olha para Marcelo.

CORTA PARA:

INT. SSP/CORREDOR 1. DIA

TRACKING SHOT: Anísio e Marcelo andam rapidamente, Marcelo abre o jornal enquanto anda.

MARCELO
Viu isso? A secretaria de turismo é que deve tá gostando...

“PERNA HUMANA ACHADA EM BARRIGA DE TUBARÃO”

ANÍSIO
(Uma confidência, fala mais baixo, como se usando o jornal como proteção.)
Olha, eu tô aqui também pra te ajudar, viu? Não falo mais nada.

Marcelo parece surpreso. Não sabe como reagir...

Bem aqui os dois começam a ouvir os gritos ecoando pelo prédio...

TRACKING SHOT - Anísio e Marcelo, a câmera escolhe Marcelo, Anísio some do quadro.
Há uma comoção acontecendo.

OBS: Marcelo vê no corredor uma parte da cena e, ao entrar na sala, a outra parte da cena.

No CORREDOR fora da sala - uma mulher de roupa modesta, lenço na cabeça, saia, sandálias e camisa

de botão, encontra-se fora de si, gritando. Amparada pela própria mãe e irmã. Seus gritos são perfurantes. Um casal (de advogados probono: ele, paletó, ela, calça marrom e blusa verde) acompanha.

É a mãe da garotinha morta na casa da patroa. Ela descobriu que a mulher está dando um depoimento organizado só para ela, às 5h30 da manhã, fora do horário oficial. A mãe conseguiu chegar perto da sala...



Na mesa do depoimento, a mulher é cercada pelos amigos e familiares, proteção a uma ameaça externa. Ela parece chorar de verdade. Isso na área INTERNA.

Sérgio garante que elas não vão avançar, com a ajuda de Arlindo, seu irmão de criação. Dentro da sala, Euclides coça a cabeça.

No corredor, à frente de Marcelo, Elisângela não esconde o choro. Das Dores, de braços cruzados, observa com a mão cobrindo a boca. Outros

funcionários prestam atenção ou tentam ignorar, braços cruzados.

Anísio junta-se aos funcionários, de olho em Euclides...



Do corredor:

A MÃE

(Gritando fora do prédio, mas inteligível, uma voz destrozada.)

Deix'eu falar doutor...

(Para o seu advogado.)

DONA CLEIDE! DONA CLEIDE, MEU DEUS, MINHA NOSSA SENHORA! EU CUIDEI DE FERNANDINHO COMO SE FOSSE MEU FILHO, DONA CLEIDE! E A SENHORA DEIXOU AMANDA SOZINHA! Ó MEU DEUS AMADO!
EU QUERO MINHA FILHA BRINCANDO NA ESCOLA! DONA CLEIDE - AI, NOSSA SENHORA ME AJUDE!

Elisângela segura o choro, de braços cruzados; Das Dores põe a mão na boca; Anísio sai da janela e outras pessoas fingem que aquilo não está acontecendo.

Marcelo observa a cena e olha para os advogados, aflitos, da mãe desesperada.



CORTA PARA:

EXT. RUA/ORELHÃO. DIA

Mais tarde...

Marcelo prepara-se para dar um telefonema no orelhão do pátio quando surge Euclides, acompanhado dos filhos Arlindo (de criação) e Sérgio (biólogo).



EUCLIDES

Opa! Caba bom!

Marcelo segura o telefone.

MARCELO

Opa, Dr. Euclides.

EUCLIDES

Rapaz, desligue que eu vou lhe dar um presente agora, aqui no outro lado da rua, venha!

Marcelo parece meio incrédulo, talvez temeroso...

MARCELO

Tem que ser agora?

EUCLIDES

Agora! Eu quero lhe apresentar um cara arretado, é aqui junto, eu já tava querendo mostrar pros meninos, venha junto!

Marcelo põe fone no gancho, os quatro saem andando. Marcelo olha para trás e vê o telefone se distanciando.

EUCLIDES

Oxe, é ligeiro! Ele tá lá agora, que eu sei.

SÉRGIO

É aula de história, meu amigo.

ARLINDO

Meu pai foi com a tua cara, aproveita, visse?

Marcelo acompanha os três homens, com alguma apreensão.

EUCLIDES

Tu gosta das histórias da Segunda Guerra Mundial?

MARCELO

Eu conheço algumas...

EUCLIDES

Rapaz, é um negócio fora de série!

CORTA PARA:

INT. ALFAIATARIA/ESCADA. DIA



A alfaiataria fica em frente à repartição, no centro do Recife.

HANS, 70 anos, alemão, fita métrica ao redor do pescoço, está medindo os braços de cliente, assistido por antiga funcionária.

HANS

(Forte sotaque.)

Acho que é o outro azul, o turquesa...

De repente, Hans parece sentir o terror ao ouvir a voz de Euclides subindo a escada. Hans imediatamente foge para o seu escritório isolado, fecha a porta.

Euclides, Marcelo, Arlindo e Sérgio sobem as escadas de madeira da Hans Alfaiate.

CHICO, 40 anos, negro, companheiro de vida e de trabalho de Hans, tenta dar cobertura, já se posicionando acima na escada.

EUCLIDES

(Olhando para António.)

Opa, bichão! Cadê Hans? Trouxe um amigo pra ele conhecer!

CHICO

Como vai o senhor, Dr. Euclides?

Hans tá um pouco indisposto hoje.

Marcelo olha atento o lugar extraordinário que a alfaiataria de Hans é.

EUCLIDES

É rapidinho, meu amigo! HANS!

Posso ir lá?

CHICO

O Delegado Euclides tá aqui!

CORTA PARA:

INT. ALFAIATARIA/ESCRITÓRIO. DIA

Hans, que é judeu, imediatamente esconde o candelabro menorá na estante e não parece querer

receber Euclides e seus amigos.

Senta-se no birô estrategicamente de costas para a porta, as costas, o seu único escudo...

HANS

Sag, dass ich nicht hier bin!

(Em português: Fala que eu não estou!)

Euclides abre a porta do escritório com a sua presença expansiva.

EUCLIDES

HANS!! Meu amigo alemão! Eu trouxe uns amigos pra lhe conhecer!

HANS

(Digno e educado, de costas.)

Bom dia.

Marcelo entra...

EUCLIDES

Marcelo, esse é Hans, foi soldado alemão na guerra, esse aí tem história pra contar, viu?

Hans não se contém e revira os olhos.

De costas ainda...

SÉRGIO

Eita, cabra bom.

HANS

Não tenho nada pra contar, e não quero falar de guerra...

Euclides toca no ombro de Hans e pergunta:

EUCLIDES

Hans! Mostra as cicatrizes?

Meus meninos querem ver e nosso amigo aqui também!

Hans para a mão de Euclides no seu ombro, gira a cadeira e exige respeito com os olhos. António olha preocupado a distância.

HANS

Hoje não, está bom? Cansado...

EUCLIDES

Vai lá, meu velho, eu tenho o maior respeito pelo soldado alemão! Você é um cabra arretado!

Marcelo vê o candelabro menorá não muito bem escondido...

MARCELO

Não precisa, tudo bem.

Chico fala com Hans a metros de distância.

CHICO

Mein Lieber, du musst das nicht durchmachen...

(Em português: Querido, você não precisa passar por isso.)

Chico, falando alemão, chama a atenção de todos.

ARLINDO

EITCHAAA... Ó o crioulo falando alemão!

Arlindo ri sem jeito.

EUCLIDES

(Discreto, como um pai para o filho.)
Fala assim não...

Hans ouve. Euclides observa a calça.

EUCLIDES

(Aumentando a pressão.)

Hans, por favor, mostra os buracos de bala nas pernas? Trouxe o amigo de fora para lhe conhecer, vá lá, rapaz!

HANS

Não, não é bom isso, tá?

Chico intercede.

CHICO

Dr. Euclides, a gente agradece o trabalho que o senhor faz aqui na área, mas Hans teve um dia...

EUCLIDES

(Cortante.)

Deixa eu conversar com Hans, bichão... eu só quero ver as cicatrizes...

SÉRGIO

Painho, ele não tá querendo não.

Euclides olha bem-humorado para Marcelo e junta os dois dedos para insinuar que Hans e Chico são um casal.

EUCLIDES

(Falando baixo, mas na frente de Hans.)

Esses dois, ó... mas são gente boa...

A senhora empregada da alfaiataria chega no escritório e não entende o que se passa.

Hans, resignado, fica de pé, levanta a perna e a apoia na cadeira, apontando para a perna. Euclides abre sorriso.

EUCLIDES

Olha aí, obrigado, querido! Pode levantar a barra da calça?

Enquanto mostra as suas cicatrizes como atração de circo, inclusive mudando de perna, Hans fala com Chico em alemão.

HANS

Ich passe nur wegen dir auf. Dieser Schwachkopf schützt dich und uns. (Português: Eu só dou atenção por causa de você. Esse cretino protege você e a gente.)

CHICO

Und er versteht immer noch nicht, dass du Jude bist.
(Em português: E ele não entendeu ainda que tu és judeu.)

Marcelo olha e se pergunta como veio parar nesse lugar, e com essas pessoas...

ARLINDO

(Examinando e fazendo mímica de tiro.)
Alemanha?

HANS

Bélgica.

Os homens aproximam-se... Seis cicatrizes marcantes.

EUCLIDES

(Como um detetive.)

Isso é bala!

SÉRGIO

É a guerra, né...

Hans desistiu, abre a camisa, um conjunto de cicatrizes impressionante é revelado.

CLOSE-UP de Marcelo, e uma FUSÃO lenta...

INT. BSB/ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA/HALL/
SALA JOÃO PEDRO. DIA

FUSÃO ==> Um aparelho de telefone.

Toca o telefone num escritório de advocacia.
Um secretário jovem/auxiliar atende. Ele parece já saber quem Marcelo é.

SECRETÁRIO

(Ele estala os dedos para João Pedro.)

Pois não, estou lhe passando, um momentinho.

CORTA PARA:

JOÃO PEDRO, 40 anos, gesticula para que a ligação seja transferida à sua sala. Fecha a porta.

CORTA PARA:

INT. BSB/ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA/
SALA DE JOÃO PEDRO. DIA

A sala de João Pedro tem uma janela grande com vista para Brasília (DF). Ele senta rapidamente na sua cadeira e atende o telefone, que está tocando.

JOÃO PEDRO

Alô.

EXT. ORELHÃO. DIA

MARCELO

João Pedro, sou eu, o que é que tá havendo?

INT. BSB/ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA/
SALA DE JOÃO PEDRO. DIA

JOÃO PEDRO

Deixa eu te falar, presta atenção. Espero que você seja bem, não diga onde você está, tá certo?

EXT. ORELHÃO. DIA

MARCELO

Por quê?

JOÃO PEDRO

Essa ligação não é segura, a gente tá com grampo aqui no escritório, tamos tentando resolver isso. Não fala nada, vamo ver uma maneira de se falar direito, mas desliga, tá certo? A gente precisa se falar de dois números seguros... Vamo desligar, me manda um número que eu te ligo.

CORTA PARA:

Incrédulo, Marcelo desliga.

MARCELO

(Dá murro no telefone.)

Manda um número como? PUTA QUE PARIU...

Uma mulher que espera para usar o telefone afasta-se com a energia agressiva de Marcelo.

CORTA PARA:

INT. AGÊNCIA DOS CORREIOS/RECIFE. DIA

Na agência central dos Correios, Marcelo entrega papel para o atendente, que leva a mensagem à máquina de telegrama, senta e usa as teclas.

Na parede, a foto do presidente General Ernesto Geisel.

CORTA PARA:

INT. AGÊNCIA DOS CORREIOS/BRASILIA. DIA

Uma outra foto do presidente Ernesto Geisel na parede de uma outra agência, muito longe dali, em Brasília (DF). A máquina de telegrama imprime a mensagem de Marcelo, que é logo destacada do rolo de papel e colocada num envelope - "TELEGRAMA".

EXT. BSB/RUAS MENSAGEIRO. DIA

O mensageiro dos Correios anda na rua em Brasília com um lote de telegramas para entregar.

CORTA PARA:

INT. BSB/ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA. DIA

O secretário, com o telegrama em mãos sendo rasgado aberto, ele olha.

CORTA PARA:

INT. BSB/ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA/
SALA JOÃO PEDRO. DIA

O auxiliar entrega o telegrama para João Pedro. Ele vê o telegrama já aberto e olha para o secretário.

JOÃO PEDRO

Por que você abriu??

SECRETÁRIO

(Desconcertado.)

Er... eu sempre abro as correspondências, Dr. João...

João Pedro fita o seu assistente.

CORTA PARA:

EXT. AEROPORTO GUARARAPES/PISTA. DIA

A dupla Augusto e Bobbi chega no Recife vinda de São Paulo... Descem pela traseira do Boeing 727 da VASP. Ao andarem em direção ao terminal, a câmera aproxima-se ==> da bolsa de couro de Augusto.

CORTA PARA:

INT. GRÁFICA/JORNAL. DIA

As rotativas do DIARIO DE PERNAMBUCO - movimentada, funcionários de uniforme, o barulho da gráfica a todo vapor imprimindo parte da edição

do domingo. NATALÍCIO, 40 anos, óculos, é o supervisor de operações, anda junto às máquinas. Usa crachá de funcionário e abafa ruído.

Marcelo - jornal dobrado embaixo do braço - é trazido por funcionário que aponta para Natalício. Marcelo agradece e observa a distância o seu irmão por parte de mãe...



MARCELO
(Para Natalício.)
Papai Zoião?!

Natalício não ouve, Marcelo levanta um lado do protetor sonoro de Natalício, que se vira.

MARCELO
PAPAI ZOIÃO?!

NATALÍCIO
Oxe... meu irmão...

Natalício se aproxima e abraça Marcelo. Arranca o protetor de ruído.



NATALÍCIO

(Falando alto por causa do barulho.)

Como é que tu tá, bicho? Como é que tá teu menino?

MARCELO

(Falando alto.)

Ele vai ficar bem. Eu quero muito tá com ele, tô vendo isso.

Natalício olha para o irmão, aliviado de vê-lo. Ele o puxa em direção ao seu pequeno escritório, com vista para as máquinas.

INT. GRÁFICA/ESCRITÓRIO/SALINHA. DIA

Sentados numa mesinha, junto à janela, temos vista privilegiada das rotativas do jornal.

NATALÍCIO

Quando tu me ligasse naquele dia de Brasília pra falar de Fátima, foi mal, irmão, eu fiquei sem reação, congelei... Fiquei esperando que tu ligasse de novo. Puta merda, pneumonia... Uma pessoa danada daquela...

Os irmãos se olham.

NATALÍCIO

Mandei carta pra tu.

MARCELO

Eu tinha que vir aqui te ver.

Natalício olha para o irmão, ensaia falar algo.
Chega perto:

NATALÍCIO

(Olha ao redor e baixa a voz.)

Essa... história que saiu no jornal, que merda é
essa, cara?

Marcelo ouve incrédulo o irmão...

NATALÍCIO

Andasse fazendo merda, foi?

A pergunta é uma facada em Marcelo.

MARCELO

(Pausa.)

Não, irmão... Não fiz nada de errado não.

Natalício olha para o irmão, ele chega mais perto.

NATALÍCIO

Eu sabia...

MARCELO

Sabia? Tu sabia... Então pra que perguntou?

Natalício olha pra cara do irmão...

MARCELO

(Elevando o tom.)
Me diz, pra que tu me perguntou isso?

Natalício engole seco.

NATALÍCIO
Eu sabia... mas eu perguntei porque eu tenho
raiva de tu... inveja... a vida, cara...

Marcelo olha para Natalício, achando que não deve
ter sido uma boa ideia visitar Natalício.

NATALÍCIO
Mesmo assim, tu sabe o que eu fiz?

Natalício aponta para as máquinas que estão em
serviço.

NATALÍCIO
Eu vi a matéria que chegou de São Paulo, pra
edição de sábado de carnaval. Tu ficou sabendo?

MARCELO
É claro que eu tô sabendo.

NATALÍCIO
(Pausa.)
Quando eu vi aquela materinha malandra... texto
de agência de notícia falcatrua, SEM
ASSINATURA, SEM FOTO...

MARCELO
Sem foto...?

NATALÍCIO
(Confirmando firme.)
SEM foto...

(Pausa.)

Quando eu vi, eu não tive dúvida, era meu plantão, eu alterei a página, mudei a placa na rotativa e botei uma matéria sobre ônibus elétrico da edição do dia anterior... Ô coisa boa! Com o carnaval, ninguém nem percebeu. A edição de sábado saiu com 106 mil exemplares. E aquela merda não foi publicada, bando de filho da puta...

Marcelo ouve o irmão...

NATALÍCIO

...Muita gente em Recife deixou de ler aquela merda... Eu não fiz isso só por tu não, eu fiz isso por nossa mãe...

Marcelo olhando para o irmão.

NATALÍCIO

E PAPAI ZOIÃO é a puta que te pariu!

Os dois irmãos se abraçam forte.

CORTA PARA:

EXT. RUA/LATERAL CINEMA SÃO LUIZ. À TARDE

Uma marquise de cinema anuncia: "BREVE - KING KONG - 10 anos"

TILT/DOWN...

Marcelo anda na rua Dr. Sebastião Lins, carros, transeuntes. O centro do Recife 1977. Ele parece pequeno entre os prédios.

Uma PAN ==> à direita revela uma longa fila de cinema com dezenas de pessoas na calçada. Uma vitrine é vista de relance (mas de maneira marcante) mostrando o cartaz de *Tubarão*.

CORTA PARA:

INT/EXT. CINEMA SÃO LUIZ/RUA/ENTRADA/HALL.
À TARDE

Marcelo aproxima-se da entrada movimentada do Cinema São Luiz, onde um senhor de gravata e terno barato esbraveja contra Satanás de cima de um banquinho - Bíblia na mão -, gritando a sua fé em Jesus Cristo (APOCALIPSE 12).

PASTOR

*O grande dragão foi lançado fora!
Ele é a antiga serpente chamada
Diabo ou Satanás, que engana
o mundo todo! Ele e os seus anjos foram
lançados à terra!
Então ouvi uma forte voz dos céus,
que dizia: Agora veio a salvação,
o poder e o Reino do nosso Deus,
e a autoridade do seu Cristo,
pois foi lançado fora o acusador
dos nossos irmãos, que os acusa
diante do nosso Deus, dia e noite!*

Na porta do cinema, de óculos e bigode, PEDRO, camisa branca com caneta no bolso e gravata, o gerente. Um fiscal do estúdio acompanha a catraca.

MARCELO

(Para PEDRO, elevando a voz por causa do pastor.)

Boa tarde, Pedro?

PEDRO

Sim?

MARCELO

Eu queria falar com Alexandre, por favor.

PEDRO

Opa, entre aqui.

Pedro solta a correntinha ao lado da catraca. O hall de entrada movimentado. Cartazes e fotos de DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS (1976) e AS ÚLTIMAS LOUCURAS DE MEL BROOKS (*The Silent Movie*, 1976). Uma bonbonnière com pipoqueiro, máquina de refrigerante e caixa registradora mecânica.

Marcelo vê uma mulher amparada por duas amigas saindo da sessão. Como se possuída por uma entidade, ela solavanca a cabeça tão forte que os cabelos voam como se numa tormenta...

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/HALL BALCÃO/ESCADA. DIA

Marcelo passa pelo hall do balcão (MOVIMENTADO) e sobe a próxima escada. Ele remove a placa “PROIBIDA ENTRADA” (*sic*) pendurada com correntinha.

INT. CINEMA SÃO LUIZ/ESCADA. DIA

Com o som da sessão de cinema ecoando pela escada, ele sobe o último lance e vê seu sogro Alexandre, que conhecemos anteriormente, à espera junto à

porta aberta da cabine de projeção. O ruído das máquinas.

Alexandre é o chefe de projeção do Cinema São Luiz e veste uniforme cinza da empresa Luiz Severiano Ribeiro. Sua camisa de botão encontra-se toda desabotoada, ele a veste como um colete, barriga à vista. Quente.

MARCELO

É escada, hein?

Eles se abraçam forte.

MARCELO

Alguém ligou pra mim?

ALEXANDRE

Não.

Tira papel dobrado do bolso e entrega para Marcelo:

ALEXANDRE

Olha aí...

Marcelo pega papel.

Em letra ainda infantil: “Tenha um dia bom, papai, Fernando.”

INT. CINEMA SÃO LUIZ/CABINE DE PROJEÇÃO. DIA



Alexandre entra com Marcelo. Estamos na cabine à meia-luz, espaçosa, dois projetores 35mm, sessão em progresso.

SEVERINO, assistente de Alexandre, 30-40 anos, sem camisa, alpercata, suado, supervisiona a projeção.

ALEXANDRE

Esse é Severino, operador.

Severino tira o olho da projeção.

SEVERINO

Opa, às ordens.

MARCELO

Tudo bom, Severino?

Alexandre aponta para os projetores:

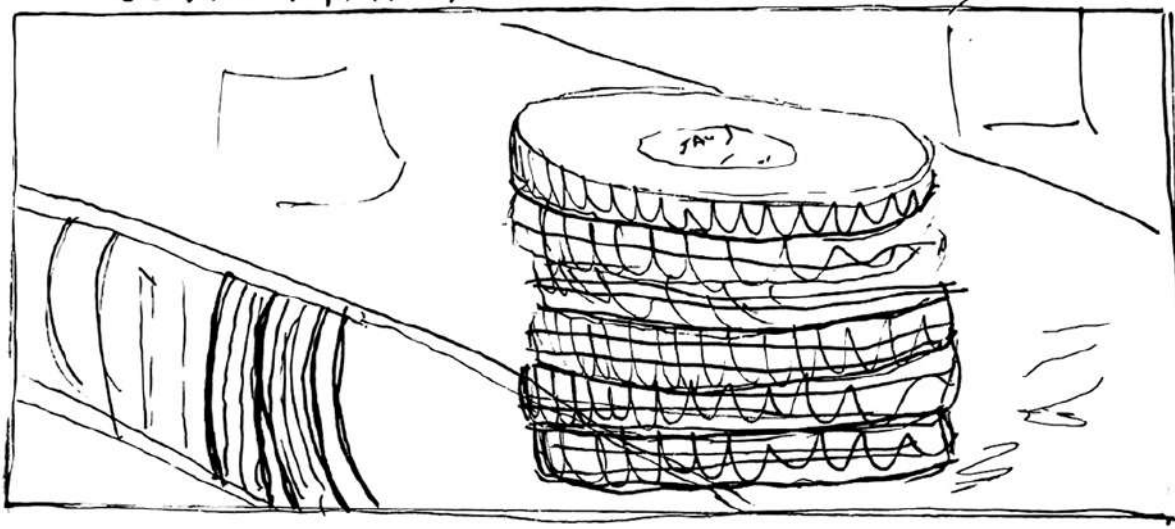
ALEXANDRE

Já conhece, né? Essa é Carlito, e essa aqui é Cantinflas. Em 8 minutos, ela entra com a quarta parte.

(Apontando como um guia.)

Quadro elétrico... Som... e a vigia...

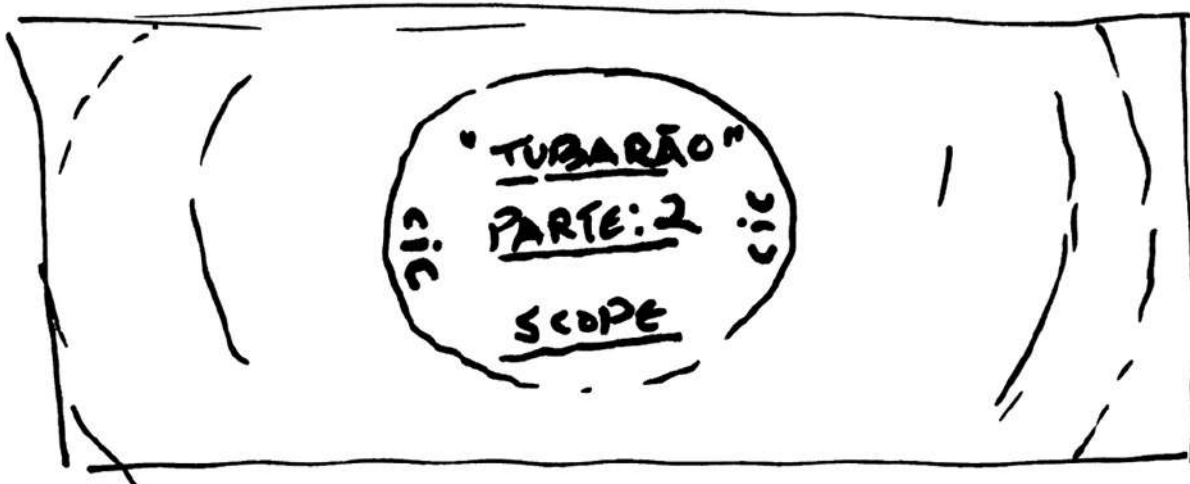
CÓPIA NA MESA



Marcelo percebe as latas de um filme na mesa, ele chega perto para ver qual é.

MARCELO OLHA
PARA O RÓTULO
NA LATA DE FILME





MARCELO

Vão reprisar *Tubarão*?

ALEXANDRE

Pedro reprogramou pra sábado de manhã com essa história da perna que acharam na barriga do tubarão... O povo gosta...

(olha para Marcelo.)

...Quem tá me pedindo pra ver é Nandinho...

Marcelo olha para o sogro com expressão de total reprovação.

MARCELO

Seu Alexandre, de jeito nenhum, por favor...

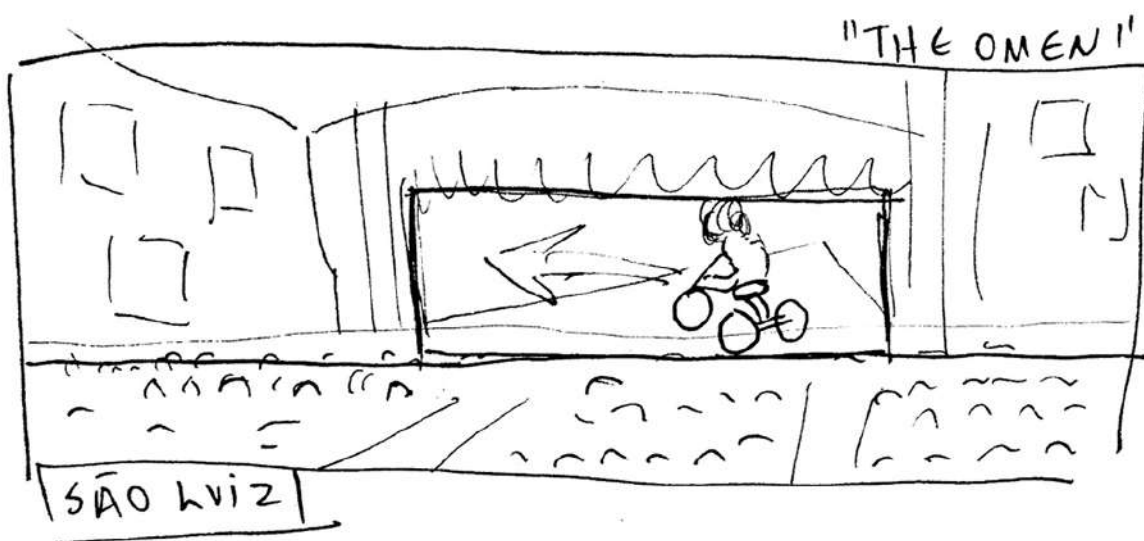
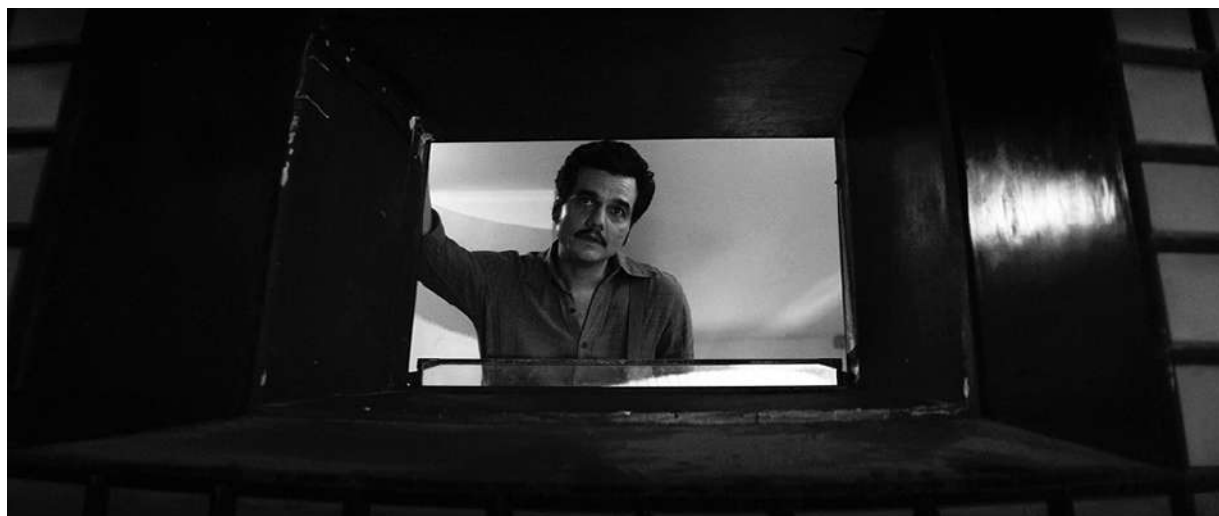
ALEXANDRE

Tá certo.

Marcelo aproxima-se da janela-vigia, que tem visão privilegiada da sala com a sessão em progresso:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA DE EXIBIÇÃO. DIA

PONTO DE VISTA MARCELO/CABINE: Na penumbra do cinema, um quinto do balcão com público, fumaça de cigarro no ar. Na tela, a cena de *A PROFECIA* (*The Omen*, 1976), onde o pequeno Damien no velocípede derruba a sua mãe (Lee Remick) em pé numa cadeira. Ela fica pendurada no vão da escada...



Marcelo olha ao redor e, logo abaixo da janela, vê no escuro alguém com a cabeça subindo e descendo no colo de um homem, última fileira, ao som dos

gritos da mãe de Damien pendurada, seu filho demônio.

Marcelo sai da janela e relata a Alexandre o que acaba de ver com mímica bem-humorada de punheta na bochecha.

ALEXANDRE

(Sem surpresa.)

Porra, é todo dia...

ORCA O NOVO GIGANTE DO CINEMA! 10 ANOS

19,10 - 21,00

"Ritmo Alucinante"
Rita Lee & Tutti Frutti
Viviana
Papo
Cely Campello
Enano Carlos
Red Secos

13,10 - 14,50 - 16,30 - 18,10 - 19,50 - 21,30

Walt Disney ELA AMAR E A MAIS D'AMOR DE TODAS
Branca de Neve
FILMADO EM PORTUGUÊS

1º FILME: Às 15,30 - 19,10 horas
"BORSALINO & CIA. Alain Delon. Censura do Programa - 18 anos -"

2º FILME: Às 17,10 - 21,20 horas
"A SEITA DO KARATÊ". David Chiang. Censura do Programa - 18 anos -"

A SEGUIR

LIZA MINNELLI E LUI NEW YORK NEW YORK
União Artists colorido 14 ANOS

SE TIVESSE QUE REFAZER TUDO.
CATHERINE DENEUVE
JUNTAS DES
PRIMEIRA VEZ
no novo sucesso
do
jeleuque
Charles Denner
PROIBIDO
colorido
ATE 18 ANOS

1.º CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO

apresenta

AR CONDICIONADO

HORÁRIO
13,30 - 15,30 - 17,30
19,30 - 21,30

JOE DALLESSANDRO
DALILA LAZZARO
UDO KIER
ARNO JUERING

PROIBIDO 18 anos

FRANKENSTEIN
do ANDY WARHOL

ESTE FILME FOI INTEIRAMENTE REALIZADO PELO
PROCESSO 3-D SPACE VISION O LEGÍTIMO
3ª DIMENSÃO!

GRANDES ATRAÇÕES



O medo da "per na fantasma"

"Perna fantasma" já é problema policial

Os moradores da Usina Títima, em São Lourenço da Mata, já pensam em recorrer à polícia para por fim ao drama da casa n.º 13, na Rua do Amedoim onde, há 25 anos, reside o sr. José Luís Borges. A "perna fantasma" que percorre toda a casa e já assombrou centenas de residentes da redondeza vem causando mal-estar à vila da Usina, sem que ninguém tenha decifrado, até agora, o fenômeno.

O padre Ludgero, da paróquia de Santo Antônio, negou-se também a prestar qualquer assistência ao dono da casa e aos moradores aflitos da rua.

FANTASMA

O fenômeno surgiu há 15 dias, quando o jovem Valdez José Borges, de 20 anos, filho do sr. José, estava escrevendo na sala da casa e viu "uma sombra". Acompanhado de dois colegas, ele avisou que tinha visto alguma coisa, e por demais corajoso, José Borges não ligou para o problema, enquanto Valdez saía da casa à procura de "emprego no Recife...".

A "perna fantasma" — que ora se apresenta como perna cabeluda, como peixe, borboleta e, às vezes, até em forma de morcego — foi vista por diversos moradores da localidade, que acreditam ser, simplesmente, um problema do "outro mundo".

O dono da casa disse que nunca sofreu de nervos e que não se recorda de nenhuma morte no local, a não ser a de um filho que nasceu morto e outro que morreu com um ano, o que não seria possível ser a perna dele, "pelo tamanho que se apresenta".

Um motorista chamado Juvino viu a perna fantasma e começou a zombar da brincadeira, recebendo como "recompensa" uma "cissada" na cabeça. "Seu" José Borges começou a ficar aflito e chamou um espírito para "limpar" a casa — dois quartos, uma sala e pequena cozinha. O padre de São Lourenço, conhecido como Ludgero, negou-se a assistir o caso, o que

revoltou todos os fiéis da redondeza, que esperavam contar com apoio espiritual, ou pelos menos com uma explicação religiosa sobre o fenômeno.

CARACTERÍSTICAS

A "perna" mede mais ou menos um metro e meio, anda a casa todinha, pendura-se no telhado e transforma-se em animal. O dono da casa acredita que seja "serviço feito" para seu filho, e procurou um médium, que recomendou "lavagem de água de sal e defumador".

Desde a última sexta-feira, a perna não apareceu mais, por causa da "limpeza", e José Borges, que já apelou "pra tudo", disse estar disposto a contratar a polícia: A perna engana a todo mundo e ninguém consegue pegá-la.

Ademar Feliciano da Silva, de 13 anos, tremou quando viu a "perna andando pela cozinha". Nesse dia — segundo ele — não dormiu e nem comeu; acha que seja apenas "bruxaria". Adélia Maria do Nascimento, doméstica, disse que viu a "visagem" há 15 dias; primeiro, um pé e, depois, a perna cabeluda". Acrescentou que um homem foi tentar pegar a "perna" e levou uma tapa no rosto: "quando alguém se aproxima do fantasma, dá um frio danado...".

Aguinaldo Manoel do Nascimento, servente, disse que estava conversando com Valdez e "viu" uma sombra: "Foi aí que vi a 'perna' pela primeira vez. Quería ir embora e a visagem cresceu, com fisionomia de um pé e, depois, de uma perna. No outro dia, vi tudinho, de novo. Eu acho que isso só pode ser espírito mau".

Conta José Borges, de 54 anos, que o último espetáculo da "perna fantasma e cabeluda" ocorreu sexta-feira passada, e que só conseguiu afastá-la "por causa de um espírito que ensinou tudo".

Está apreensivo, esperando a todo momento a volta do "fantasma", que assombra os quase 500 moradores da Usina Títima.

Detran na o engarrafamento Ponte Velha

Nada pode ser feito pelo Detran para que a Ponte Velha, que ficará por dez meses, cause transtorno no trânsito da cidade, disse o diretor do Detran, Menna Barreto.

— No momento, a modificação é possível e o planejamento atual do centro da cidade, pode se fazer já este ano. Não há espaço ou sanidade para modificar a situação do trânsito, principalmente pela interdição da Ponte Velha.

AGRAVANTES

Diversos fatores têm sido rido para agravar a situação do trânsito do Recife nos últimos dias:

O mais decisivo foi

Elétricos saem

Os ônibus elétricos deixarão de trafegar no sentido contrário pelas ruas de João de Barros e Viseu Suassuna, entre as 11h e 13 horas, e das 17h30 e 19h30 horas, afirmou ontem o presidente da CTU, coronel José de Albuquerque.

Apesar do acordo estabelecido anteriormente entre a CTU e o Detran, a segurança da circulação, os elétricos vinham sendo desobedecidos neste encerramento, sem os tráfegando nos de maior movimento das ruas.

O que estava ocorrendo que os usuários destas já não sabiam mais se iam esperar ou não o transporte e qual seria o risco em que eles passavam pelas artérias vindas do búrrio.

Enquanto o Detran não dava ter multado os coletivos por infringir a terminação de não ter um sentido contrário nas artérias, a CTU que a culpa era dos elétricos. De agora em diante

Recife transparente

FONE: 226498

TECHNICOLOR

16 ANOS

CINEMA DE ARTE
AIP

CINEMA E CULTURA

FONE: 245581

2ª SEMANA: 15,00 - 17,00 - 19,00 - 21,00

O VELHO FUZIL

O FILME QUE BATEU TODOS OS RECORDES DE BILHETERIAS DA FRANÇA (M 1)

romy schneider
philippe noiret



premiado com 3 CESARS*
melhor filme do ano
ator
MUSICA
LIVRE
16 ANOS

MODERNO

SEMPRE UM BOM FILME

FONE: 244763

14,10 - 16,00 - 17,50 - 19,40 - 21,30



TANGARELLA

JO SOARES
JARDIA FILHO
A TRINCA DE CRISTO
COLORIDO
14 ANOS

BOA VISTA

SEMPRE UM BOM FILME

FONE: 223167

15,00 - 17,10 - 19,20 - 21,30



O DIRIGIVEL Hindenburg

OMAIOR FILME DE AVENTURA DOS NOSSOS TEMPOS
LIVRE

george c. scott
anne bancroft
WILLIAM AHERTON - ROY THOMAS
GIG YOUNG - BURGESS MEREDITH

A SEGUIR

VENEZA

O MELHOR DA VENEZA

FONE: 212188



BACALHAU E TUDO SEMPRE ACABA ASSIM...
(BACS) COLORIDO 14 ANOS

SÃO LUIZ

SEMPRE UM BOM FILME

FONE: 226498



Ninguém Segura Essas Mulheres

18 ANOS

CINEMA DE ARTE
AIP

CINEMA E CULTURA

FONE: 245581



OS CONDENADOS

da autoria de Oswald de Andrade
COLORIDO
18 ANOS

MODERNO

SEMPRE UM BOM FILME

FONE: 244763



OS CONDENADOS

da autoria de Oswald de Andrade
COLORIDO
18 ANOS

BOA VISTA

SEMPRE UM BOM FILME



A SENTENÇA

LACRIMAS NÃO LHE SALVAM O FILHO...
SOPHIA LOREN
JEAN GABIN

1ª CINEMA

2ª CINEMA E A MAIOR DIVERSÃO

3ª CINEMA E A MAIOR DIVERSÃO



A Seguir: FRANCO BRASIL
Sophia Loren, em: "ERA..."
(Car)

Hoje - Horário:

13,30 - 15,30

17,30 - 19,30

21,30 horas

Fone: 226615

"BREVE, BRILHANTE e TERROR"
definiu o "TIME"

A paixão e o crime
a conduziam à obsessão
pela autodestruição!

em filme de
GIUSEPPE PATRONI GRIFTI

FILM CENTER INTERNACIONAL APRESENTA

ELIZABETH TAYLOR



GUIDO MARNARI
IAN BANNEN
MONA WASHBOURNE
TECHNICOLOR
PROIBIDO ATÉ 18 ANOS

A Seguir: MGM e CIO

Maggi

"VIAGENS C

A cores —

GRANDES ATRAÇÕES

SÃO LUIZ**SEMPRE UM
BOM FILME****FONE: 228498**

ÚLTIMOS DIAS: 14,30 - 17,30 - 20,30

**INFERNO NA TORRE**

3 OSCARS da academia

STEVE

McQUEEN

noite escura
o perigo
de um
INCÊNDIO!COLORIDO
14 ANOS**CINEMA DE ARTE
AIP****CINEMA E
CULTURA****FONE: 245581**

3a. SEMANA: 18,50 - 21,00

**ESCALADA
AO PODER**ELE COMPREENDE
TARDE QUE NADA
VALE MAIS QUE
O AMOR DE
UMA MULHERJEAN LOUIS TRINTIGNANT
JEAN PIERRE CASSEL
ROMY SCHNEIDER
FLORINDA BOLKAN

COLORIDO

18
ANOS**MODERNO****SEMPRE UM
BOM FILME****FONE: 244783**

4ª Semana: 12,10 - 14,30 - 16,50 - 19,10 - 21,30

TUBARÃOROBERT
SHAW
RICHARD
DREYFUSSE ASSIM TUDO
COMEÇOUEla foi a primeira,
agora pode vir toda

ROY SCHNEIDER

14
ANOS**BOA VISTA****SEMPRE UM
BOM FILME****FONE: 223187**

15,30 - 17,30 - 19,30 - 21,30

UM FILME DE
MEL BROOKS**JOVEM
FRANKENSTEIN**

A MAIS DIVERTIDA E SÁTIRICA COMÉDIA DO ANO

GENE WILDER - PETER BOYLE
MARTY FELDMAN - CLORIS LEACHMAN

16 ANOS

A SEGUIR**VENEZA****O MELHOR
DA VENEZA****FONE: 212180**

SUSPENSE DO PRINCÍPIO AO FIM!

PRIMADO
DO FESTIVAL
DE SAN
SEBASTIAN
1974WALTER MATTHAU
ROBERT SHAW

'O SEQUESTRO DO METRO'

COLORIDO
16 ANOS**SÃO LUIZ****SEMPRE UM
BOM FILME****FONE: 228498**MELHOR
FILME
ESTRANGEIROfilme de
FEDERICO FELLINI**AMARCORD**O MUNDO
FANTÁSTICO DE
FELLINITECHNICO-COLOR
16 ANOS**CINEMA DE ARTE
AIP****COM**

CARLO MOSSY

L5 CINEMA E A MAIOR



L5 CINEMA E A MAIOR DIVERSÃO

**Deu a Louca no Mundo**

A COMÉDIA DAS C

A Segui
(da nov
Cor U**VOLTA**MÚSICA DE
BURT BACHARACH
LETRA DE
HAL DAVIDColumbia Picture
apresenta uma
Produção Musical
ROSS HUNPANAVISION
em
cores

GRANDES ATRAÇÕES!

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

CULACAO NA AMERICA LATINA * FUNDADOR DOS DIARIOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND * RECIFE, SÁBADO, 27 DE DEZEMBRO

*Fila de cinema
tem muita briga,
tapa e empurrão*

Na estréia do filme "Tubarão" — dirigido pelo norte-americano Steven Spielberg — ocorrida, ontem, no Cinema Moderno, no centro da cidade, houve desde pequenas discussões até empurrões e tapas. Foram formadas filas quilométricas, iniciadas na frente do cinema, na Praça Joaquim Nabuco, até a Rua da Palma. No entanto, após a fila, uma nova briga: disputar uma cadeira dentro do cinema, enfrentando todo tipo de problema. (2a. página)

*Hotel não tem
bom movimento
durante Natal*

Nesta época do ano, os hotéis recifenses não têm boa movimentação e apenas 15% de suas disponibilidades estão ocupados, conforme anunciou, ontem, o presidente do Sindicato dos Hotéis e Similares, sr. Luis Dias. Enquanto isso, fontes do comércio disseram que a movimentação foi muito boa e espera-se que na véspera de Ano Novo a comercialização seja a mesma. No entanto, desde ontem, o movimento no Correo começou a cair, somente reagindo na próxima segunda-feira. (3a. página)

Argentina exige renúncia presidenta Estela de



Na luta por um lugar no cinema, tem havido muito tapa e empurrão para assistir a "Tubarão"



**Esporte tenta
contratar Osni
e L. Fumanchu**

Depois de contratar o técnico Mário Travaglini, que chegará ao Recife, amanhã, o Esporte poderá contar com Fumanchu e Osni, no próximo ano. Os clubes a que pertencem os dois jogadores, Vasco da Gama e Vitória, da Bahia, respectivamente, anunciaram que o rubro-negro da Ilha tem prioridade para comprar o passe dos dois craques. (Páginas esportivas)

**Matrícula para
vestibulando
será no dia 20**

**Sagração de
Pe. Marcelo
hoje em JP**

A sagração do novo bispo de João Pessoa, dom Marcel Carvalho, será realizada hoje, às 17 horas, no Ginásio do Clube Astrea, da capital paraibana, durante solenidade celebrada pelo arcebispo de Olinda e Recife, dom Heide Câmara, pelo arcebispo de Ceará, dom Aloisio Lorscheider, e pelo arcebispo da Paraíba, dom José Maria Pires. (5a. página do II Caderno)

**Mao faz 82
anos e liberta
preso político**

carone
WILATA
ODOS — 10 ANOS

E ASSIM TUDO
COMEÇOU
Ela foi a primeira,
agora pode ser você!
ROY SCHEIDER
COLORIDO — 14 ANOS

Uma comédia que vai enlutar uma
menina nova de hoje.
cores antigas.
erres
...não é mais não!
COLORIDO — 10 ANOS

DIA 03/01:
às 10,00 hs.
"OS GIRASSÓIS
DA RUSSIA"
Sophia Loren
— 14 anos —

ALAN
DE DELON
MORTES
NO NOTURNO
DAS
SSO para
AUX
COLORIDO — 18 ANOS

DIA 28/12:
às 10,00 horas
"ROBIN HOOD"
Des. Animado
— Livre —

3ª FEIRA: 18,50 — 21,00: "TRAGAM-
ME A CABEÇA DE
ALFREDO GAR-
CIA" — Warren
O'ates — 18 anos

L4 CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO ★ ★

J.B. TANKO
ZEPHERINO
PROLOGANDO
RAFAEL EN CAMARINHA
E DOCE CANTINHO

CENSURA LIVRE

Quarta-feira:
Simultaneamente com o ART PALÁCIO
Lando Buzzanca em "O SUPEREFICIENTE"
Colorido — Censura 18 anos

Breve: "DEU A LOUCA NO MUNDO"
Uma comédia maluca, hilariante!

PROGRAMAS INFANTIS

Hoje — Matinal às
10 horas no ASTOR:
"A MASCARA DE
FERRO"
Colorido — 10 anos

ATENÇÃO!
Por falta de corren-
tétrica, neste domingo
não haverá matinal.

GRANDES ATRAÇÕES!

ADEUS
Louca
Irresponsável
Heróica
Geração
Dourada
Proibido até 18 anos

Monique Lafond
Bibi Vogel
Claudio Cavalcanti
Maria Lúcia Dahl
Milton Gonçalves

Quarta-feira: ART FILMS apresenta
"LADRÃO DE GALINHA"
Uma nova e hilariante comédia do cinema brasileiro.
Colorido — Censura Livre

CINEMA DE ARTE DO RECIFE
Sábado: "REED MEXICO INSURGENTE"
De Paul Leduc — Cores — 14 anos

ART PALACIO : SABADO 10 HS.

Luiz Severiano Ribeiro S/A apresenta

MODERNO
TEATRO UNIV. DE RECIFE

5a. FEIRA: 12,10 — 14,30 16,50 19,10 — 21,30
"Um tubarão com sede de sangue ataca assombrados e
incrédulos banhistas de uma tranquila praia turística".

TUBARÃO
ROBERT SHAW
RICHARD DREYFUSS

E ASSIM TUDO
COMEÇOU
Ela foi a primeira,
agora pode ser você
ROY SCHEIDER
COLORIDO
14 ANOS

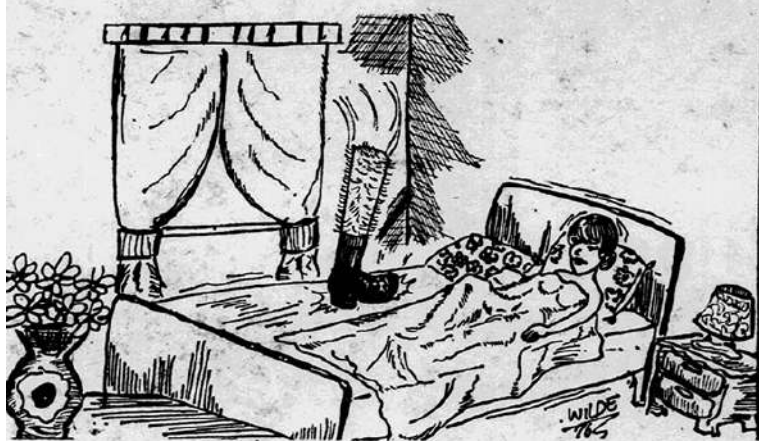
CINEMA DE ARTE AIF
AV. DANTAS
BARRETO,
576 — 13º PAVTº
FONE: 245581
HORÁRIOS:
SEMANA
2 SESSÕES:
18,35 — 21,00
SABADO,
DOMINGO E
FERIADO:
3 SESSÕES: 16,15
18,35 — 21,00

L4 CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO ★ ★

O repórter apressado, nervoso, entrou na redação do jornal. Colocou o papel na máquina, mas estava de tal forma agitado, que não sabia como escrever. Percebendo sua indecisão, o editor procurou saber o que estava acontecendo. Ao, voz presa na garganta, precisou

de alguns segundos, ainda, para ordenar as palavras. "A perna cabeluda está em Olinda", disse, esperando a reação do chefe. Uma pessoa fora agredida, levava três pernas no pescoço, uma na barriga, sangrando fora socorrido por populares e estava, agora, no Hospital

da Restauração. E não fora a única vítima. Invadira também a residência de uma bela moça, não respeitara pai nem mãe, com uma rastrela derrubou-a, ali mesmo, no meio da sala, diante dos olhos entarrecidos da família, que não sabia como reagir, praticou agressões.



A perna cabeluda

Foi um corre-corre na rua, gente mandando a polícia, mulher chorando açada com o marido, irmãos e parentes mais piedosas e religiosas rezando pés dos santuários. A pobre moça, ada, gemia, gritava, pedia proteção. Era fácil, no entanto, agarrar a perna. Agil, saltava para todos os lados. e um rapaz, herói anônimo, que ainda ou a janela da residência, mas nada e fazer porque logo recebem uma violenta perna na cabeça, caiu sangrando, morrendo, quase morto. A perna cabeluda sentiu-se de repente quando foi ouvido o gemido do carro da polícia. Correndo pela porta dos fundos, escondeu-se numa rua estreita, atravessou beco e desapareceu num matagal. Os policiais da rua, penalizados com o choro da moça, formaram logo uma "coluna", armaram-se de facas, revólveres, pedaços de pau, saíram em sua perseguição. Na hora os policiais já vinham chegando. Juntaram-se aos guerreiros, saíram em busca da perna criminosa. Foi um guerreiro mais afoito, que corria frente de todos, armado com um revólver, uma peixeira e um canivete, deu um pulo, caiu sangrando, o corpo todo dolorido. No escuro, não pôde ver a perna cabeluda escondida atrás de uma moita. Desesperada, não apenas deu-lhe uma raspagem, como churrou sua boca e ficou pulando sobre o seu peito. Os outros homens correram em seu socorro, mas houve uma surpresa: confundindo-se com a

escuridão, a perna pulava mais do que o saci-pererê, agilíssima, de um lado para o outro, cá aqui, cá acolá, "ela está aqui", "ela está ali", um caindo por cima do outro, cabeça lascada, braço quebrado, barriga rasgada. Pior foi quando começou a chover: trovões, relâmpagos, muita água, sangue correndo na lama. Confundindo-se, os guerreiros agrediam-se, esmurravam-se. Um fuzil dos diabos. Quando a perna decidiu desaparecer, ouviu-se uma gargalhada medonha, três soluços e um arrotos.

Derrotados, os guerreiros retornaram para casa, feridos, alguns em macas, os policiais jurando que ela seria presa ainda naquela noite, todo contingente seria acionado, não haveria escapada. Quando entraram na rua iluminada, as mulheres esperando nas janelas — umas chorando, outras conversando agitadas —, parecia uma procissão de desgraçados. O socorro foi logo providenciado. Mesmo no carro da polícia, os mais feridos foram conduzidos para o hospital. Parecia o fim do mundo. Correu um boato na rua que era o início do Apocalipse, era preciso começar a rezar com muito fervor, pois uma multidão de estrelas já se precipitava do céu, e uma legião de mortos vestiam os seus corpos para sair dos túmulos, cobrando promessas aos vivos. As moças choravam, os rapazes corriam para a igreja, queriam se confessar. Teve cabeludo que raspou o cabelo, afrouxou as calças e vestiu terno. As

mulheres cobriam as barriguinhas, encompridavam os vestidos.

Mas foi que a agitação cresceu mais ainda, quando já se imaginava que era chegado o momento de dormir sossegado. Os gritos de uma mulher foram escutados, misturados com uma pancadaria, voz de homem furioso berrando. De repente, a mulher foi atirada na rua, bateu com a testa no chão, quebrou a cabeça. O homem furioso apareceu com um revólver na mão. Foi logo contando: chegara em casa cansado, louco para dormir, e quando entrou no quarto, o que viu? Ao lado da mulher, estava deitada a perna cabeluda, morrendo de rir. Perdeu a paciência, puxou a mulher pelos cabelos, esfregou-a na parede. E a perna gargalhava, dava saltos em cima da cama, dançava samba, rumba e frevo. Insatisfeita, ainda deu-lhe um chute na barriga e saiu correndo. Ninguém mais podia se conformar, era mesmo o fim do mundo. Mesmo os mais afoitos não se decidiam a perseguir a malvada. Socorram, no entanto, a mulher ferida. Vários carros da polícia apareceram para proteger o povo da rua. Os policiais traziam metralhadoras, canhões, revólveres, gás lacrimogêneo, o diabo. Armaram esquemas, trancaram as ruas, esquinas, vielas. Desistiram, porém, quando surgiu a notícia, ninguém sabe quem deu: a perna cabeluda estava pintando o diabo em Boa Viagem.

★ Luiz Severiano Ribeiro *S/A apresenta*
★ ★ ★ seu programa para HOJE ★ ★ ★

ENEZA

O MELHOR
DA VENEZA

FONE: 212180

7ª SEMANA: 14,45 - 17,00 - 19,15 - 21,30



SPRILUIZ

SEMPRE UM
BOM FILME

FONE: 228498

2ª Semana: 13,20 - 15,30 - 17,40 - 19,50 - 22,00

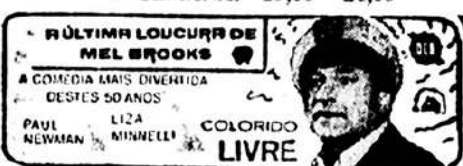


CINEMA DE ARTE

CINEMA E
CULTURA

FONE: 245581

9ª SEMANA: 19,00 - 21,00



MODERNO

SEMPRE UM
BOM FILME

FONE: 244783

7ª Semana: 12,30 - 14,45 - 17,00 - 19,15 - 21,30



BOA VISTA

SEMPRE UM
BOM FILME

FONE: 223167

16,00 - 17,50 - 19,40 - 21,30



A SEGUIR

ENEZA

O MELHOR
DA VENEZA

FONE: 212180



GRANDES ATRAÇÕES

GRANDES ATRAÇÕES

GRANDES ATRAÇÕES

RITZ
AR CONDICIONADO



ELA LHE DEIXOU MUITO
MAIS DO QUE APENAS
RECORDAÇÕES!



GRANDE

BREVE
NO
ART

ASTOR
AR CONDICIONADO

**CANHÕES DE
SAN SEBASTIÃO**
A MONUMENTAL

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/CABINE/SEGUNDA SALA. DIA

Alexandre liga a enroladeira no outro espaço da cabine, balcão com guarda-rola, calendário na parede, gaiola com um curió e uma cadeira do cinema na janela. Um ambiente quase doméstico.

Marcelo olha a janela com vista para o centro do Recife e o último sol da tarde. Ele aproxima-se da janela e apoia-se como o fez antes na sala de projeção, olhando a vista.

Publicidade gigante no outro lado do rio cobre a fachada do prédio Trianon e anuncia o filme chinês “DINASTIA em 3a Dimensão!”. Ele vira-se e senta na cadeira, à janela.

Com a enroladeira rebobinando o filme, ruído agudo, Alexandre aproxima-se encarando Marcelo com firmeza.

ALEXANDRE

Tu raparigasse muito quando tu tava com Fátima, não foi?

A pergunta toma Marcelo de surpresa.

MARCELO

Seu Alexandre...

ALEXANDRE

Raparigou ou não raparigou?

MARCELO

A gente se gostava muito, era uma relação boa, mas às vezes complicada. Fátima também teve... histórias fora de casa.

ALEXANDRE

Raparigou ou não raparigou?

MARCELO

Rapariguei...

ALEXANDRE

E ela também?

MARCELO

Eu não queria usar esse termo, mas ela também...

ALEXANDRE

Mas foi menos que tu...

Marcelo entre a cruz e a espada...

MARCELO

Seu Alexandre... menos... sei lá... menos...

O rolo chega ao fim, o celuloide bate como um chicote, ALEXANDRE volta rapidamente e desliga a máquina.

Aos poucos, uma gritaria crescente vinda da sala de cinema e que parece tomar o prédio...

ALEXANDRE, de olho no genro, comenta, apontando em direção ao auditório:

ALEXANDRE

Olha aí... o povo gritando de terror...

O TELEFONE da cabine toca, Severino atende e gesticula para Marcelo, que pega o telefone com fio longo.

MARCELO

Alô. Sou eu... deu certo...

CORTA PARA:

EXT. BSB/RUA ORELHÃO. DIA

João Pedro, advogado, num orelhão em Brasília, com quatro fichas na mão e o telegrama.

JOÃO PEDRO

Vou ser rápido, que eu tô com pouca ficha. Bom saber que você tá bem.

Mas, olha, esse filho da puta conseguiu te colocar na lista da Polícia Federal. Você não pode sair do país. Isso é muito incomum num caso como o seu.

MARCELO

Eles têm como fazer isso?

JOÃO PEDRO

A gente tá ainda tentando entender, mas é o cara mexendo os pauzinhos. Eu sei que ele conseguiu tirar o procurador sério que tava no caso e pôs no lugar um crápula amigo dele do Rio.

(Pausa.)

...Eu preciso te dizer que eu não tô gostando nada disso. Não se exponha, fica na moita e - minha última ficha - Elza é a personagem mais importante nessa história agora... Elza é a tua proteção.

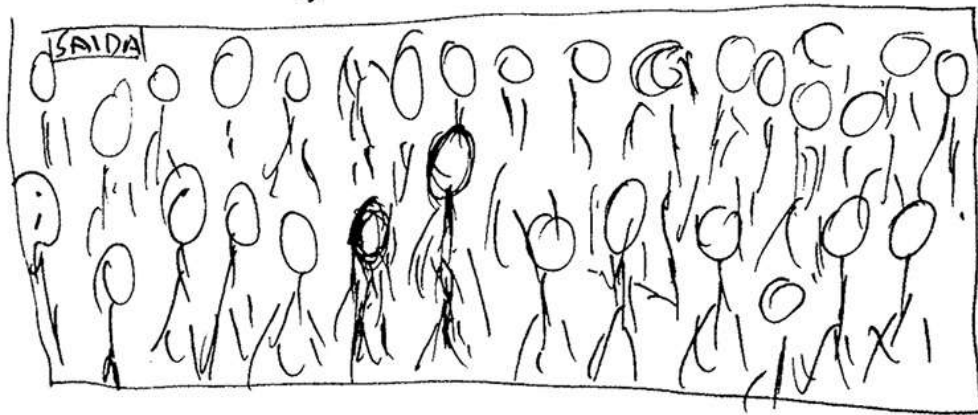
CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/HALL BALCÃO/ESCADA. DIA

ELZA, mulher de 40-50 anos, está acompanhada de um homem, Valdemar, 40-50 anos, que conhecemos no Edifício Ofir, levando a feira. Eles saem com o público da sessão de *A profecia*, pela sala de espera superior do Cinema São Luiz.

A câmera escolhe os dois na multidão...

ENXURRADA DE GENTE SAINDO DE
"A PROFECIA", BALCÃO/HALL SUPERIOR
DO SÃO LUIZ



PLANO FECHADO - Abrimos no hall, quantidade maior
de gente tentando entrar, um fuzuê...

Elza e Valdemar chegam à escada interditada e
retiram a placa PROIBIDA ENTRADA, o mesmo caminho
antes tomado por Marcelo.

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

Marcelo e Alexandre estão agora no apartamento quitinete da área privada do Cinema São Luiz, 3º andar. Quadros de astros/estrelas na parede, brindes de estúdios e distribuidoras.

Um calendário 1977 de *KING KONG* (Dino De Laurentiis). Há cadeiras, sofá-cama, ar-condicionado, geladeira, TV, mesa, cinzeiros. Janela para a cidade.

MARCELO

(Em pé, olhando.)

Bom esse lugar.

ALEXANDRE

O técnico do Rio de Janeiro fica aqui. A empresa economiza hotel.

(Continua.)

TOC-TOC na porta, Alexandre abre. Elza e Valdemar - que saíram da sessão do cinema.

ALEXANDRE

Pois não.

ELZA

Seu Alexandre?

ALEXANDRE

Alexandre de Jesus do Nascimento, ao seu dispor...

Eles entram.

VALDEMAR

Como vai? Valdemar...

ELZA

Eu sou Elza.

ALEXANDRE

Bom que deu certo.

VALDEMAR

Obrigado pelas cortesias, saímos do filme agora.

ALEXANDRE

Gostaram?

ELZA

(Olhando para Marcelo.)

Eu não sou religiosa, mas... deu medo...

(Jocosa.)

Valdemar quase se borrou, não foi, Valdemar?

VALDEMAR

Eu não gosto de filme de terror...

Valdemar constrangido, Alexandre fecha e tranca a porta.

ELZA

(Para Marcelo.)

Como quer que lhe chame?

MARCELO

Aqui... eu prefiro meu nome mesmo, Armando.

ELZA

Então, prazer, Armando.

VALDEMAR

Uma honra poder conversar com você.

Alexandre mostra-se surpreso.

ALEXANDRE

Tu não falasse que tás com nome falso... Não tá malfeito não, isso?

ARMANDO/MARCELO

(Olhando para Elza.)

É... tá mal feito...

UMA ELIPSE... UMA FUSÃO...

Alexandre, Armando (antes “Marcelo”), Elza e Valdemar sentados no apartamento privativo do Cinema São Luiz. Valdemar tem caderno e caneta.

ELZA

Posso gravar a conversa?

Marcelo/Armando olha para Elza.

MARCELO/ARMANDO

Nada a esconder...

Elza saca da bolsa um gravador Panasonic K-7, checa a fita.

VALDEMAR

(Para Alexandre.)

Seu Alexandre, obrigado por organizar a sala...

ALEXANDRE

Aqui no cinema é seguro.
Pedro, o gerente, é companheiro...
mas isso aqui é na surdina, tá certo?

ELZA
(Aperta REC.)
Gravando...

Elza põe mais duas fitas BASF virgens na mesa.

ELZA
Uma primeira coisa. Você tem um irmão por parte
de mãe, tem algum outro?

MARCELO/ARMANDO
Eu tive quatro irmãos por parte de mãe, cada
irmão de um pai diferente. Dois já morreram,
dois são vivos.
Eu sou próximo de Natalício.

ELZA
E por parte de pai?

MARCELO/ARMANDO
Um irmão e uma irmã, por parte de pai. Perdi o
contato com eles.

ELZA
Como foi no trabalho hoje?

MARCELO/ARMANDO
Vocês me colocaram numa delegacia, tá certo
isso?

ELZA
Não é uma delegacia. Você pediu pra ficar no
Instituto de Identificação.

MARCELO/ARMANDO

Sim, eu pedi... Mas hoje aquilo virou uma delegacia... Tem um delegado lá. Euclides...

VALDEMAR

E... vocês se falaram?

MARCELO

Falamos. Um filho da puta... mas parece ter simpatizado comigo...

ELZA

Você se sentiu seguro lá?

MARCELO

Não sei dizer, hoje, sim.

VALDEMAR

Tem um aliado nosso lá...

MARCELO

Anísio?

Valdemar olha surpreso para Elza.

VALDEMAR

Sim, Anísio.

MARCELO/ARMANDO

Tudo bem Anísio saber quem eu sou?

ELZA

Anísio tá ajudando, mas ele não sabe quem você é, e o que tão fazendo com você.

VALDEMAR

(Completando.)

Saiu em dois jornais do Rio e um em São Paulo,
um ataque coordenado contra você.

VALDEMAR

Não saiu nada aqui no Recife, graças a Deus...

Marcelo/Armando ri, pensando no seu irmão.

Elza pondera.

ELZA

Isso tudo vai passar.

MARCELO/ARMANDO

Tô esperando que passe.

Ele olha para Alexandre.

MARCELO/ARMANDO

Como anda a renovação do meu passaporte e o do
meu filho? João Pedro me disse agora há pouco
que eu tô numa lista da Polícia Federal... de não
poder viajar... Vocês sabiam disso?

ELZA

Soubemos ontem...

Alexandre baixa a vista. Valdemar muda de postura
na cadeira:

Elza quer dizer alguma coisa, mas não diz.

MARCELO/ARMANDO

O que é que tá acontecendo?

ELZA

Você concorda que precisamos de um passaporte
falso? Conseguimos documentos muito bem-feitos,

em São Paulo, mas isso leva alguns dias...

Marcelo/Armando se refestela no sofá.

MARCELO/ARMANDO

O que é que tá acontecendo? Por que eu preciso apelar para um passaporte falso?

ELZA

É uma possibilidade...

VALDEMAR

A gente tá aqui para lhe ajudar...

Valdemar puxa um envelope da bolsa.

VALDEMAR

Eu sei que tua conta tá bloqueada, aqui tem mais uma quantia de manutenção.

Marcelo/Armando olha para Valdemar e Elza.
Ele pega o envelope...

MARCELO/ARMANDO

(Olhando dentro do envelope.)

Isso é feito aquele programa gringo de “proteção às testemunhas”, né?

ELZA

(Ela ri.)

Ah... ali é feito com muita grana...
e pelo governo deles. Aqui a gente faz mambembe, “jeitinho brasileiro”, e pra te proteger do Brasil.

MARCELO/ARMANDO

Vocês tão ajudando quantas pessoas?

VALDEMAR

Com você, são quatro pessoas no Recife. Uma em Salvador, duas em Fortaleza.

MARCELO/ARMANDO

Eles estão no mesmo prédio onde eu estou?

Elza tem dúvida se fala.

ELZA

(Cifrada.)

Cada um é um caso diferente, a gente ajuda, todo mundo se ajuda.

MARCELO/ARMANDO

E quem banca isso tudo?

VALDEMAR

(Pedindo a palavra, tom quase professoral e didático.)

Quem banca isso tudo é a filha de uma família rica de São Paulo que rouba o país há muito tempo...

Cortamos para um CLOSE-UP de Elza, que aceita calada a menção anônima.

MARCELO/ARMANDO

E vocês ganham o que com isso...?

Alexandre interrompe:

ALEXANDRE

Armando, a hora não é essa. Pensa no teu filho, no meu neto...

(Pausa.)

Pensa na minha filha, pensa em Fátima...

A conversa para. Armando/Marcelo olha para ALEXANDRE.

ELZA

Eu sinto muito, seu Alexandre, pela sua filha, e por sua companheira, Armando. Esse país perder uma pessoa como a Fátima é uma tragédia muito grande. O Brasil ainda vai pagar muito caro por isso.

Alexandre olha.

ALEXANDRE

Eu discordo da senhora. Com todo o respeito... Não vai pagar nada... Vai pagar porra nenhuma... É muita falta de respeito, viu, com Fátima, com você, com o menino de vocês que tá na minha casa... Armando, eu te admiro, mas... era pra tu ir embora. Eu, tu... me escafedia, viajava hoje mesmo, com a ajuda desse pessoal. Foi pra isso que eu organizei isso aqui.

MARCELO/ARMANDO

O senhor acabou de saber que eu estou impedido de viajar...

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

Elza e Valdemar ouvem. ALEXANDRE levanta-se...

ALEXANDRE

(Emocionado, sai andando.)

...Vai pagar caro nada... Por isso que tem que salvar o que tem ainda, tu e meu neto.

Marcelo/Armando olha para o sogro, compreensivo.
Alexandre dirige-se à porta, que ele abre.
Marcelo/Armando não irá se pronunciar sobre Fátima
na frente de Alexandre...

ALEXANDRE

(Antes de fechar a porta, olha para
Marcelo/Armando.)

Eu vou na projeção... Fechem por dentro.

ALEXANDRE sai, fecha a porta. Marcelo/Armando se
recompõe... Valdemar levanta-se, vai até a porta e
vira a chave.

VALDEMAR

(Em pé e voltando.)

A gente quer saber mais sobre esse Henrique
Castro Ghirotti. Como ele entrou na história.

Elza nada diz e olha para o gravador, que roda.

MARCELO/ARMANDO

Botar pra fora aqui, né? Um descarrego...

ELZA

Uma conversa gravada. Me fale desse Henrique
Ghirotti.

INT. AEROPORTO GUARARAPES/SAGUÃO DESEMBARQUE.

DIA

INSERT/FLASHBACK RÁPIDO & MUDO: (Contraste com o
depoimento.)

No saguão de DESEMBARQUE do Aeroporto
Internacional dos Guararapes, no Recife, Henrique
Ghirotti, acompanhado do filho Salvatore, jaqueta

no ombro, malinha. Os dois foram apresentados anteriormente no escritório em São Paulo, reunidos com Augusto e Bobbi.

Pai e filho sorriem ao avistarem Marcelo/Armando, que está barbudo.

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

Marcelo/Armando desvia os olhos pra baixo e sua mão vai na tecla STOP do gravador - aperta STOP. Elza e Valdemar observam a fita parar.

MARCELO/ARMANDO

...Eu não sou um homem violento, mas esse cara aí, Henrique Ghirotti, esse eu podia matar com um martelo...
eu matava com um martelo esse cara...

Elza ouve, interessada.

VALDEMAR

Tu anda armado?

MARCELO/ARMANDO

Não, mas eu sei usar um martelo...

Marcelo/Armando olha para o gravador e aperta REC. A fita volta a rodar. Elza abana-se, com calor.

ELZA

(Levanta se abanando.)

Me desculpe, mas eu preciso ir ao banheiro...

Elza agora, ela mesma, estica o dedo e aperta STOP no gravador.

CORTA PARA:

Um corte inesperado na nossa história:

INT. SP/LABORATÓRIO DE DIGITALIZAÇÃO. 2024

Outro dedo também aperta STOP num outro equipamento (mas na mesma fita): Uma arquivista no ano de 2024 digitaliza o som da mesma fita K7 usando um tape-deck TEAC conectado a um laptop Mac. Celular ao lado na mesa.

Uma sala pequena com quatro baias e janela grande, no sexto andar, com vista para a cidade de São Paulo.

A arquivista chama-se FLÁVIA, tem 24 anos mas poderia ter 20, pelas feições. Ela tira o headphone e fala com colega que se dirige a ela.

FLÁVIA

(Para a colega.)

Não ouvi...

A colega - de máscara, para se proteger da Covid -, também trabalhando em outras fitas, pergunta:

DANIELA

Qual a data da que estás ouvindo?

Flávia olha na caixa escrita à mão:

“ELZA - com ‘Marcelo’, 24/2/77.”

FLÁVIA

“ELZA - com ‘Marcelo’.” Marcelo entre aspas. 24
de fevereiro de 77. Eu tô ouvindo ainda,
“Marcelo” é Armando, você sabe, né?

DANIELA

Ahhhh... Eu tava sem entender, era Marcelo e
falaram depois Armando...
o nome falso. Estás ligada, hein...

Ela usa o teclado do computador. Dá play na BARRA
DE ESPAÇO:

VOZ DE VALDEMAR:

MARCELO/ARMANDO

*“...precisa saber de Henrique Castro Ghirotti.
Como ele entrou na história...*

TELA/MONITOR:

Ela OUVI um CLIC e depois:

DETALHE FITA RODANDO:

ELZA

(Gravação.)

Me desculpe, mas eu preciso ir ao banheiro...
CLIC.

STOP ==> PLAY

FLÁVIA

(Balbuciando para si mesma.)

Ela parou a gravação pra mijar...

Ela volta o som no computador, REW ==> PLAY (BARRA
DE ESPAÇO), o som no CLIC...

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE.

Elza volta do banheiro e já aperta REC:

ELZA

(Sentando-se.)

Como é que você conheceu o Ghirotti?

ARMANDO

(Juntando energia.)

...Ele veio visitar a universidade...

Eu, como chefe de departamento...

CORTA PARA:

INSERT/FLASHBACK/ANOS ANTES...

INT. AEROPORTO GUARARAPES/SAGUÃO DESEMBARQUE.

DIA

UMA REPETIÇÃO DE PLANO (mas com maiores detalhes):

(MUDO) Saguão movimentado, guichês da Cruzeiro, Varig, Vasp, Transbrasil. Henrique e o filho aproximam-se, Marcelo/Armando barbudo os recebe como anfitrião.

(Agora em V.O.)

...às vezes eu vinha pegar convidados no aeroporto. Ele era do conselho da Eletrobras, que é ligada ao Ministério de Minas e Energia. Ele veio com o filho... o herdeiro...

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

VALDEMAR

Isso foi quando?

ARMANDO

Agosto de 75.

ELZA

Qual tua primeira impressão dele?

ARMANDO

De Ghirotti? Um merda.

CORTA PARA:

INT. CAMPUS UFPE/CORREDOR. DIA - FLASHBACK

(FLASHBACK SONORO.)

MARCELO/ARMANDO

(Virado, falando com o assento traseiro.)
Eu voltei do doutorado há dois anos. Agora tou
devolvendo o tempo da pesquisa à universidade.

HENRIQUE

Não pensa em trabalhar na indústria não? Pode
ser bom pra você, tomar um banho de indústria...
Com o teu currículo...

MARCELO/ARMANDO

Eu gosto dos projetos de pesquisa...

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

VALDEMAR

Ele falou “banho de indústria”?

MARCELO/ARMANDO

Falou... Aí, lá no departamento, todo mundo se apresentou, fizemos sala pro cara... Marcelo Vasconcelos, Luanda Azevedo, Sebastião Lacerda...

CORTA PARA:

EXT. CAMPUS UFPE. DIA - FLASHBACK

No Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Pernambuco, Armando apresenta colegas de pesquisa ao diretor da Eletrobras e filho. Há protocolo, Henrique, de paletó e gravata. Um fotógrafo da universidade registra.

Visitas a salas de pesquisa, laboratórios e oficinas.

MARCELO/ARMANDO

...Mostramos a turma da Escola de Aplicação, patrocinada pelo departamento, um projeto de ensino que apresentava a pesquisa em tecnologia como uma possibilidade de carreira... tudo gratuito...

INT. CAMPUS UFPE/SALA DE AULA. DIA

Jovens adolescentes, cabelos longos, afro e também cortes escovinha/militar. Uniforme de escola pública, meninos e meninas predominantemente com cara de estudiosos, tons de pele diversos.

MARCELO/ARMANDO

(V.O.)

...a gente levou nos laboratórios, falamos das pesquisas e do projeto de autonomia elétrica,

do carro elétrico, a máquina do curtume de couro, que é... era uma das vedetes do departamento, e eu também apresentei os colegas do convênio internacional...

INT. CAMPUS UFPE/ESCANINHO. DIA

Henrique e o filho são apresentados a SUSAN (EUA) e SANJAY (britânico/sikh/indiano), pesquisadores visitantes.

MARCELO/ARMANDO

(Armando tem inglês fluente de tom britânico.)

This is Dr. SUSAN Schaeffer from Leeds University, and SANJAY Jasleen from École de Technologie de Quebec.

(Em português: Esses são a Dra. Susan Schaeffer, da Universidade de Leeds, e Sanjay Jasleen, da Escola de Tecnologia de Quebec.)

Sanjay sorri educadamente.

SALVATORE

(Se inserindo risonho.)

I'm the son of Henrique...

(Em português: Eu sou o filho de Henrique...)

HENRIQUE

(Apontando para SUSAN.)

You British?

(Em português: É britânica?)

SUSAN

Er... no, American, US of A!

(Em português: Er... não, americana, EUA!)

SANJAY

(Levantando a mão, como um menino na aula.)

I am British...

(Em português: Eu sou britânico...)

HENRIQUE

(Surpreso.)

British?! No!?! - YES???

(Em português: Britânico?! Não!?! - É????)

SANJAY

Yes... I am British...

(Em português: Sim... Eu sou britânico...)

SUSAN

(Tentando tapar o buraco.)

Er... we all met in Leeds, England, and here we are!

(Em português: Nos conhecemos todos em Leeds, na Inglaterra, e cá estamos!)

HENRIQUE

You should come to Rio, THE most beautiful city in the world...

(Em português: Vocês têm que ir ao Rio, "A" cidade mais bonita do mundo...)

Armando observa...

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

MARCELO/ARMANDO

Bom... no outro dia, teve uma reunião, antes desse cara ir embora...

CORTA PARA:

INT. CAMPUS UFPE/SALA DE REUNIÃO.

DIA - FLASHBACK



Uma sala de reunião na universidade, mesa grande de madeira maciça, janelões. Mulheres, homens, professores, pesquisadores, chefias, copos d'água, café, cinzeiros, blocos e canetas. A cara de Armando não está boa e sua mão direita tem algum tipo de curativo.

Todos dão atenção a Henrique Castro Ghirotti, diretor da Eletrobras, que ocupa a cabeceira da mesa com grande desenvoltura:

HENRIQUE

Bom dia a todos, achei que antes de ir embora eu podia dar uma palavrinha a vocês. Obrigado pela presença.

(ATENÇÃO: ELE OLHA PARA ARMANDO, MAS NÃO O CITA.)

Até por uma questão de horário, eu vou direto ao assunto... Do ponto de vista da Eletrobras, bem longe daqui da Paraíba, e aplicando uma visão macro da coisa, esse trabalho que tá

sendo feito aqui precisa - ao meu ver - fazer parte de um todo, e eu vejo vocês correndo um pouco soltos, desgarrados lá da gente, no sul. E eu queria tentar concentrar no Rio o foco de algumas das pesquisas e das decisões, e evitar essa coisa de aqui no norte fazer de um jeito, no sul fazer de outro... Eu sei que aqui tem esse sotaque diferente, esse jeito de fazer as coisas de outra maneira, aqui até o diretor do departamento é barbudo, né, Armando!?

(ATENÇÃO: OLHA PARA ARMANDO.)

Viva as diferenças...!

(Risos.)

Algumas poucas pessoas ensaiam uma risada.

Armando com cara fechada.

HENRIQUE

(Retomando.)

Mas eu queria dizer que eu fiquei surpreso com umas coisas aqui...

ARMANDO

(Pede para interromper, interrompendo.)

Com licença, para deixar claro, os projetos aqui são publicados em Diário Oficial, não tem nenhuma surpresa...

HENRIQUE

Deixe eu terminar, eu quis dizer “surpreso”, mas positivamente também, é um elogio. Essa tecnologia de...

(Olha anotações.)

...“curtimento de couro”, essa que mede a superfície do couro, é importante na cultura

local, o bode, vaca, boi... no mercado nordestino, né? Eu gostei... Mas eu também fico achando que é bom estabelecer uma conexão maior hierárquica, com a gente lá no sul. Aqui é um centro REGIONAL, né...? Aqui não é um centro NACIONAL, nem muito menos INTERNACIONAL.

A mesa ouve. Há um silêncio. Alguém cruza as pernas.

HENRIQUE

...As hierarquias são hierarquias da indústria. O carro elétrico, por exemplo, que é um dos projetos que vocês apresentaram, aliás, Armando faz parte desse projeto... er... tem uma pesquisa muito mais avançada e que tá sendo feita no Canadá, inclusive nós adquirimos já 12 protótipos desse consórcio canadense pela Eletrobras, e eu me pergunto...

NOTA: Henrique interpreta o papel do gestor fiscalmente responsável, e parece acreditar em cada palavra do que fala.

HENRIQUE

...se o dinheiro do contribuinte deve ser gasto aqui no Nordeste nesse tipo de projeto, quando tem tanto problema aqui na região de vocês pra resolver... E mais: competindo com projetos pica grande lá fora.

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

MARCELO/ARMANDO

Esse cara - CLARO - tem investimentos pessoais feitos no projeto canadense... e a pesquisa no CEPEL - CENTRO DE PESQUISAS ELÉTRICAS - no Recife, no meu departamento - era prejuízo pra ele, pessoalmente.

Elza e Valdemar ouvem com atenção.

CORTA PARA:

INT. CAMPUS UFPE/SALA DE REUNIÃO.
DIA - FLASHBACK

Assim como Elza e Valdemar, a reação de todos na reunião depois de ouvir o diretor da Eletrobras é muda. Luanda, pesquisadora-mestra de 30 e tantos anos, pede para falar:

LUANDA

(Sotaque gaúcho.)

Dr. Henrique, meu nome é Luanda Azevedo, sou professora e pesquisadora formada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, os projetos aqui são bancados por verbas públicas de pesquisa, alguns com dinheiro estrangeiro independente...

HENRIQUE

(Cortante.)

Olha, uma gaúcha! Tu és gaúcha, né? Talvez esteja na hora de rever esses critérios de financiamento e principalmente de independência...
tá certo?

Outro silêncio. Luanda parece perplexa.

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

MARCELO/ARMANDO

Aliás, Luanda foi a primeira perda da equipe...

Elza ouve com atenção.

INSERT/FLASHBACK

INT. CAMPUS UFPE/SALA DE REUNIÃO. DIA

Uma senhora secretária prega foto de Luanda no quadro de avisos junto de um cartão-postal de SÃO PAULO (SP) com selo e a palavra SAUDADES.

MARCELO/ARMANDO

(V.O.)

...Ela foi trabalhar no metrô de São Paulo, onde esse filho da puta também era membro do Conselho Técnico.

INSERT/FOTOGRAFIA PRETO E BRANCO

A foto da construção do Metrô de São Paulo: grupo de engenheiros de capacete de canteiro de obras & vagões novos. Luanda e ali perto Henrique Ghirotti, camisa social, NA MESMA FOTO. Luanda é a única mulher.

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

ELZA

Isso aconteceu com a equipe toda?

MARCELO/ARMANDO

(Lembrando.)

Em menos de um ano, o departamento foi desmontado... Foi um “banho de indústria” na equipe toda.

VALDEMAR

Mas isso podia acontecer naturalmente com propostas do mercado?

MARCELO/ARMANDO

Poderia, mas não foi isso. Ele secou as fontes de financiamento, sucateou os laboratórios...

(Respira fundo.)

...E aí vieram as acusações inventadas pra cima de mim.

(Pausa.)

VALDEMAR

E o vice-diretor do departamento, ANANIAS CALAZANS?

INSERT MUDO/FLASHBACK:

INT. CAMPUS UFPE/SALA DE REUNIÃO. DIA

Marcelo lembra do seu colega, Ananias, visto na reunião como quem assiste a um jogo de futebol.

MARCELO/ARMANDO

(V.O.)

Ananias em três anos passou de grande amigo meu a rival e depois ficou calado como bom covarde, passou informação pra Ghirotti, que terminou não convidando ele pra nada. Se fudeu, um crápula...

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

Elza e Valdemar olham para Marcelo/Armando, entre
estarecidos e admirados.

Marcelo/Armando continua, e olha de volta para
Elza e Valdemar. Ele lembra de algo:

INSERT MUDO/FLASHBACK:

INT. RESTAURANTE DOM PEDRO. NOITE

A imagem de FÁTIMA, 30 e tantos anos, sentada num
restaurante. Um CLOSE-UP fixo que a mostra
contrariada com algo ou alguém FORA DO QUADRO,
tensa numa mesa de jantar. Um CLOSE-UP longo de
uma personagem importante, não importa o seu tempo
de tela. Fátima é uma mulher com traços indígenas
e brancos, com pele marrom-clara e feições
predominantemente negras.

(Ainda na imagem de Fátima, o SOM do TOC-TOC na
porta do quitinete na área privada do Cinema São
Luiz.)

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

Valdemar levanta-se para abrir a porta. ALEXANDRE
entra. Marcelo/Armando vê o sogro como se ele
fosse uma extensão da lembrança de Fátima.

MARCELO/ARMANDO

(Respira fundo.)

Eu não quero mais falar disso.

ELZA

Você quer parar por hoje?

ARMANDO

Por hoje??

ELZA

Eu gostaria muito de lhe pedir para gravar um pouco mais esse seu depoimento. Muito...

Marcelo/Armando olha para ALEXANDRE, seu sogro.

CORTA PARA:

INT. RESTAURANTE DOM PEDRO. NOITE - FLASHBACK

O mesmo plano de antes, mas Fátima agora olha para Armando, que encara Henrique e Salvatore, contrariados. Eles acabaram de ouvir algo que não gostaram.

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

Voltamos para Marcelo/Armando, que diz:

MARCELO/ARMANDO

(Olhando para Seu Alexandre.)

Na noite anterior a essa reunião no departamento,

(eu contei a história na ordem errada...),
a gente foi jantar com Ghirotti e o filho dele,
eu e Fátima...

CORTA PARA:

INT. RESTAURANTE DOM PEDRO. NOITE - FLASHBACK

É evidente que caímos no meio de uma situação que já existe na cabeça de Armando. Clima ruim na

mesa, uísque para Henrique e o filho, daiquiri para Fátima e cerveja para Armando. Fátima levanta-se.

FÁTIMA

(Olhando para os três.)

Com licença.

Armando (LEMBRANDO: barbudo) faz gesto de levantar-se em respeito, Henrique e o filho Salvatore ficam imóveis, refestelados. Fátima sai. Henrique aproxima-se de Armando na mesa.

HENRIQUE

(Alterado com o uísque.)

Que bonita a tua mulher, viu, puta que pariu. Ela começou como tua secretária?

Armando olha para Henrique.

ARMANDO

Eu sou o diretor do departamento que o senhor veio visitar com o seu filho. Eu trouxe vocês para jantar, com a minha companheira. Ela falou para o senhor o que ela faz, ela é professora. Como eu acabei de lhe dizer, eu patenteei a minha pesquisa sobre a bateria de lítio ano passado. O senhor deve saber, é uma patente simples, um avanço pequeno, mas a patente é minha. Por favor, não me falte com respeito.

Henrique encosta-se na cadeira, põe o guardanapo na mesa, empurrando o prato sujo do jantar.

HENRIQUE

(Para o filho, o uísque batendo, mas olhando para Armando.)

Meu faro não erra nunca. O sujeito usa a universidade pra patentear pesquisa. Usa a máquina pública pra entrar no mercado... Tem que fechar essas merdas. Vida fácil, com dinheiro público...

(Joga guardanapo na mesa outra vez, um tique.)

No canto do olho, Armando vê que Fátima não foi ao banheiro, está dando um tempo longe da mesa, mãos nos quadris e de costas.

SPLIT DIOPTER FÁTIMA ==> MESA COM OS TRÊS HOMENS

Ele a chama:

ARMANDO

Fátima!

Ela vira, ele faz gesto de “vamos embora”.

ARMANDO

(Para Henrique.)

(Afastando a cadeira.)

Bom, o hotel é aqui do lado, o carro vai passar amanhã às 8h30, a reunião é às 9h. O jantar tá pago, mas a bebida é por fora. Eu não vou bancar a ressaca de vocês.

HENRIQUE

(Interrompendo com voz mais alta, o uísque batendo.)

...Eu sabia que tinha que vir aqui.

Eu sou da engenharia, minha empresa é de família, fruto de muito trabalho, de muito suor. Meu pai é italiano, de Gênova, eu sou italiano de São Paulo. Eu tenho sangue

italiano... você não sabe com quem você tá se metendo, rapaz. Seu comunista...

ARMANDO

(Rindo.)

Eu não sou comunista...

SALVATORE

Então, você é capitalista?

ARMANDO

(Rindo mais.)

Ok. Então, eu acho que eu sou mais comunista do que capitalista. Agora, eu tenho 43 anos e eu não vou ser chamado de rapaz. Eu sou um funcionário público numa universidade que está lhe recebendo, e essa sua visita tá virando uma vergonha para o senhor, tá certo?

Enquanto Armando fala, Salvatore ocupa-se pegando um guardanapo. Mostramos em detalhe o momento em que ele faz uma única dobra.

Ele vira o guardanapo dobrado para Armando, que agora tem a evidente forma do mapa do Brasil, levanta-se um pouco da cadeira e, com o dedo indicador sobre a mesa, toca no peito de Armando.

SALVATORE

Presta atenção.

ARMANDO

(Olhando o dedo no seu peito incrédulo.)

Bicho, por que você tá encostando o dedo em mim?

Fátima vê, a distância, a cena e volta. Sente o clima e não senta.

Henrique está com ódio. Salvatore prossegue.

Ele tira uma caneta e traça uma linha na parte do mapa que separa o nordeste da região ao sul.

SALVATORE

Aqui, Brasil. E aqui, norte. Cada um no seu lugar.

Armando olha para Fátima, sem acreditar, ele arrasta a cadeira e levanta-se.

FÁTIMA

(Tranquila, mas abalada, sem levantar a voz.)

A gente vai embora agora, né, Armando?
Eu tava pensando que antes de vir hoje aqui, eu passei uns 5 minutos escolhendo o que vestir, eu queria ficar elegante pra valorizar o trabalho de Armando e do departamento. Nem precisava ficar elegante! Eu só aguentei esse jantar em respeito a Armando. Eu ia no banheiro agora, mas terminei nem indo, é uma mistura de querer mijar e vomitar. Mas eu só queria mesmo era sair da mesa.

Ela pega a sua bolsa, pendurada na cadeira.

FÁTIMA

Vocês dois foram desrespeitosos com a gente, e ainda mais um pai acompanhado do filho... Isso me faz lembrar meu pai... Que admiração que eu tenho pelo meu pai, que trabalha desde os 9 anos de

idade... Ali é homem, viu, feito meu companheiro aqui, esse aqui é homem...

(Olha para Armando.)

Vocês foram muito feios comigo, com Armando, com o trabalho feito na universidade. Que vergonha.

E pra completar, vocês estão bêbados. Eu bebi um pouco, mas vocês tão bêbados... E sabe de uma coisa? Vão tomar no cu vocês dois...

Henrique ajeita-se na cadeira, empenado.

Armando olha para Fátima e solta um quase riso de incredulidade. É um apoio tácito ao que foi dito...

ARMANDO

Não precisa se levantar, eu tô vendo a hora lhe dar um murro, estamos de saída.

Salvatore levanta-se e aproxima-se de Armando. Esse rapaz quieto, inexpressivo, sempre à sombra do pai, parece desenvolver uma nova personalidade agora, bêbado. Aproxima-se de Armando...

O garçom ali longe aproxima-se preocupado...

SALVATORE

Cada um no seu lugar, morô?

ARMANDO

(Já afastando-se.)

Então volte pra sua cadeira...

Salvatore volta a pressionar o dedo indicador no peito de Armando, que devolve com o próprio dedo no peito de Salvatore.

FÁTIMA

Armando, vamo embora...

O garçom de olho na escalada da situação aproxima-se... Pessoas ao redor olham para trás.

GARÇOM

Dr. Armando...

SALVATORE

Cada um no seu lugar, morô?

Armando empurra Salvatore e aplica um murro que pega na boca em cheio, o filho de Henrique Ghirotti cai sentado na cadeira de madeira, que se espatifa no chão. Fátima puxa Armando dali, o garçom também o ajuda a sair. O murro deixa um pequeno corte no punho direito de Armando.

Henrique observa.

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

Marcelo/Armando olha para o gravador, vendo que continua rodando. Ele olha para ALEXANDRE.

MARCELO/ARMANDO

A última vez que eu tinha dado um murro em alguém foi no ginásio, na década de 50.

ELZA

E ainda teve a reunião no dia seguinte?

MARCELO/ARMANDO

Teve, naquele clima.

Alexandre só parece lembrar de uma parte do que Marcelo/Armando falou:

ALEXANDRE

Fátima disse aquilo sobre mim...?

MARCELO/ARMANDO

Sobre o senhor? Disse.

Elza se ajeita na cadeira do sofá.

ELZA

Obrigada, Armando.

Ela faz menção de desligar o gravador, mas deixa a fita rolar.

ELZA

Ghirotti é um criminoso. Ele deveria estar preso, e quando eu digo isso, eu não quero dizer preso numa penitenciária agrícola. Ghirotti deveria estar no Carandiru... É um lesa-pátria, um ladrão e um assassino... E é por isso que tem uma coisa que eu preciso te dizer... Parte desse trabalho que a gente tá fazendo é também te dar informação... e te proteger...

CORTA PARA:

INT. LABORATÓRIO DE DIGITALIZAÇÃO/2024. DIA

Zoom ==> CLOSE-UP... Em 2024, Flávia, a arquivista de máscara, ouve, talvez temendo que a fita seja interrompida...

...PLAY - RODANDO...

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE.

Marcelo/Armando e Alexandre ouvem com atenção.

Elza e Valdemar olham para Marcelo/Armando...

ELZA

Desse grupo de - entre aspas - “refugiados”, o teu caso é o que eu mais quero resolver... e logo.

MARCELO/ARMANDO

As duas universidades gringas que querem me receber estão com pressa, é isso? Amigos em Leeds já me confirmaram apoio...

ELZA

Isso é muito bom, mas eu tô falando de outra coisa. Chegou a informação... de que dois caras foram mandados pra Recife pra te procurar.

MARCELO/ARMANDO

Me procurar?

ELZA

Sim... não é coisa boa... Eles trabalham em dupla, são do interior do Rio.

INSERT-MUDO/DURANTE A FALA DE ELZA:

INT. PADARIA SANTA CRUZ. NOITE

AUGUSTO e BOBBI - QUE CHEGARAM DE AVIÃO - lancham no balcão da Padaria Santa Cruz, Recife. Carros passam atrás. INSERT MUDO.

ELZA

(V.O.)

O mais velho se chama Augusto Borba, é um militar afastado do quadro desde 1970, no interior de Minas.

Nem esse exército de merda quis esse cara mais... é um degenerado. O mais novo, o Bobbi, é enteado dele...

Dizem que Augusto, o padrasto, matou a mãe do Bobbi, e hoje os dois trabalham juntos. Eles gostam de vir pegar serviço no Nordeste.

Acham que aqui não tem lei...

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA ESPECIAL. NOITE

MARCELO/ARMANDO

Tem matador atrás de mim?

ELZA

Tem...

MARCELO/ARMANDO

Como vocês sabem disso?

ELZA

Um contato nosso. O serviço foi encomendado em São Paulo, esse Bobbi abriu o bico.

Silêncio na sala.

VALDEMAR

A gente precisa tomar cuidado.

ALEXANDRE

Foi Ghirotti que encomendou?

NESSE MOMENTO começa no som: “*TRILHA DE SUMÉ*”, de *Lula Côrtes e Zé Ramalho* - (1975).

ELZA

A gente não sabe, com absoluta certeza... mas a realidade é essa.

ALEXANDRE

(Assustado.)

Meu filho, vá embora daqui...

E esses passaportes?

MARCELO/ARMANDO

Eu vou embora daqui, mas do meu jeito. E eu preciso proteger meu filho... Quando você consegue os passaportes?

VALDEMAR

Normalmente, é de uma semana a dez dias.

Elza interrompe.

ELZA

Em quatro dias, na sua mão.

MARCELO/ARMANDO

Quatro dias...

Armando olha para Alexandre. A expressão na cara de Marcelo/Armando não é de medo, mas de quem tem um desafio.

“*TRILHA DE SUMÉ*” CONTINUA...

CORTA PARA:

INT. CASA DE ALEXANDRE/SALA DE ESTAR. NOITE

O rosto de Fernando, filho de Marcelo/Armando.

Na casa dos avós, na mesa da sala, Fernando decalca com papel manteiga a ilustração de um tubarão da enciclopédia *Tesouro da Juventude*.



“TRILHA DE SUMÉ” CONTINUA...

CORTA PARA:

INT/EXT. CINEMA SÃO LUIZ/TÉRREO/PLATEIA/RUA.
NOITE

Alexandre - acompanhado de Marcelo/Armando - no corredor que leva à sala de exibição do Cinema São Luiz, um fluxo de pessoas que entram na sessão que começa.

“TRILHA DE SUMÉ” CONTINUA...

Andando atrás da plateia, Marcelo/Armando olha de lado para a tela.

O trailer de *O MAGNÍFICO* (*Le Magnifique*, 1973, Philippe de Broca) na tela. As palavras em francês

VERMELHAS (legendas brancas na tela em português),
“Comment Détruire la Réputation du Plus Célèbre
Agent Secret du Monde” (*Como destruir a reputação
do agente secreto mais famoso do mundo*). Jean-Paul
Belmondo em cenas de ação...

Alexandre leva o genro para uma outra cortina com
a placa “SAÍDA” em luz vermelha e abre a grade
externa na lateral do grande cinema, já na rua
movimentada. ALTERAÇÃO DRAMÁTICA DE REALIDADE E
SOM: Cinema ==> Rua.

Um resto de carnaval passa na rua do lado com uma
La Ursa e um bloco bagunçado de garçons (camisas
brancas de botão com gravatas borboleta e bandejas
na mão).

MARCELO/ARMANDO cruza no fuzuê com muita gente, e
um rosto conhecido é Hans, o alfaiate alemão e seu
companheiro, Chico. Eles se olham, Marcelo/Armando
os cumprimenta.

Aumenta o ruído com o trânsito/o mundo externo e
tudo junto quase afoga “TRILHA DE SUMÉ”, que
continua...

CORTA PARA:

EXT. INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL/PÁTIO. NOITE

Um homem leva no braço algo embrulhado numa lona
suja. Um outro homem o acompanha. Sérgio e
Arlindo, os filhos de Euclides.



CORTA PARA:

INT. INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL/CORREDOR. NOITE

(“TRILHA DE SUMÉ” continua...)

TRACKING SHOT ==> INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL do Recife.



O IML é bem iluminado com lâmpadas fluorescentes...

Os filhos de Euclides - Sérgio e Arlindo - andam pelo corredor do IML. Passam por dezenas de corpos

cobertos, alinhados pelo chão em bandejas ou sacos pretos. O saldo de uma super-lotação, ainda do carnaval. Um médico legista com luvas e avental sujo sai por uma das portas.

Arlindo carrega no braço algo enrolado em saca de açúcar...

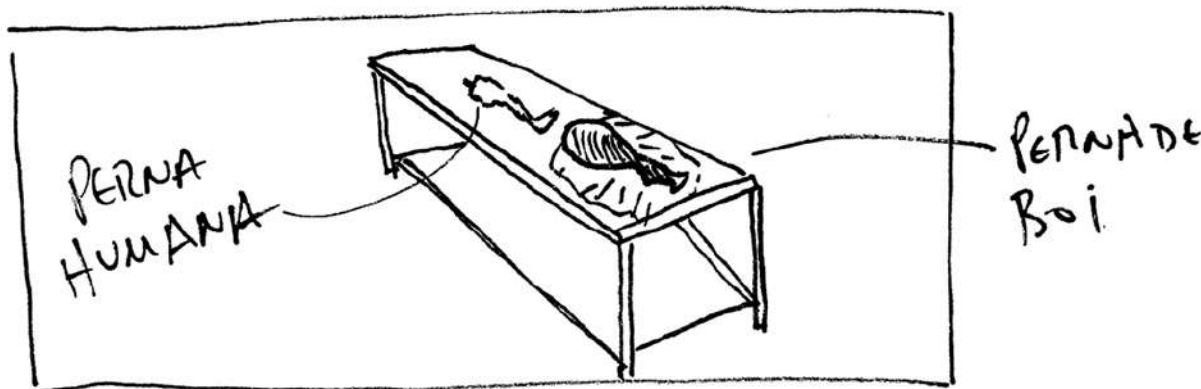
“TRILHA DE SUMÉ” continua...

CORTA PARA:

INT. INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL/REFRIGERAÇÃO.
NOITE

Uma gaveta frigorífica é aberta com a PERNA achada na barriga do tubarão no início da nossa história. Uma etiqueta de papel com liga de borracha amarrada no que sobrou do dedo.
Uma PAN à esquerda <=====

“TRILHA DE SUMÉ” continua...



Arlindo e Sérgio aproximam-se observando o entorno, põem o embrulho ao lado da perna humana, na gaveta. Sérgio enterra dinheiro dobrado no bolso frontal do médico legista enquanto retiram

da saca UMA PERNA TRASEIRA DE BOI. O médico -
tenso - olha em volta.

Arlindo afasta-se e vira o segurança da transação.
No outro lado da sala, duas pessoas reconhecem um
corpo, auxiliadas por outro funcionário.

Desse lado, a troca é rápida, a etiqueta já está
na perna bovina...

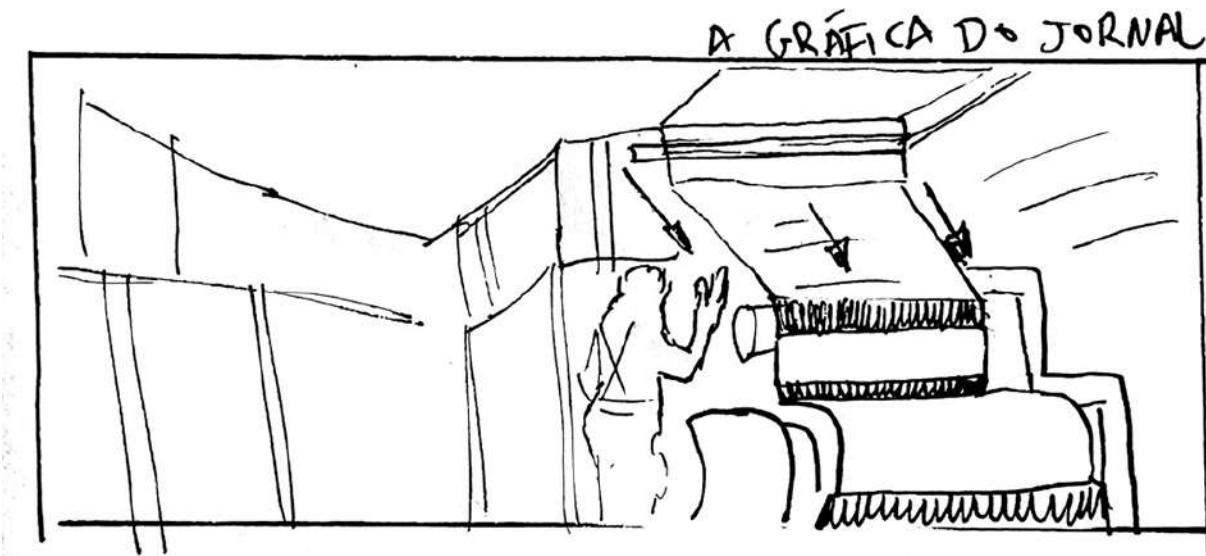


(*"TRILHA DE SUMÉ" continua...*)

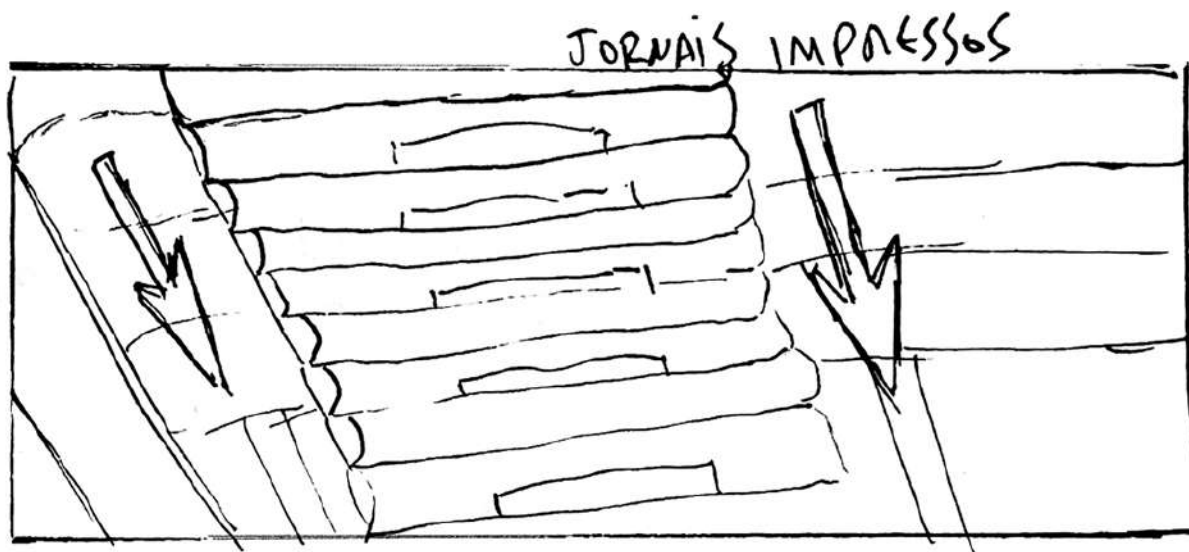
Sérgio e Arlindo vão embora com a perna humana na
saca de açúcar. O médico fecha a gaveta com a
perna de boi etiquetada...

INT. GRÁFICA DE JORNAL. NOITE

Na calada da noite, as histórias da cidade são
impressas nas gráficas do jornal em grandes
máquinas analógicas.



Um gráfico com macacão funcional e abafador auditivo abre um caderno para checar a impressão:



“A Perna Cabeluda ATACA OUTRA VEZ”

Subtítulo: “É Pancada e Correria na Calada da Noite”

INT/EXT. GRÁFICA DE JORNAL. NOITE

Um pequeno exército de jornaleiros, gazeteiros-mirins. Jovens e adultos aproximam-se para pegar os jornais que irão vender nas ruas da cidade.

CORTA PARA:

EXT. INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL/ESTACIONAMENTO.
NOITE



Sérgio e Arlindo voltam para o estacionamento com a perna embrulhada em lona. A Veraneio da Polícia Civil os aguarda, o motorista LÚCIO liga o motor, Euclides (na dianteira) olha para trás.

Sérgio e Arlindo entram, Sérgio mantém o saco fora do carro, com a janela aberta para evitar o fedor. Lúcio, Sérgio e Euclides abrem os vidros. Lúcio põe lenço no rosto.

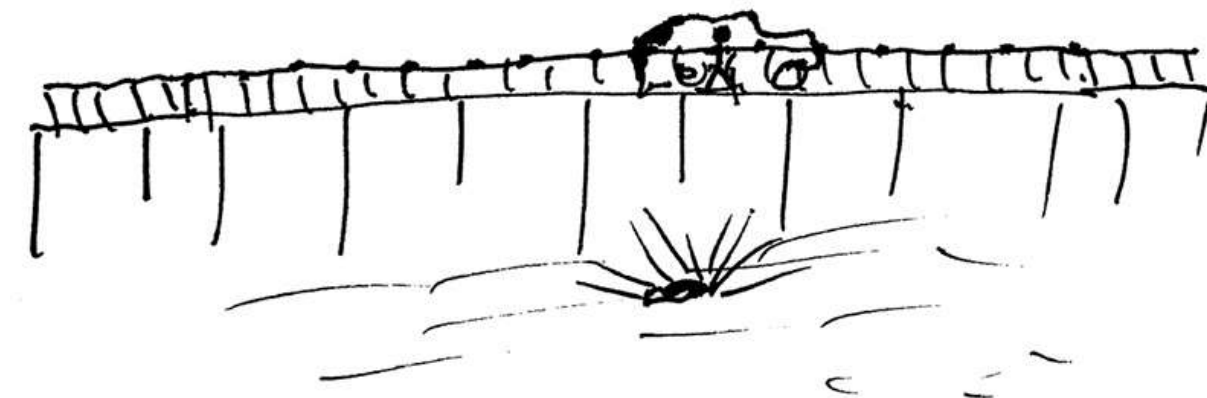
(*“TRILHA DE SUMÉ” continua...*)

CORTA PARA:

EXT. PONTE 6 DE MARÇO. NOITE

A Veraneio entra na ponte Velha (ponte 6 de Março), iluminada por lampiões, sobre o rio Capibaribe.

No vão central, o carro para. Arlindo abre a porta, leva a perna ensacada e a joga no rio sem pensar duas vezes.



CORTA PARA:

INT. PADARIA SANTA CRUZ. NOITE

Voltamos para Augusto e Bobbi na padaria, MESMO PLANO ANTERIOR, da informação trazida por Elza. Terminam de comer.

Ao fundo, um ônibus barulhento passa.

(*"TRILHA DE SUMÉ" FIM.*)

Bobbi levanta-se ainda mastigando.

BOBBI

Vou ligar praquele número.

FIXO ==> TRACKING SHOT ==> Augusto aprova. Bobbi anda até o orelhão instalado na parede, perto do caixa. Põe a ficha, disca...

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA DE GERÊNCIA. NOITE

LINDALVA, subgerente do Cinema São Luiz, está na gerência, borderô's em cima da mesa, placas de acrílico de classificações etárias (LIVRE, 10 ANOS, 14 ANOS, 16 ANOS, 18 ANOS, BREVE, A SEGUIR, HOJE) penduradas atrás.

Ela atende. A diferença de sotaques é evidente (Lindalva, pernambucano; Bobbi, do sul).

LINDALVA

Cinema São Luiz, boa noite.

CORTA PARA:

INT. PADARIA SANTA CRUZ. NOITE

BOBBI

Boa noite, por favor, o Alexandre está?

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA DE GERÊNCIA. NOITE

LINDALVA

Acho que já largou, mas vou passar pra cabine, um instantinho.

Ela transfere.

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/CABINE DE PROJEÇÃO. NOITE

Severino, colega de Alexandre, está na cabine de olho na projeção. Um garoto de 10 anos (seu filho), ainda com uniforme escolar, dorme numa

cadeira vermelha do cinema, com estofado estragado, ali instalada.



O INTERFONE da cabine toca e Severino atende, sempre de olho no filme.

SEVERINO

Alô!

CORTA PARA:

INT. PADARIA SANTA CRUZ. NOITE

BOBBI

Alô, por favor, o Seu Alexandre?

SEVERINO

Ele largou mais cedo hoje. Quem fala, por favor?

BOBBI

(V.O.)

Só pra confirmar, é Alexandre de Jesus do Nascimento, não é?

SEVERINO

(Desconfiado.)
Aí, rapaz, eu não sei não viu...
Não quer deixar seu nome?
Eu passo o recado pra el...
- DESLIGA.

BOBBI põe no gancho.

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/CABINE DE PROJEÇÃO. NOITE

SEVERINO
Alô...

CORTA PARA:

INT. PADARIA SANTA CRUZ. NOITE

BOBBI volta para Augusto, que empurra o prato no
balcão.

BOBBI
Parece que o sogro trabalha nesse cinema, e não
no outro.

Nesse instante, a viatura da polícia com Euclides,
Sérgio e Arlindo para na rua atrás de Augusto e
Bobbi, que se viram. Euclides grita de dentro da
Veraneio:

EUCLIDES
Eita caba arretado!

Augusto vira-se e põe um chapéu de vaqueiro, de
couro, que comprou naquele dia.

EUCLIDES

(Vendo o chapéu.)
Eita porra, olha o chapéu, que turista macho da porra!

Augusto e Bobbi deixam os pratos no balcão da padaria e entram na Veraneio. Velhos amigos que se reencontram.

AUGUSTO
Meu coronel é pontual! Coisa boa, rapaz! Olha o chapéu em sua homenagem!
(Toca no chapéu de vaqueiro.)

Euclides no passageiro, com Sérgio entre ele e o motorista na frente. Atrás ==> Augusto, Arlindo e Bobbi ajeitam-se na Veraneio da Policia Civil...

Fecham a porta e o carro parte, um ZOOM
=====>>> DESTACA a traseira da viatura...

CORTA PARA:

EXT. RUAS PASSEIO NOTURNO/VERANEIO. NOITE

EUCLIDES
Arretado! Coronel? Mai tá, olha quem fala, o meu capitão!

NESSE MOMENTO, o rádio da faixa policial estoura ALTO e Euclides baixa.

EUCLIDES
Opa...
(Baixa o volume.)

AUGUSTO

“Capitão” o grande cacete, subcapitão com muito orgulho da farda que eu vesti. Deixa eu apresentar meu enteado, Bobbi, Abdias na certidão de nascimento.

EUCLIDES

Eita rapagão! Tudo certo, Abdias?
É bom de tiro?

AUGUSTO

Ô louco...

BOBBI

Melhor “Bobbi”, Seu Euclides!

EUCLIDES

(Entre sério e brincando.)

“Seu Euclides”, não, que eu não trabalho no fiteiro, viu? “DOUTOR” é melhor, tá certo? Oxe, o caba trabalha tanto tempo pra - já véi - ser chamado de “Seu”. E Bobbi é nome de macho? Tinha pra home não?

BOBBI

“DOUTOR Euclides”... tá certo!

AUGUSTO

O home é brabo, viu filho, não chama ele de “Seu”, não, hein? Já aprendeu.

EUCLIDES

(Virando-se para trás.)

Olha aí, Augusto, Sérgio aqui é filho da mãe e Arlindo é filho de criação, tu já conhecia, né?

AUGUSTO

Conheci da outra vez, tudo certo com vocês...?

SÉRGIO

Tudo na santa paz. E vocês tão de serviço por aqui?

EUCLIDES

OXE, Sérgio! Pergunte isso não! Não vamo misturar trabalho com amizade, né?

SÉRGIO

Tá certo!

EUCLIDES

O carnaval foi animado, quase 100 foram embora, vamo ver se o negócio ainda tá pegando fogo!

AUGUSTO

E eu não vi no jornal a festança?
Teve até perna engolida por tubarão!

Arlindo e Sérgio, cada um do seu jeito, olham para fora do carro, pelas janelas.

AUGUSTO

E por falar nisso, vai ter “passeio”?

EUCLIDES

Vai ter!

AUGUSTO

Ô louco, hoje eu tô só de passageiro mesmo. Não vou “passear”, não, amigo.

Augusto parece curioso com um detalhe, e não sabe como colocar.

AUGUSTO

E... como é que vai ser?

ARLINDO

Já tá servido, subcapitão Augusto!

AUGUSTO

Ah, é??

EUCLIDES

Ah... já! Tem um "157" e outro "157" com "213" aí atrás.

(Polegar apontando para o camburão da viatura.)

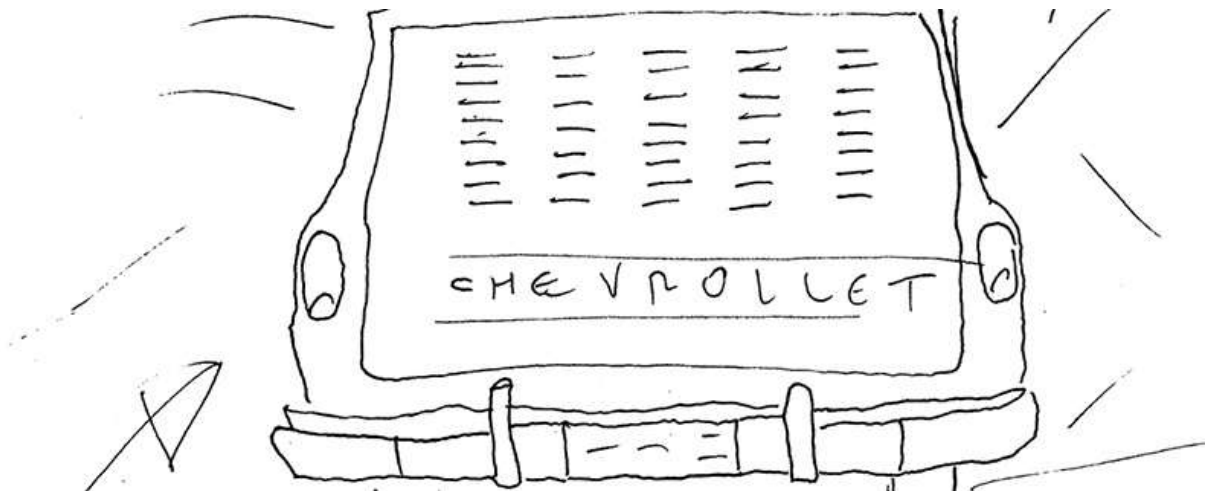
Augusto e Bobbi viram a cabeça instintivamente, para trás.

CORTA PARA:

EXT.RUAS PASSEIO NOTURNO/VERANEIO.

NOITE - CAMERA CAR

Um PLANO algo assustador da viatura da Polícia Civil nas ruas escuras do Recife, filmada de trás. O ruído da carroceria pesada, da suspensão rangendo com os buracos. O motor, os pneus no asfalto velho.



Ouvimos as vozes dentro da viatura.

AUGUSTO

(V.O.)

Aqui atrás, já? “157” e “213”?

Putá que pariu, viu?

(Já com raiva.)

BOBBI

(V.O.)

“213” é...

SÉRGIO

(V.O.)

É... estrupo, “213”, e “157” é latrocínio. Só menino bom...

Um ruído vindo de dentro do camburão:

“TUFF-TUFF-TUFF...”

Começamos a ouvir vozes abafadas de dentro do camburão, vindas de trás. ZOOM gradual ====> em direção à viatura:

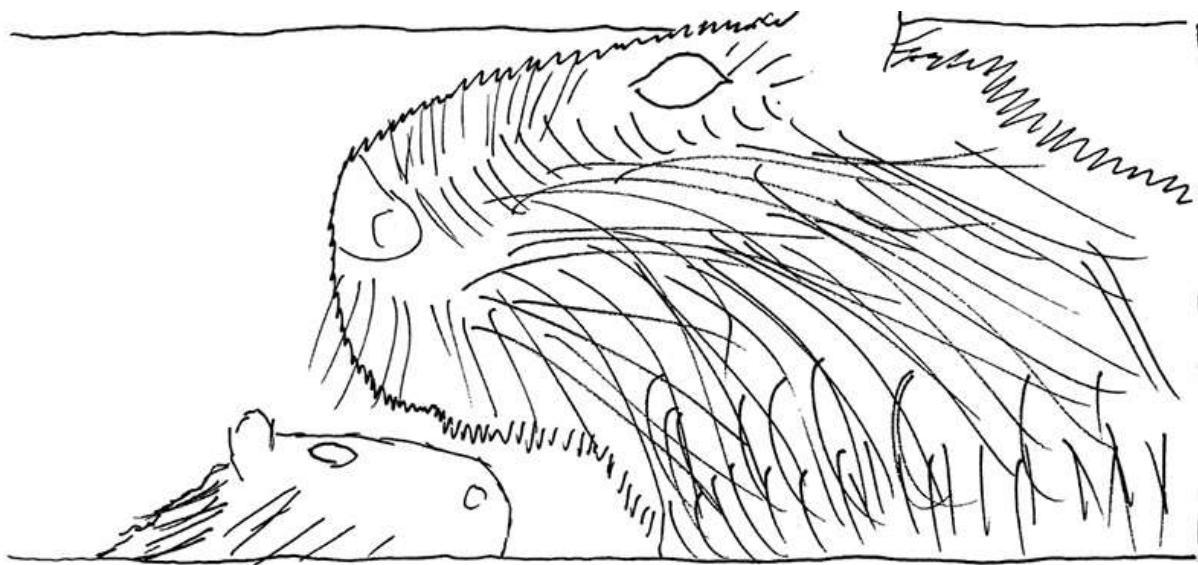
Eles batem na lataria, por dentro. TUFF-TUFF-TUFF...

Um crescendo sutil e de baixo volume de música que CONTINUA ==> na próxima cena... ==>

CORTA PARA:

EXT. PARQUE TREZE DE MAIO. NOITE

Uma família de capivaras transita tranquilamente por entre árvores, à noite, no parque Treze de Maio, centro do Recife. A imagem de um conto de fadas animal...



UMA FUSÃO

Aos poucos, ali na frente, a área de pegação humana, alguns focos de iluminação pública. Um conto de fadas erótico.

Árvores, o gramado, homem, mulher, casal, trisal etc. Sexo e safadeza em lugar público...

Um TRAVELLING bastante clássico por trás ==> Num banco de praça, dois homens sentados se olham. Começam a se tocar e a se beijar...

Uma voz feminina NARRA em OFF, leitura em voz alta sobre o que estamos vendo. É a voz de Teresa Victoria:

TERESA VICTORIA

(Com seu sotaque angolano.)

“O popular Pedro Jorge do Nascimento, 27 anos, estudante, morador da Mustardinha... estava passeando à noite no Parque Treze de Maio com o amigo Alexandrino Borges, 32 anos, protético e morador da Bomba do Hemetério, quando foram

surpreendidos por uma sombra que chegou pulando e que lhes deu chutes...”

CORTA PARA:

INT. EDF. OFIR/APTO. DE DONA SEBASTIANA. NOITE

Teresa Victoria, em pé, olhos firmes no jornal que tem na mão, copo de cerveja na outra, em voz alta.

O ambiente é a sala de estar de Dona Sebastiana, onde uma pequena comemoração está em curso. Débora, filha de Cláudia, brinca no chão.

Liza e Elis deitadas no chão. Dois dos cachorros do prédio têm livre acesso à sala.

TERESA VICTORIA

(Perguntando aos amigos.)

Quem escreveu isso?!

(Olha para António, seu companheiro.)

“Perna Fantasma Já é Problema Policial: Perna Ataca Populares no Parque Treze de Maio”... É possível isso?

CLÁUDIA

É greia, Teresa Victoria!

TERESA VICTORIA

(Comicamente confusa.)

Mas está no jornal como notícia...

GERALDO, 70 anos, amigo de Dona Sebastiana, sentado com copo de cerveja, diz:

GERALDO

A Perna Cabeluda é a coqueluche em Casa Amarela!

Dona Sebastiana traz mais bebida da cozinha.

CLÁUDIA

Teresa, lê a parte do ataque, é muito bom.

TERESA VICTORIA

Tu já não leste?

CLÁUDIA

Já li, mas é bom ouvir com o seu sotaque...

TERESA VICTORIA

Eu sou angolana...

CLÁUDIA

Ah, tá certo...

Teresa baixa os olhos para o jornal:

TERESA VICTORIA

(Toma um gole.)

Vou ler.

CORTA PARA:

(COMO SE ENTRÁSSEMOS NUM FILME DE TERROR, em som e imagem.)

EXT. PARQUE 13 DE MAIO. NOITE

Mais homens se beijando embaixo de uma árvore.

DE REPENTE UM VULTO PASSA...

Um homem e uma mulher fodem em pé no escuro do parque.

Algo está à espreita do casal por trás de arbustos, de uma árvore. POV de SLASHER MOVIE (SUPER GRANDE ANGULAR PERNA CABELUDA-SCOPE).



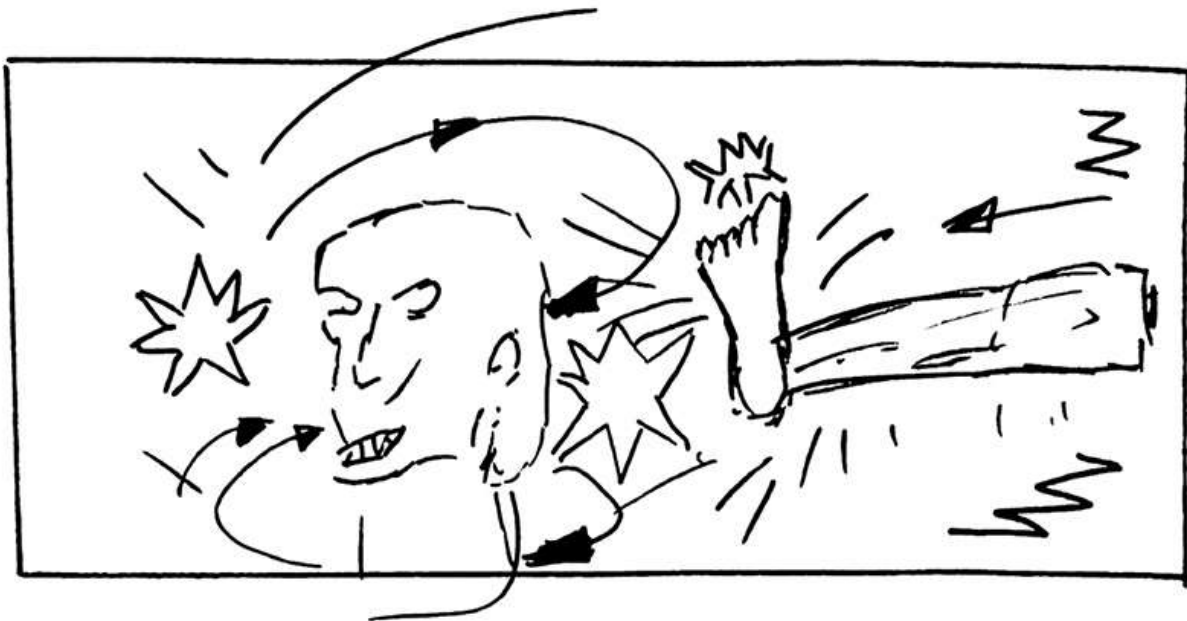
TERESA VICTORIA

(V.O.)

Essa parte aqui... "A aterrorizante perna fantasma aproximou-se de um grupo de amigos que pediram para não serem identificados, a perna usou a sombra da noite como disfarce..., TCHU-TCHU-TCHU..."

A perna cabeluda aproxima-se rapidamente com o ruído de um pé só - TCHU-TCHU-TCHU -, quicando para o ataque contra o grupo de homens, e depois contra o casal:

Uma perna solitária que pula como um canguru...



TERESA VICTORIA

(V.O.)

“...a perna deu ‘pinotes’ violentos e atingiu os noivos no tórax, na cabeça e nos quartos... Eles deram entrada no hospital da Restauração e não quiseram comentar o assunto...”

CORTA PARA:

INT. EDF. OFIR/APTO. DE DONA SEBASTIANA. NOITE

TERESA VICTORIA

(Segurando o jornal, um pouco incrédula.)

Mas isso é muito inusitado...

CORTA PARA:

TERESA VICTORIA

(VOZ.)

“...A perna cabeluda mede mais ou menos um metro e meio...”

SOM: O riso de Teresa Victoria por cima da imagem do ataque, como a espectadora incrédula de um filme B.

CORTA PARA:

TERESA VICTORIA

É espantoso! Não está apresentado no jornal como um conto literário...

(Sorriso matreiro.)

Haroldo muda de posição no sofá, interessado pela história. Haroldo fuma.

HAROLDO

Teresa! Continua...

Ela olha para os amigos, como quem finaliza o sarau, baixando o jornal.

TERESA VICTORIA

Acabou: “...e *pendura-se nas árvores e telhados...*”. Ora vejam...

CORTA PARA:

Marcelo/Armando chega na festinha... entra na sala, ouvindo. E pega logo um copo de cachaça.



MARCELO

Boa noite a todos.

Cláudia o percebe.

DONA SEBASTIANA

Oia ele! Bem-vindo, menino!

HAROLDO

E aê, bicho?

ANTÓNIO

Como está? Que bom que veio, esta é a nossa pequena despedida.

MARCELO

Dona Sebastiana tinha me falado.
Eu quero estar aqui com vocês.

Ele esgueira-se para ver Dona Sebastiana. Ele olha para Cláudia, que acende cigarro.

MARCELO

Dona Sebastiana, posso usar seu telefone?

DONA SEBASTIANA

Se não for interurbano, pode!

Marcelo disca número com a ajuda de minicaderneta desenterrada do bolso.

Marcelo olha para Cláudia...

MARCELO

Boa noite, Dona Zuleika, aqui é Marcelo, genro de Alexandre, seu vizinho.

ZULEIKA

(VOZ.)

Sim, Seu Marcelo, boa noite.

MARCELO

Como vai a senhora? Espero que não esteja tarde... Eu preciso mandar um recado pra Seu Alexandre e pedir pra ele me ligar. Eu tô precisando muito falar com meu filho...

A festinha transcorre durante o telefonema.

ZULEIKA

(VOZ.)

*Eu vou ver se ele pode, viu?
Seu Alexandre tem o número?*

MARCELO

Ele tem o número. Obrigado, viu.

DESLIGA.

Armando observa a festa. Clóvis, o garoto, está sentado no sofá como futuro adulto. Haroldo, morgado. Cláudia observa, na sala.

DONA SEBASTIANA

Me ajuda com a pia, Clóvis.

Ele levanta-se e vai à cozinha.

TERESA VICTORIA

(Sem tirar os olhos do jornal.)

Eu não gosto de Recife. Não fui bem tratada aqui, mas é uma cidade peculiar, esta. Não é mesmo, António?

António ouve a companheira e concorda com uma expressão de quem não quer acrescentar mais nada...

TERESA VICTORIA

(Ainda sem tirar os olhos do jornal.)

“A Perna Cabeluda” que quica sozinha faria um sucesso em Luanda!

E em Maputo também!

Teresa Victoria parece entrar em “modo discurso”... Ela está feliz, um pouco bebinha, sente-se confiante.

TERESA VICTORIA

Mas, vejam bem, o Marcelo

(Olha para Marcelo/Armando.)

é Marcelo a sua alcunha, não é?

Marcelo balança a cabeça positivamente, sem convicção.

MARCELO

Marcelo?

Marcelo pega outra cachaça da bandeja de Dona Sebastiana e vira o copo elegantemente.

MARCELO

Meu nome é Armando, mas pode ser Marcelo também.

Planos de reação de quem está na sala.

Surpresa, Cláudia abre um sorriso nervoso, Haroldo fica olhando.

Dona Sebastiana um pouco preocupada. O senhor amigo de Sebastiana, Geraldo, toma um gole da sua bebida.

Teresa Victoria olha para o marido.

CORTA PARA:

DONA SEBASTIANA

(Pegando a palavra.)

Os nomes são pra ajudar na segurança de vocês, mas não deve ser fácil, né, ser chamado de outro nome? Eu mesma sou Sebastiana mesmo!

Antônio olha para Teresa e parece pedir à companheira com a cabeça que não fale.

TERESA VICTORIA

(Olhando para Antônio.)

Eu prefiro não revelar meu nome verdadeiro, mas “Teresa Victoria” veio de uma tia querida. Eu sempre quis me chamar “Teresa Victoria”, eu

gosto de nome composto, e em Moçambique não se usa...

Cláudia observa com uma cara triste...
Clóvis olha sem entender a situação toda.

CLÓVIS

(Para Cláudia.)

Oxe, meu nome é Clóvis mesmo...

Alguns riem. Dona Sebastiana põe a mão no ombro dele.

HAROLDO

(Algo revoltado.)

Como eu queria ter a coragem de vocês... Como eu queria... Mas não é fácil ser ameaçado de morte.

Marcelo/Armando ouve.

A colocação de Haroldo chega como uma ferroada em Cláudia, que reage com os olhos.

MARCELO/ARMANDO

Eu também tô ameaçado de morte...

Cláudia ouve...

CLÁUDIA

(Levantando a cabeça.)

Eu tô ameaçada de morte...

Clóvis ouve. António e Teresa Victoria observam calados. Dona Sebastiana entra em ação.

DONA SEBASTIANA

Vou botar música!

Ela vai até a radiola.

MARCELO/ARMANDO

Eu não quero botar ninguém pra baixo, meus amigos. Eu tou forte, eu tenho um filho, eu quero viver.

Mas eu soube hoje que eu tô ameaçado de morte.

Ele ri.

MARCELO/ARMANDO

Foi uma surpresa!

Silêncio.

CLÁUDIA

Eu também tenho minha filha... Isso vai passar...

Dona Sebastiana põe disco na radiola: “Filho único” (Erasmó Carlos), começa a tocar.

A música tem um tom “pra cima”, bastante falso em relação à sua letra...

Cláudia olha para Haroldo, Marcelo e Dona Sebastiana.

Marcelo/Armando ri. Ele senta no sofá ao lado de Cláudia. Pega na mão dela, não como parte de um casal, mas como um amigo.

TERESA VICTORIA

O que eu falei sobre esta cidade não se aplica ao que vivi convosco aqui nessa morada, não é? Pra quem em Angola conseguiu brigar com os dois lados, encontrar refúgio cá foi muito bom. E agora, vamos embora, eu e António, e num avião

que NÃO tem a bandeira portuguesa, fizemos questão.

ANTÓNIO

(Para Dona Sebastiana.)

Estás a falar demais...

Dona Sebastiana, a senhora é sem igual, muito obrigado.

Haroldo intervém:

HAROLDO

E vocês vão pra onde?

ANTÓNIO

Não vem ao caso, Haroldo, obrigado.

TERESA VICTORIA

(Olha para António, fala mais baixo.)

Não vamos falar...

Marcelo/Armando ouve atento.

DONA SEBASTIANA

(Mudando de assunto.)

Minha sobrinha Geisa gostava tanto de Erasmo Carlos... Gosta, ela gosta...

Cláudia olha para Marcelo/Armando, o telefone TOCA, ele levanta-se...

UM SUSTO. Haroldo não parece gostar de ouvir o telefone tocar. Cláudia percebe...

“Filho único” toca em volume médio.

Ei, mãe, Não sou mais menino...

*E nos seus planos não estão você...
Não é justo que também queira parir meu
destino...
Você já fez a sua parte
Me pondo no mundo
Que agora é meu dono, mãe*

MARCELO/ARMANDO
(Chegando no canto do telefone.)
Acho que é pra mim... Alô...

Uma voz familiar do outro lado da linha.

ALEXANDRE
(VOZ.)
Armando? É Alexandre.

MARCELO/ARMANDO
Seu Alexandre...

ALEXANDRE
(VOZ.)
Fernando já tá dormindo, eu não quis acordar...

Marcelo/Armando algo decepcionado...

MARCELO/ARMANDO
Tá certo, obrigado por ligar.

DESLIGA.

DONA SEBASTIANA
(Aproxima-se com a cerveja.)
Já que tu estás aqui no cantinho, deixa eu lhe
deixar mais felizinho, eu vou lhe mostrar meu
museuzinho aqui, ó...

Marcelo/Armando é fisgado por Dona Sebastiana.

Uma PAN ==> e a câmera dedica atenção a uma pequena exposição de fotos acima de uma mesa com objetos.

DONA SEBASTIANA

Essa aqui é Geisa (uma criança de 10 anos na praia)... e aqui ela já grande...

(Pausa.)

Junto às fotos na parede, uma placa branca de metal com a palavra "SASSUOLO" em azul, duas bandeirinhas do Brasil e da Itália. Tudo singelo. Há fotos antigas de uma mulher com um homem.

Marcelo/Armando aproxima-se.

MARCELO/ARMANDO

A senhora aqui?

DONA SEBASTIANA

Eu na Itália, com meu companheiro na época, Andrea. Em Sassuolo.

MARCELO/ARMANDO

A senhora morou na Itália?

DONA SEBASTIANA

Sete anos.

MARCELO/ARMANDO

Quando?

DONA SEBASTIANA

Vixe, de 38 a 46, voltei quando a guerra acabou.

Marcelo/Armando dá UM OLHAR pra cima de Sebastiana, um olhar de quem já entendeu.

CLÁUDIA

Oxe, a senhora nunca me contou.

Haroldo parece perdido nos seus pensamentos.

DONA SEBASTIANA

Tu nunca perguntou!

Eu passei a guerra na Itália, eu fui estudar música, aí a coisa foi piorando, eu fui ficando, não conseguia voltar. Lá eu fui comunista, depois eu fui anarquista... ou foi o contrário... Eu vi umas coisas na minha frente que eu nunca esqueci, que eu vou levar comigo pro cemitério.

(Pausa.)

Eu fiz também três coisas que eu não vou falar aqui, mas eu fiz.

MARCELO/ARMANDO

E a senhora voltou em 46?

O clima na sala é emotivo...

DONA SEBASTIANA

Foi... eu voltei pro Brasil em 46... Resumindo: um brinde a todo mundo aqui, ao meu saudoso Andrea (vira-se para as fotos, já emocionada...), ao meu amigo Geraldo, que tá aqui, a vocês. A vida tem coisa ruim, mas também tem coisa boa. A essa mulher que pra mim se chama Teresa Victoria, que vai pra Suécia com António...

Antônio e Teresa mostram desprazer em ver que o país de destino deles foi revelado por Dona Sebastiana, que nem percebeu.

DONA SEBASTIANA

..um brinde! A Marcelo que é Armando, a Cláudia que é Cláudia e a Débora que eu tenho certeza que vai crescer num Brasil melhor com menos pirraça, um brinde a Haroldo que não é Haroldo!

“Filho único” *continua...*

Todos brindam.

Cortamos para um CLOSE-UP de Armando...

FADE OUT ==>

INT. EDF. OFIR/APTO GEISA/QUARTO. DIA/NOITE

Na claridade suave da manhãzinha, Armando dorme abraçado com sua esposa, Fátima. Entre os dois, o pequeno Fernando. Os três na paz de uma manhã de domingo.

Armando abre os olhos e, na janela do quarto, ele vê pessoas mascaradas olhando para dentro do quarto, uma imagem enervante. À sua direita, já entrando no quarto, rapidamente e avançando em direção à câmera de forma ameaçadora, uma La Ursa...



CORTA PARA:

Na mesma cama e no mesmo quarto, na mesma luz matinal, Armando acorda assustado do pesadelo, Cláudia ao seu lado. Ele arranca o lençol, vira-se rapidamente de joelho na cama e a cara enterrada no lençol, aos prantos...

ARMANDO

(Chorando.)

Puta que pariu... Puta que pariu...

Puta merda...

Cláudia desperta, olha para Armando, arranca o lençol, ajoelha-se na cama e o abraça forte, como se apertar, abraçar e tocar a pele de Armando fosse curá-lo do terror. Os dois nus, num contato físico intenso e não sexual.

FADE IN ==>

INT. ARMAZÉM DE AÇÚCAR. DIA

No armazém no porto do Recife, uma montanha de açúcar.

Um caminhão FNM é carregado com sacas de 50 quilos por quatro estivadores sem camisa, pano na cabeça, bota e short. Um deles não deve ter mais do que 14 anos.



A câmera escolhe VILMAR, 30-40 anos, homem forte, cara séria. Estamos com ele agora. Vilmar vê algo e para...

Augusto, Bobbi e Irineu (um contato local) vêm andando já dentro do armazém.

Vilmar põe a saca de açúcar na boleia do caminhão, um colega em cima a arrasta. Vilmar vem andando em TRACKING SHOT com olhar fixo. Ele aproxima-se de Augusto, Bobbi e Irineu...

Ali longe, o encarregado no armazém, 40 anos, observa a distância a movimentação de um dos estivadores.

IRINEU

(Ainda chorando.)

Vilmar, querem falar com tu, Dr. Augusto e Dr. Bobbi.

AUGUSTO

Boa...

VILMAR

Boa.

Irineu acende cigarro com fósforos...
e afasta-se, deixando os três tratarem do assunto
sozinhos.

NOTA: Vilmar tem uma expressão extraordinária no
rosto, especialmente por esconder o que se passa
ali por dentro.

AUGUSTO

Irineu disse que você é “O” homem.

VILMAR

Aí, eu não sei...

AUGUSTO

É um serviço, aqui em Recife.

VILMAR

Gente pobre ou gente fina?

AUGUSTO

(Não pode mentir.)

Pinta de gente fina... mas não é rico...

Bobbi observa Augusto fazer a negociação.

VILMAR

Pinta de gente fina é gente fina.

Aí é mais caro.

(Pausa.)

O cara anda armado?

AUGUSTO

Não, é um frouxo.

VILMAR

Eu faço por 4 mil.

Bobbi e Augusto se entreolham.

BOBBI

Você trabalha com o quê?

Vilmar parece não entender Bobbi.

VILMAR

Entendi, não, o senhor.

BOBBI

Você usa o que pra fazer o serviço?

VILMAR

Um .38, meio longo. É tiro certo.

AUGUSTO

Te dou 2 mil.

VILMAR

Faço por 4 mil. É 4 mil.

Augusto olha para Vilmar com alguma irritação.

BOBBI

(Olha para o caminhão de açúcar e chega
junto para intimidar Vilmar.)

Passa o dia todo carregando esse peso aqui,
nesse calor, recebendo uma mixaria... O serviço é
fácil, cabra...

AUGUSTO

(Chegando junto, protegendo a grana.)
A gente tem informação fresquinha que vai
ajudar no trabalho.

VILMAR
(Não se intimidou.)
É 4 mil.

Augusto olha para Vilmar... (Pausa.)
Irineu observa, fumando. Bobbi nada fala.

AUGUSTO
Quatro então. Mas você vem agora?

VILMAR
Dois mil adiantado, agora.

CORTA PARA:

ELIPSE, MINUTOS MAIS TARDE

INT. CINEMA SÃO LUIZ/CABINE DE PROJEÇÃO. DIA

Severino, colega de Alexandre na cabine de
projeção do Cinema São Luiz, olha dentro da bolsa
um dinheiro que trata com segredo.
Ele olha para trás e vê Alexandre saindo da cabine
com um envelope.

ALEXANDRE
Vou dar uma saída, cuida aí.

Ele sai, Severino levanta-se e vai até a caderneta
de Alexandre deixada na mesa da enroladeira.

Folheia e vai até a última anotação.

DETALHE: “*Dona Sebastiana, Edf. Ofir,
Rua Alfredo de Medeiros 68.*”

Ele copia o endereço num pedaço de papel e sai da cabine.

CORTA PARA:

INT. CINEMA SÃO LUIZ/SALA DA GERÊNCIA. DIA

Pilhas organizadas de dinheiro, ingressos de cinema e borderôs na mesa da gerência do Cinema São Luiz.

O gerente, Sr. Pedro, conta a renda do dia anterior com a ajuda de Lindalva e calculadora de manivela. Um segurança armado (30 anos) está junto da porta.

Alexandre abre a porta com envelope em mãos, põe a cabeça para fora, o segurança observa.

ALEXANDRE

Vou dar uma saída, volto em meia hora.

PEDRO

Vá lá.

CORTA PARA:

EXT. CINEMA SÃO LUIZ/HALL/ENTRADA. DIA

Com o envelope na mão, Alexandre deixa o cinema pelo hall de entrada, que é lavado por faxineiros horas antes de abrir ao público.
Ele sai para a rua...

Um ZOOM ==> revela que do outro lado da rua Bobbi, Vilmar e Irineu observam...

Bobbi atravessa rapidamente a rua e aproxima-se de um dos faxineiros, no cinema.

BOBBI

Opa, por favor, Seu Alexandre está?

FUNCIONÁRIO

Acabou de sair... Ali, ó.

BOBBI

Obrigado.

Bobbi volta andando, faz sinal discreto para Vilmar, que vê Alexandre já longe e começa a segui-lo.

CORTA PARA:

EXT. PONTE DUARTE COELHO. DIA

Alexandre cruza a ponte e o trânsito sem saber que Vilmar o segue... A marquise do Cinema São Luiz ao fundo - "*A Profecia* - 18 anos".

CORTA PARA:

EXT. CINEMA SÃO LUIZ/ENTRADA. DIA

Severino chega na porta aberta do cinema e faz sinal para Bobbi, que está na calçada. Severino aponta para a bilheteria. Bobbi vai até a bilheteria, por fora. Irineu o acompanha.

Dentro da cabine da bilheteria, Severino desliza o pedaço de papel para Bobbi pelo guichê, como um

ingresso de cinema. Bobbi abre o papel:

DETALHE: "Dona Sebastiana, Edf. Ofir, Rua Alfredo de Medeiros 68."



Bobbi passa o papel para Irineu e começa a andar, a câmera o acompanha em CLOSE-UP por alguns metros.

EXT. RUA/BANCA DE REVISTA. DIA

Alexandre vem andando pela rua e passa por uma vistosa banca de revistas, onde o destaque do dia é "PERNA CABELUDA ROUBA PERNA DO IML", lida por pelo menos dois homens. Isso também lhe chama a atenção, mas ele fala com o dono da banca, que lhe entrega uma sacola com um rádio dentro.

CORTA PARA:

INT. SSP/SALA DE ARQUIVOS. DIA

UM CLOSE-UP de Marcelo/Armando andando REVELA em ZOOM OUT que ele navega pela sala de arquivos da repartição, apresentada por Anísio.

Uma pilha com umas três centenas de cartões de identificação com o nome “Maria Aparecida dos Santos”, que Marcelo/Armando examina um a um, como quem joga baralho.

Elisângela o observa de longe.

ELISÂNGELA

É a tua mãe?

MARCELO/ARMANDO

É...

ELISÂNGELA

Tás meio obcecado com isso, né?

MARCELO/ARMANDO

Tu acha?

ELISÂNGELA

Acho. Mas eu acho bom isso.

MARCELO/ARMANDO

Eu fiquei de achar a ficha dela, porque ela perdeu os documentos.

Eu quero porque quero achar essa ficha de minha mãe, e eu não tô encontrando.

Ele parece procurar um em específico, as fotos em preto e branco de dezenas de mulheres passam rapidamente.

“Maria Aparecida dos Santos” “Maria Aparecida dos Santos”

“Maria Aparecida dos Santos” “Maria Aparecida dos Santos”

“Maria Aparecida dos Santos” “Maria Aparecida dos Santos”

“Maria Aparecida dos Santos” “Maria Aparecida dos Santos”

“Maria Aparecida dos Santos” “Maria Aparecida dos Santos”

“Maria Aparecida dos Santos” “Maria Aparecida dos Santos”

CORTA PARA:

EXT. GOTHAM CITY. DIA

Alexandre vem com o envelope e sacola na mão.
Vilmar o acompanha a distância.

EXT. SSP/ENTRADA/RUA. DIA

Alexandre entra no acesso principal da Secretaria de Identificação e Segurança Pública, onde irá encontrar Marcelo/Armando, seu genro.

CORTA PARA:

A ENTRADA da Secretaria, mas filmada de dentro:

Vilmar vem seguindo a distância e atento, da rua para dentro...

EXT. SSP/ENTRADA/RUA. DIA - PLANO MÉDIO

Revelamos que Bobbi também estava seguindo Vilmar e ele aproxima-se da passagem de acesso à secretaria.

OBS: a movimentação da câmera em relação a esses personagens segue um crescendo.

INT. SSP/ATENDIMENTO. DIA

Alexandre entra no atendimento ao público, a sala de arquivos, que está tomada de gente. Atrás do balcão, Elisângela e Carmen.

Alexandre vê Marcelo/Armando lá atrás, na área restrita.

ALEXANDRE

Armando!...

(E percebe que não era para ter falado o nome verdadeiro.)

Olha desconcertado para Elisângela, que olha para “Marcelo”, que agora vê o sogro.

ELISÂNGELA

É Marcelo o nome dele...

Marcelo/Armando aproxima-se e abre a portinhola.

MARCELO/ARMANDO

Deixa, é comigo.

Segurando seu embrulho com cordão, Alexandre passa pela pequena multidão de gente esperando as carteiras de identidade, e entra.

ALEXANDRE

(Olha ao redor e fala baixo.)

Te chamei de Armando...

Marcelo/Armando fecha a portinhola, levando Alexandre para a área restrita.

MARCELO/ARMANDO

(Falando baixo, segurando papéis.)
O que foi? Tudo bem com Fernando?

ALEXANDRE

Tudo, eu vim porque ele pediu pra te entregar isso aqui, uma impaciência, viu... Me fez jurar que eu ia te dar de manhã ainda.

Entrega o envelope. Marcelo/Armando tira um papel de dentro e o abre:



DETALHE: Um desenho com um tubarão. Armando, Fátima, Fernando, os avós um pouco longe...

Armando olha para o sogro... que olha de volta para o desenho.

ALEXANDRE

Tem atrás também.

Armando vira o desenho, no verso um bilhete:

ARMANDO

(Vira o desenho, lê para si mesmo em voz alta.)

“PAPAI, VOVÔ E VOVÓ SÃO MUITO BACANAS, MAS EU QUERO MORAR COM VOCÊ. EU ACHO QUE EU JÁ ESTOU COMESANDO A CONSEGUIR ESQUECER MAMÃE. VENHA RÁPIDO. FERNANDO.”

Marcelo/Armando olha para Alexandre.

MARCELO/ARMANDO

Diga a ele que daqui a dois dias eu tô com ele.
Deixe ele pronto.

ALEXANDRE

Vai levar meu neto...

(Pausa.)

Eu tenho que voltar...

(Pausa.)

Tu achou o documento da tua mãe?

ARMANDO

Não...

Alexandre volta sozinho para o balcão enquanto Armando olha o papel desenhado por Fernando.

Alexandre passa pelas pessoas na entrada e CRUZA com Vilmar, que já estava observando, na área interna...

Vilmar aproxima-se com olhar fixo, abrindo caminho junto às pessoas.

UM PLANO À ALTURA DA CINTURA: A cintura de Vilmar aproxima-se da câmera junto à cintura de homens e mulheres à espera no balcão.

Há uma arma debaixo da camisa...

A mão de Vilmar tira do bolso a foto de Marcelo/Armando, dada por Augusto. Ele olha a foto e foca em Marcelo/Armando na área restrita dos arquivos.

DETALHE: a foto de Marcelo/Armando barbudo num encontro na universidade.

Vilmar aproxima-se de Elisângela, perguntando diretamente e sem um bom-dia:

VILMAR

Moça, aquele é Armando?

Elisângela olha para trás, vê Marcelo/Armando a distância e olha para Vilmar. (OBS: é a segunda vez que alguém chama “Marcelo” de “Armando”.)

VILMAR

(Projetando a voz, sem esperar Elisângela responder.)

Armando!

Marcelo/Armando, de costas, ouve claramente a voz, mas decide ignorar.

CORTA PARA:

PLANO SPLIT DIOPTER: Lado esquerdo, Marcelo/Armando (agora de frente) ouve Vilmar (à direita) e tem o controle de não se virar.

VILMAR

ARMANDO!

Elisângela olha para Marcelo/Armando, ela acha inusitado.

ELISÂNGELA

Marcelo?

Armando/Marcelo dá as costas e anda calmamente na direção oposta, aos poucos olhando para o balcão, procurando quem o chama.

Vilmar acena para ele e olha a foto.

Marcelo/Armando - indo em direção à saída - acena perguntando se é com ele. Vilmar faz sinal “para conversar”... Marcelo/Armando faz sinal e projeta a voz:

MARCELO/ARMANDO

Um instantinho que eu volto...

Elisângela acha tudo estranho.

E Marcelo/Armando sai pela porta que dá acesso ao corredor interno.

CORTA PARA:

INT. SSP/SALA DE ARQUIVOS/AUDITÓRIO. DIA

No sala de arquivo e no auditório, ele apressa o passo.

CORTA PARA:

EXT. SSP/ESCADA. DIA

Marcelo/Armando sobe as escadas em direção à delegacia.

CORTA PARA:

INT. DELEGACIA/SALA DE EUCLIDES. DIA

PLANOS DE UM MURAL DE RECORTES DE JORNAL, a clipagem colada de Euclides e sua obra como policial.

* Páginas de jornal, do caderno de “Polícia”, com fotos de DOIS homens mortos numa estrada de canavial...

* Euclides homenageado no Club Internacional com troféu.

* Euclides e filhos com o time do Sport Club do Recife.

* Homens presos com corda de cipó num matagal, viaturas.

* A perna achada na barriga do tubarão...

...ao som de Euclides conversando com os filhos Sérgio e Arlindo.

EUCLIDES

(V.O.)

*A gente pega umas três viaturas,
junta uns caba bom pra dar liga,
e vamos lá - AVISANDO que a gente
vai lá - só pra dar um susto e
ver se isso sai.... Deixe comigo...*

Marcelo/Armando TOC-TOC na porta aberta e entra.
Contendo o nervosismo.

MARCELO/ARMANDO

Dr. Euclides...

EUCLIDES

(Atencioso, paternal.)

Opa, Marcelo. Qué que manda?

MARCELO/ARMANDO

Bom dia.

SÉRGIO

Boa.

Arlindo balança a cabeça.

MARCELO/ARMANDO

Eu achei que devia vir aqui pra dar uma
palavrinha.

EUCLIDES

Diz!

MARCELO/ARMANDO

Dr. Euclides, o senhor talvez não saiba, mas eu
não ando armado...

A frase fisga a atenção de Euclides e dos dois
filhos.

MARCELO/ARMANDO

E tem um cara lá no atendimento...
ele tá insatisfeito com o serviço, tá nervoso,
me ameaçou... e eu achei que devia vir aqui lhe
informar...

Euclides não parece entender bem a situação.

EUCLIDES

Aí tem coisa... Mexesse com a mulher dele?

MARCELO/ARMANDO

Não. Eu não conheço esse cara.



EUCLIDES

E por que ele tá mordido?

MARCELO/ARMANDO

(Juntando argumentos.)

Bem, eu não ando armado, mas não sou de levar desaforo... Eu acho que ele tá lá me esperando...

Euclides olha para os filhos.

EUCLIDES

Ele puxou uma arma?

Marcelo/Armando pensa bem no que vai dizer.

MARCELO/ARMANDO

Dr. Euclides, eu não taria vindo aqui pedir ajuda se não fosse uma situação perigosa...

EUCLIDES

Tem que andar armado, nêgo.
Impõe respeito! Arlindo, vai lá dar uma olhada, vai. Chama Marcão ou Gilmar pra ir com tu ver qual é o pó.

Sérgio sentado estava, sentado fica.

ARLINDO

(Levantando-se.)

Oxe, já tava me coçando aqui. Ele tá tranquilo ou metido a cavalo do cão?

MARCELO/ARMANDO

Metido a cavalo do cão...

Euclides olha para Marcelo/Armando.

EUCLIDES

Estende a tua mão pra eu ver...

MARCELO/ARMANDO

Minha mão?

Marcelo/Armando estende a mão.

EUCLIDES

(Fitando as mãos de Marcelo/Armando como um médico.)

Tás nervoso?

MARCELO/ARMANDO

Não... um pouco...

CORTA PARA:

INT. DELEGACIA/CORREDOR. DIA

Arlindo e Marcelo/Armando andam no corredor,
Arlindo vê MARCOS, colega da delegacia, saindo por
uma porta.

ARLINDO

Diz, Marcão! Vem comigo aqui falar com um cara.
Tá importunando o colega aqui da Identificação.

MARCOS

Tem que ser agora?

ARLINDO

É rapidinho...

(Para Marcelo/Armando.)

Ele tá aí fora?

MARCELO/ARMANDO

Na recepção, do outro lado...

CORTA PARA:

EXT. SSP/ORELHÃO. DIA

Vilmar está num orelhão no pátio da Secretaria de
Identificação.

CORTA PARA:

EXT. PRAIA/QUIOSQUE. DIA

Um quiosque de coco na praia, a 8 quilômetros de
distância. O telefone toca. O dono atende.

DONO DO QUIOSQUE

Alô... sim... peraí...

Uma PAN ==> revela que Augusto, só de sunga e óculos de sol, tira a água salgada do corpo numa ducha.

DONO DO QUIOSQUE

Capitão! Pro senhor...

Augusto sai da ducha e chega ensopado ao telefone, mar azul ao fundo. O dono do quiosque reabastece a cerveja de Augusto.

AUGUSTO

Alô...

CORTA PARA:

EXT. SSP/ORELHÃO. DIA

VILMAR

Seu Augusto? É Vilmar. Achei o home, é pra torar?

AUGUSTO

(V.O.)

Achou onde?

VILMAR

Na secretaria que faz carteira de identidade.

AUGUSTO

(V.O.)

Onde é isso? É ele mesmo?

VILMAR

É... certeza, golpe de vista e tudo.

AUGUSTO

(V.O.)

Bobbi tá contigo?

VILMAR

Não, ficou no cinema...

AUGUSTO

Melhor...

CORTA PARA:

EXT. PRAIA/QUIOSQUE. DIA

AUGUSTO

(Olha se tem alguém ouvindo, baixa a voz.)
Queima o cara. Tô com o resto do dinheiro na
mão.

CORTA PARA:

EXT. SSP/PÁTIO/ENTRADA. DIA

Arlindo e Marcão saem para o pátio,
Marcelo/Armando surge atrás e varre a área. ==>
Ele avista Vilmar a distância, no orelhão, pondo o
telefone no gancho, de costas.

MARCELO/ARMANDO

(Olhando firme.)

Tá no orelhão...

ARLINDO

Aquele ali? Fica aí que eu vou lá... Vamo lá,
Marcão.

UM ZOOM em movimento começa em Marcelo/Armando na porta da repartição, entrando discretamente para maior proteção, recuando na sombra e observando, a distância, Arlindo e Marcos andando no pátio de olho em Vilmar, que está vindo do orelhão... Arlindo percebe que Marcelo/Armando ficou pra trás...

Vilmar percebe a aproximação de Arlindo e Marcos e diminui o passo...

ARLINDO

(A distância.)

Opa, posso falar com tu, bichão?

Vilmar não esboça reação. Mantém a cara dura.
Marcos congela, segurando no braço de Arlindo...

ARLINDO

A gente é da delegacia aqui do lado, mostra documento por favor. Estás zanzando um colega, é?

Posso ver a identidade?

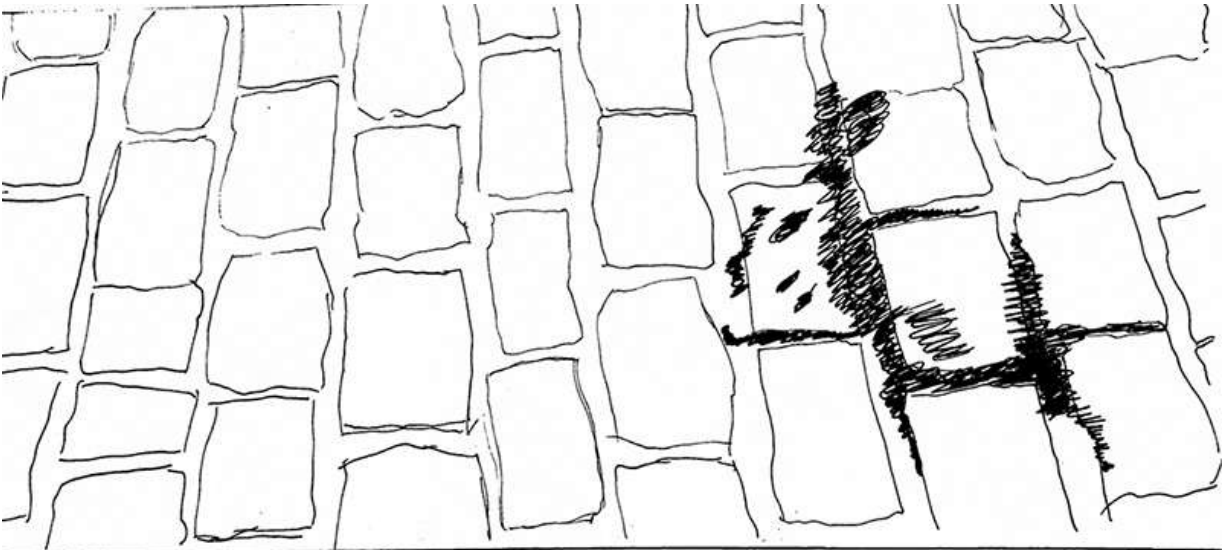
Marcos olha para Vilmar, ele talvez o conheça.

MARCOS

(Nervoso.)

Pera, eu sei quem é esse cara...

Vilmar tem expressão morta na cara, que não anuncia o que ele vai fazer: puxa a arma da cintura e atira quatro vezes com seu .38 mm, o primeiro tiro em Arlindo, no rosto; o segundo, em Marcos, no pescoço; o terceiro em Arlindo, no peito; o quarto em Marcos, no peito, um para cada, ritmo industrial e staccato - BANG - BANG - BANG - BANG...



EXT. SSP/ATENDIMENTO. DIA

Marcelo/Armando vê de longe a cena pela janela, colegas na repartição levantam-se, as pessoas no balcão viram-se, Elisângela vira a cabeça.

INT. DELEGACIA/SALA DE EUCLIDES. DIA

Na sala de Euclides, ele e o filho Sérgio ouvem o barulho.

SÉRGIO

Isso é tiro?

Sérgio e Euclides levantam-se...

CORTA PARA:

EXT. SSP/PÁTIO/ENTRADA. DIA

Arlindo e Marcos caem agonizando, sangue jorrando de buracos na cabeça, no pescoço. Os dois logo estarão mortos.

Vilmar, de quem já vemos as costas, sai andando normalmente, arma discreta para baixo. Por experiência, ele sabe que as chances de alguém tentar pará-lo são pequenas. Ele só precisa cair fora.

CORTA PARA:

EXT. SPP/PÁTIO/ENTRADA. DIA

REVELAMOS que Bobbi estava acompanhando de longe no pátio e viu o desastre acontecendo.

BOBBI

Putá que pariu... Putá que pariu...

De perplexo, ele fica enraivecido ao ver que o esquema deu todo errado. E passa a seguir discretamente Vilmar, que pega a entrada da secretaria.

Bobbi precisa conter Vilmar.

CORTA PARA:

INT/EXT. RUA/GALERIA. DIA

Vilmar vira à direita e some na primeira à esquerda.

O centro da cidade é um espaço aberto e cercado de prédios, bares, ambulantes, milhares de livros, discos e revistas, transeuntes, galerias comerciais.

Vilmar entra numa das galerias.



Bobbi, no encalço, vê Vilmar emburacando na galeria... depois num beco...

Ele percebe algumas pessoas confusas se afastando e um homem com expressão tensa indicando com os olhos que o que ele procura está dentro de uma loja, dentro da galeria...

CORTA PARA:

INT. SSP/SALA DE ARQUIVOS. DIA

Ainda sob o impacto das mortes no pátio, Marcelo/Armando junta as fichas com o nome da sua

mãe - “Maria Aparecida dos Santos” - e as põe em sacola de papel pardo do Bompreço, junto com o desenho do seu filho, Fernando, que ele olha.

Ele percebe Elisângela e Das Dores juntas, olhando para ele, assustadas.

ELISÂNGELA

(Voz baixa.)

Teu nome não é Marcelo, não, né?

Ele faz para as duas um pedido tranquilo de silêncio, com o dedo indicador...

Marcelo/Armando sai da sala, naquele mar de arquivos...

CORTA PARA:

EXT. SSP/PÁTIO/ENTRADA. DIA

De volta ao pátio da repartição, o corpo de Arlindo é carregado às pressas, como um bicho-preguiça morto, para uma Kombi branca, os assentos banhados com o sangue de Marcão, ali já acomodado. Um colega em pé dentro da Kombi cuida, nervoso, dos homens baleados.

As portas da Kombi são fechadas por fora e o veículo arranca às pressas, com os homens abrindo caminho na rua e seguindo para o Hospital da Restauração.

==> Euclides e Sérgio chegam no estacionamento no que a Kombi arranca.

Euclides baixa a vista para o chão de pedra com o sangue ainda fresco de Arlindo e de Marcão.

Lúcio, seu motorista, dirige-se ao delegado veterano:

LÚCIO

Dr., tamo cuidando deles, viu, tão indo pra Restauração... Que desgraceira...

Euclides em estado de choque, Sérgio ao seu lado.

EUCLIDES

(Para Sérgio.)

Aquilo era Arlindo?!

SÉRGIO

(Mão na cabeça.)

Era, pai! Era Lindinho e Marcão!

EUCLIDES

Quem fez isso??

Nesse momento, há uma estranha onda de som, um burburinho que vem de longe na rua e entra no pátio.

Homens começam a reagir e a correr.

Uma movimentação na rua, alguns policiais civis com armas na mão começam a correr numa única direção, curiosos vão junto... ==>

UMA VOZ NA RUA GRITA

Tá tendo mais tiro!

No acesso à rua, há uma movimentação para o lado direito ==> de alguns funcionários e curiosos.

As pessoas dobram a esquina...

Na área de Gotham City... o fluxo de pessoas segue correndo...

EXT. ALFAIATARIA/FACHADA. DIA

Hans vê a kombi com os tiros passando com os corpos. Ouvem-se os tiros de Bobbi.

INT. SSP/SALA ANÍSIO. DIA

Marcelo/Armando chega na sala de Anísio, que está ao telefone, em pé. Ao ver Marcelo/Armando, ele estala os dedos e aponta para o telefone.

ANÍSIO

(Apontando para o bocal do fone.)

É Elza... fecha a porta.

Passa o fone para Marcelo/Armando.

MARCELO/ARMANDO

Elza...

ELZA

(V.O.)

Armando...

MARCELO/ARMANDO

Meu tempo no Recife se esgotou...

CORTA PARA:

INT/EXT. RUA/GALERIA. DIA

Um grupo de homens curiosos aproxima-se lentamente da câmera (ângulo baixo), de olho em algo... O silêncio com o ruído de papéis ao vento anuncia a gravidade do que ocorreu.

TRAVELLING/PONTO DE VISTA - Nos aproximamos do corpo de Bobbi, no chão, dois buracos na cabeça, olhos meio abertos, um olhar sereno, seu rosto reconhecível.

Euclides chega com Sérgio e avança para visualizar o rosto do morto.

EUCLIDES

Sérgio... vê os documentos...

Sérgio aproxima-se fitando o rosto morto, um pouco deformado pelos tiros...

Sérgio parece reconhecer Bobbi:

SÉRGIO

Oxe... pai? Isso...

(Pausa.)

...não é...

EUCLIDES

Quem??

SÉRGIO

O filho lá do Capitão...

Arranca a carteira do bolso dianteiro esquerdo.
Abre...

DETALHE: Carteira de Identidade, “ABDIAS DOS SANTOS GOUVEIA”

Euclides olha para Sérgio.

==> Um homem mais velho vem de trás e já acende duas velas, uma nos pés, outra perto da cabeça.

Um outro, de chapéu, usa o jornal do dia para cobrir parte do tórax e cabeça do morto. Estranhamente, a dupla parece estar lá para garantir os ritos fúnebres nas ruas do Recife...

O jornal que cobre o morto tem estampada a manchete: “Perna Humana Achada na Barriga de Tubarão”

CORTA PARA:

DETALHE. MONITOR DE LAPTOP. ==>

2024. A mesma cena de crime com Bobbi morto MAS AGORA registrada pelo fotojornalismo da época, numa página de jornal digitalizado. O jornal em cima do corpo é visto, as velas etc.

A manchete: “TURISTA PAULISTA ASSASSINADO NO SEBO”

CORTA PARA:

INT. LABORATÓRIO DE DIGITALIZAÇÃO. 2024

Flávia, a estudante que trabalha com as fitas, distancia-se da tela e relaxa na cadeira. Ela olha para Daniela, ali do lado, que vê um vídeo violento de natureza selvagem (cães selvagens destroçando hiena) no YouTube, com headphones.

Flávia toca no braço da colega, que sai do transe, tira os fones.

DANIELA

Oi...

FLÁVIA

Você foi pesquisar essas pessoas ou parou de fazer isso?

DANIELA

Eu sou ansiosa... Das minhas fitas, eu tentei dar Google em alguma coisa, mas não tem nada no Google, né? Esse povo é pré-Google...

Elas se olham.

FLÁVIA

É. Não tão no Google, né? Tem que ir nos jornais.

DANIELA

Bem mais complicado. Eu fui entendendo mais de ouvir mesmo... mas com muita lacuna. Tão me pagando pra transcrever! E eu acho que eu não funciono muito com esse trabalho, não, eu levei uns gatilhos, não sei se você teve isso...

Flávia ouve a colega.

FLÁVIA

Eu tô ouvindo o depoimento de “Anísio”, que tentou ajudar Armando.

Flávia olha na caixa de fitas marcadas com caneta PILOT: “Elza”, “Anísio” e “Sebastiana”.

DANIELA

Tu conseguiu voltar pro caso de Armando? Tu também tava meio gatilhada, né?

FLÁVIA

É... eu me envolvi... aí eu achei que tinha que dar um tempo...

(Faz um gesto com as mãos como se a cabeça tivesse ficado bagunçada.)

Fui ouvir um material de 1975 com “Elza”, que se chama Sara, o nome verdadeiro.

DANIELA

Ah... “Elza” é Sara?

FLÁVIA

Sara. Ela morreu em 2006. A doação do material é de 2015.

DANIELA

Ah... OK. Eu não dou conta de tudo, não...

(Pausa.)

Então... e tu sabe o que aconteceu com Armando?

FLÁVIA

Sei...

(Pausa.)

DANIELA

Mataram ele, né?

FLÁVIA

(Como quem fala de uma pessoa querida.)

É, ele morreu. Foi emboscado voltando pra pegar as coisas dele. Quatro tiros.

DANIELA

(Pausa.)
É isso.

Flávia suspira.

FLÁVIA
Eu não sei por quê, mas a história desse cara me afetou, acho que tem a ver com minha família ser de Pernambuco. Meu avô, que foi meu pai...

CORTA PARA:

INT. SP/CASA DE FLÁVIA. DIA

Uma sala de estar, luz branca, o companheiro de Flávia passa atrás, sem camisa, com menino de 1 ano. Um capacete de motoqueiro na entrada. Uma senhora vê TV, talvez a tia de Flávia.

Flávia olha diretamente para o computador enquanto alimenta o filho MARCELO com papinha.

Ela vira instintivamente o filho para o lado, sem que o bebê possa ver o monitor (que ainda não vemos). Olha ao redor para ver se o companheiro está vendo a tela.

UM CLOSE-UP de Flávia.

DETALHE/MONITOR

A página do jornal datada “27 de Fevereiro 1977”.

UMA FOTO: com toda a franqueza e grosseria do fotojornalismo da época, Marcelo/Armando no chão, morto, tiras de sangue ligando o ouvido esquerdo à boca, olhos meio abertos, usando as mesmas roupas

trajadas naquele dia do incidente no Instituto de Identificação.

UMA SEGUNDA FOTO contextualiza o corpo jogado no meio do pátio do Edifício Ofir. PODERÁ lembrar a imagem do corpo no posto de gasolina, no início da nossa história.

MANCHETE: *“Pesquisador Morto a Tiros Era Acusado de Corrupção”*

SUBTÍTULO: *“Polícia investiga se a vítima estava envolvida em crimes sob investigação em Brasília”*

Flávia vira o olhar e fecha o laptop...

CORTA PARA:

INT. AEROPORTO GUARARAPES/DESEMBARQUE 2024.
DIA

No aeroporto Gilberto Freyre, no Recife, Flávia desembarca com a sua malinha de rodinha.

INT/EXT. HEMOCENTRO/FACHADA. DIA

Flávia sai de um táxi com sua malinha. Ela entra num hemocentro no Recife e fala na recepção.

INT/EXT. HEMOCENTRO/RECEPÇÃO. DIA

Aproxima-se do balcão:

FLÁVIA

Por favor, o Dr. Fernando de Melo Solimões.

RECEPCIONISTA

Dr. Fernando, você vai doar, né?

Flávia ri, e confirma com algum nervosismo.

RECEPCIONISTA

Ele deixou avisado pra lhe encaminhar... Preencha aqui, por favor...

Uma ficha com caneta ==>

CORTA PARA:

INT. HEMOCENTRO/CENTRO DE DOAÇÃO. NOITE

Um espaço vasto estilo galpão climatizado com cerca de vinte estações de doação de sangue, quase todas ocupadas por homens, número menor de mulheres.

Flávia está recostada numa poltrona de doação de sangue, braço estendido, desconfortável por ter sido furada, mas encarando firme o desafio. Seu sangue vai para a bolsa ligada por fino tubo vermelho.

Ela vê alguém se aproximando: FERNANDO.

UM PLANO REVELADOR ===> Fernando aproxima-se de jaleco, é o médico de plantão. Fernando é um caso claro de cópia escarrada do pai, Armando. Às vezes, a genética é preguiçosa e usa o projeto do pai que já estava pronto.

Fernando parece mais velho do que seu pai na última vez que o vimos, em 1977. Um pouco mais gordo também. Mas é ele, o filho querido de Armando.

FERNANDO

(Aproximando-se.)
Flávia?

FLÁVIA
(Um sorriso desconfortável com o braço
estendido e cabeça reclinada.)
Dr. Fernando?

FERNANDO
Menina, eu tava brincando quando eu falei que
só conversava com você se doasse sangue!

FLÁVIA
(Superando o desconforto, cabeça dura.)
Haha. Tudo bem, é minha primeira vez doando, é
importante, né...
(Respira fundo.)
Tudo bem? Prazer...

Fernando olha para a mala.

FERNANDO
Veio direto do aeroporto?

Flávia assente com um gesto de cabeça, tensa.

UMA FUSÃO:

(UMA ELIPSE.)

A bolsa de sangue cheia ==> a técnica em
enfermagem tira a agulha, Fernando avança para
ajudar Flávia a se levantar.

FERNANDO
Segura a minha mão... respira fundo. Vamos
levantar agora, bem devagar...

Ela levanta-se, incerta, segura nas mãos dele.

FLÁVIA

Tô um pouco tonta...

FERNANDO

(Estala dedos.)

Normal, olha pra mim... Respira fundo...

Ela respira fundo.

FLÁVIA

Que bom que eu doeie sangue...

FERNANDO

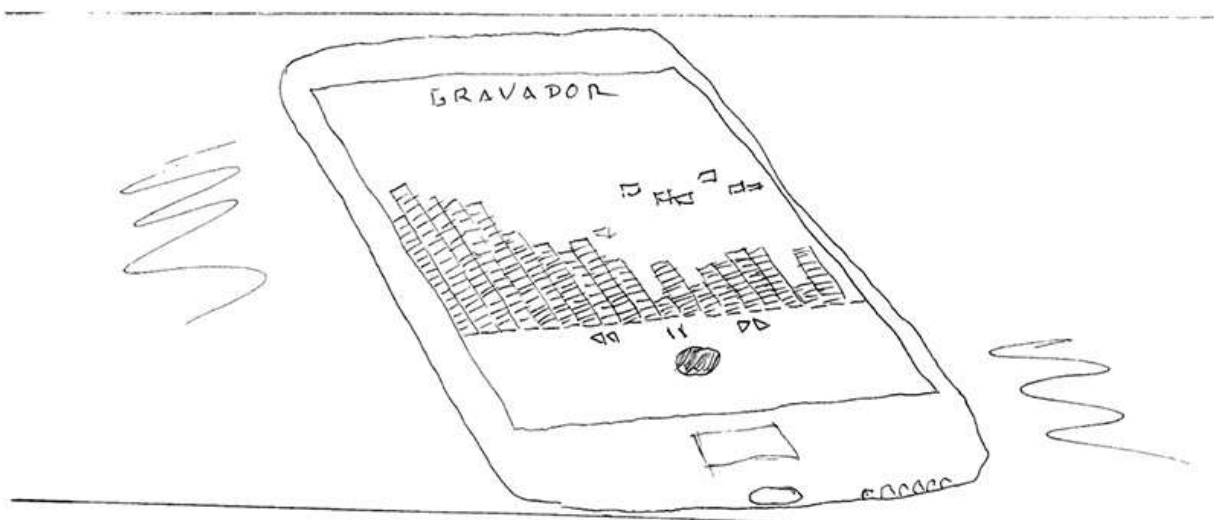
Isso, é muito importante, parabéns...

CORTA PARA:

INT. HEMOCENTRO/SALA DE FERNANDO. NOITE

Uma sala pequena, branca, sem luxo, localizada no banco de sangue. É usada por Fernando, mas não é a sala de ninguém.

DETALHE: telefone em modo GRAVADOR em cima da mesa, perto de Fernando, que está sentado.



FERNANDO

(Conversa já em andamento.)

...Meu avô, por parte de pai, engravidou a filha da empregada, da senhora que trabalhava na casa da família em Bonito, aqui em Pernambuco. Meu avô tinha 17 anos quando engravidou a minha avó, ela tinha 14 anos. Minha avó era da casa, mas era serviçal, a escrava ainda...

(Pausa.)

Flávia ouve.

FERNANDO

Eu sei que chamavam minha avó na família de "índia". Ela era "índia", mas o filho dela com meu avô era "bonito", entendeu?

(Pausa.)

É difícil falar disso, eu falei disso poucas vezes, eu falei com a minha segunda ex-mulher... mas eu não falei isso com a minha primeira esposa...

Não sei ainda por quê...

Flávia ouve.

FLÁVIA

E seu pai, o Armando?

FERNANDO

Meu pai, Armando, nasceu dessa relação entre um pai de 17 anos e uma mãe empregada da casa, menina ainda.

E a parte rica da família tomou o menino pra criar, e minha avó, adolescente, não teve como fazer nada, ela era uma menina ainda.

Casamento... esqueça... Aí, eles tomaram o menino, meu pai - e isso eu ouvi muitas vezes -, porque meu pai era um bebê "bonito". Depois Armandinho virou um menino "bonito", e foi assim que ele foi criado pela família do meu avô... Minha avó, a mãe do meu pai, foi viver a vida dela e teve mais três filhos com dois outros homens. Essa parte da história eu conheço, porque meu tio Natalício me contou. Meu tio trabalhou em livrarias a vida toda, ele morreu uns dez anos atrás...

(Pausa.)

Flávia ouve.

FLÁVIA

Eu sei que seu pai passou um tempo procurando o registro de carteira de identidade da mãe dele, no Recife. Isso tá num dos depoimentos...

FERNANDO

Aí eu não sei...

FLÁVIA

(Pausa.)

O senhor tem documentos guardados da sua avó?

FERNANDO

Não... eu não tenho nada da minha avó, mãe do meu pai. Foto, nada.

Olha para Flávia, está desconfortável.

FERNANDO

E essas fitas apareceram como?

FLÁVIA

Pela filha de Sara Gerber, que seu pai conheceu como Elza. Na época em que ele tava sendo perseguido.

FERNANDO

(Pausa.)

Eu não tenho como entrar nesse assunto, tá certo, Flávia?

FLÁVIA

(Pausa.)

Certo... A universidade particular que recebeu esse acervo, e que me pagou pra transcrever, viu que tem muita informação que - para eles - é delicada, ou seja, é melhor que ninguém saiba... Eles pediram as fitas de volta e eu acho que já mandaram destruir esse material.

Fernando ouve, vagamente interessado.
Flávia percebe.

FLÁVIA

Mas isso não importa, porque eu copieei tudo... Eu vim aqui por causa do seu pai... Eu gostei de ouvir o depoimento dele e fiquei impressionada com a história dele. Ele parecia ser uma boa pessoa.

Ela abre a bolsa e põe na mesa um pen drive.

FLÁVIA

E aí, eu trouxe o material aqui para o senhor ouvir, se lhe interessar.

É pro senhor. É seu.

Fernando vê o pen drive e não se mexe.

FERNANDO

(Olhando para o pen drive.)

No dia da morte dele, eu soube que eu fiquei esperando ele vir me pegar... meu avô sempre falava isso...

(Pausa.)

Eu não lembro do meu pai... Eu tinha 8 anos quando mataram ele... Talvez você lembre dele mais do que eu lembro...

CORTA PARA:

INT. HEMOCENTRO/CENTRO DE DOAÇÃO. NOITE

Fernando acompanha Flávia até a saída, passando pela área de coleta de sangue. Ele diz:

FERNANDO

Eu não ajudei muito não, né...

FLÁVIA

Foi muito bom lhe conhecer, de verdade. Eu vou aproveitar essa viagem pra Recife pra ver gente da família que eu não conheço. Meu avô é daqui, ele trabalhou numa casa de família bem nessa praça aqui do lado, praça Chora Menino... desde pequena que eu ouço falar dessa praça.

FERNANDO

É bonito o nome dessa praça, né? Praça Chora Menino!

FLÁVIA

É bonito. Que coincidência, não é?
Eu vir logo aqui, junto de onde viveu meu avô...

FERNANDO

Quer uma coincidência? Quando eu era criança, eu queria ver muito aquele filme *Tubarão*, meu avô não deixava eu ver pra eu não ficar com medo. Eu tinha pesadelo só de ver o cartaz do filme!

CORTA PARA:

EXT. HEMOCENTRO/FACHADA. NOITE

FERNANDO

Aí, finalmente, ele decidiu me trazer pra ver o filme, e eu vi o filme numa reprise, e eu parei de ter pesadelo quando eu vi o filme... e ADIVINHA onde eu vi o filme? Você não vai saber nunca.

FLÁVIA

Não sei. Eu não vou ao cinema...

FERNANDO

Veja como as coisas são. O cinema era exatamente aqui...

Fernando aponta para o hemocentro.

FLÁVIA

Aqui era um cinema?

FERNANDO

Aqui era o Cinema Boa Vista, onde eu vi
Tubarão. E hoje eu trabalho aqui.

Flávia olha ao redor. Olha para Fernando e aperta
a sua mão.

FLÁVIA

Bom, muito obrigada.

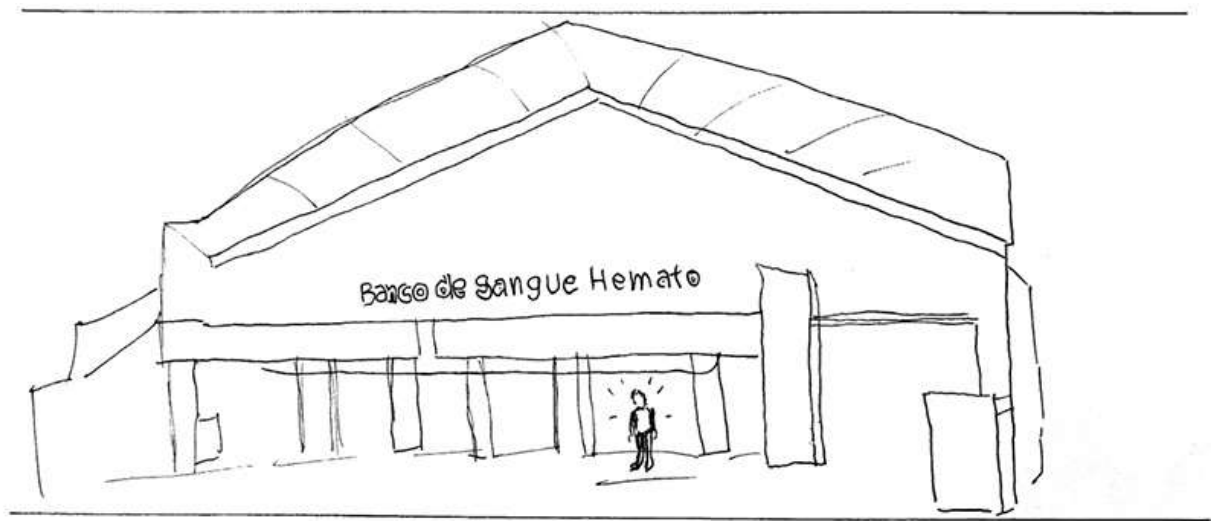
Ela entra no carro de aplicativo. Dá adeus.

CORTA PARA:

Um CLOSE-UP de Fernando.

CORTA PARA:

EXT. HEMOCENTRO/FACHADA. NOITE



“HARPA DOS ARES”, de Lula Côrtes e Zé Ramalho...

Um plano aberto que revela o volume imponente do
que havia sido um antigo cinema grande, hoje um
hemocentro. O carro em que Flávia está parte, e

vemos a silhueta de Fernando em pé sozinho, na fachada. Ele dá as costas e entra.

FIM.